



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Eliane Almeida Balonecker Siqueira

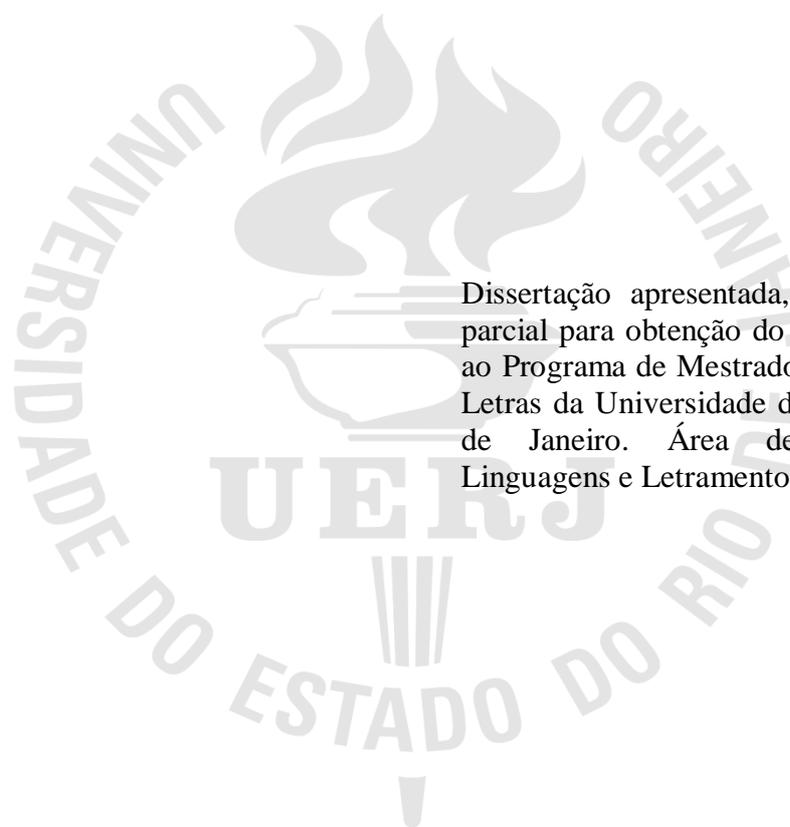
**Autonomia, letramentos sociais e participação: os caminhos percorridos
com os estudantes do oitavo ano de uma escola pública estadual no Gradim**

São Gonçalo

2020

Eliane Almeida Balonecker Siqueira

**Autonomia, letramentos sociais e participação: os caminhos percorridos com os
estudantes do oitavo ano de uma escola pública estadual no Gradim**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Marcia Lisbôa Costa de Oliveira

São Gonçalo

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

S618 Siqueira, Eliane Almeida Balonecker.
Autonomia, letramentos sociais e participação: os caminhos percorridos com os estudantes do oitavo ano de uma escola pública estadual no Gradim / Eliane Almeida Balonecker Siqueira. – 2020.
143f.: il.

Orientadora: Prof.^a Dra. Marcia Lisbôa Costa de Oliveira.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Letramento – Aspectos sociais – Teses. 2. Autonomia – Teses. I. Oliveira, Marcia Lisbôa Costa de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994 CDU 372.41

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Eliane Almeida Balonecker Siqueira

**Autonomia, letramentos sociais e participação: os caminhos percorridos com os
estudantes do oitavo ano de uma escola pública estadual no Gradim**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Aprovada em 10 de março de 2020.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Marcia Lisbôa Costa de Oliveira
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Kátia Nazareth de Moura Abreu
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Valéria Campos Muniz
Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES/RJ

São Gonçalo

2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais: *Clarice e Alzerino*, que desde cedo me ensinaram que “crer em Deus modifica totalmente a minha vida e o modo como vejo e interpreto o mundo, que viver a partir dessa crença em Deus é sentir-se sempre acompanhado, é contar com uma mão que nos segura, ampara e nos carrega na palma” (BOFF, 2012, p. 51).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela beleza da vida e pela oportunidade de ingressar, cursar e concluir o Mestrado Profissional em Letras.

Minha gratidão especial à professora Dr^a Marcia Lisbôa, ser humano excepcional e freireana genuína, que me conduziu com tamanha sensibilidade e delicadeza, orientando este trabalho de forma sensata e competente.

À professora Dr^a Kátia Nazareth de Moura Abreu e à professora Dr^a Valéria Campos Muniz por aceitarem fazer parte da banca desta pesquisa, pelo tempo dedicado à leitura do meu texto e por grandes contribuições no momento da qualificação.

Ao encontro com os colegas professores da turma PROFLETRAS/2018. Quanta admiração, quanto empenho, quanta leveza e alegria no ofício de ser professor!

Aos professores e professoras do PROFLETRAS que ressignificaram a minha prática docente. Tem um pouco de cada um nesta pesquisa.

À Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que viabilizou meu aprendizado, transformando mais um sonho em realidade.

À minha amiga, colega de trabalho e grande mestra, Tania Nunes, seu olhar atento às minhas palavras não será esquecido jamais.

Aos colegas da Escola Municipal Heloneida Studart por me ajudaram nessa conquista.

À equipe pedagógica do Colégio Estadual Coronel Francisco Lima, em especial à minha diretora geral Zenaide Toledo, por sua gestão democrática, que nos chama à tomada de decisões coletivas e conscientes, permitindo o estímulo à autonomia e ao protagonismo estudantil.

Às professoras, direção e estudantes do CIEP 250 pelo entendimento do projeto e parceria na execução das atividades.

Aos meus afetuosos alunos da turma 802/2019 que marcaram minha trajetória profissional e pessoal. Espero ter contribuído para que promovam a justiça social por onde passarem.

Ao meu marido Leonardo, que sempre acreditou em mim, sendo vital em me apoiar nessa longa caminhada que percorremos juntos.

Aos meus filhos: Letícia e Bernardo, que são juntos o meu maior sonho realizado. Agradeço por cada beijo e abraço nos momentos que eu pensava estar sozinha. Vocês me inspiram a prosseguir.

As palavras estão grávidas de significados existenciais. Nelas os seres humanos acumulam infindáveis experiências positivas e negativas, experiências de busca, de encontro, de certeza, de perplexidade e de mergulho no Ser.

Leonardo Boff

RESUMO

SIQUEIRA, Eliane Almeida Balonecker. *Autonomia, letramentos sociais e participação: os caminhos percorridos com os estudantes do oitavo ano de uma escola pública estadual no Gradim*. 2020. 143f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

As ações da presente pesquisa têm como embasamento teórico os estudos dialógicos e interacionistas da linguagem, idealizados por Mikhail Bakhtin e seu Círculo, com considerações acerca da teoria enunciativa defendida por Cecília Goulart, segundo a qual “enunciar é argumentar”, bem como os conceitos de experiência/sentido de Jorge Larrosa Bondía, passando pelas ideias de educação como ato político e da formação emancipadora do discente, através da pedagogia crítica de Paulo Freire e das reflexões de Edgar Morin acerca da complexidade do indivíduo. A proposta de trabalho ora partilhada utilizou a metodologia da pesquisa-ação socialmente crítica (TRIPP), e propôs a elaboração didática participativa (OLIVEIRA, 2019), que sugere atividades educacionais de cunho qualitativo com viés político e ideológico, recorrendo ainda aos estudos dos letramentos sociais (STREET, 2014). O estudo apresentado visa apresentar minha prática docente junto aos estudantes de uma turma de oitavo ano do ensino fundamental, no Colégio Estadual Coronel Francisco Lima (CECFL), unidade escolar situada no bairro Gradim, município de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro e procura incentivar o poder pertinente aos jovens de refletir, repensar, criar e compartilhar suas experiências; assim como Paulo Freire sugere do “dizer a sua palavra”; buscou ainda, apresentar uma proposta pedagógica didática colaborativa, na qual se fez necessário uma relação de parceria entre estudantes e professora, que se enxergam como colaboradores, com uma visão de mundo mais altruísta e ações voltadas aos valores sociais. As atividades que desenvolvemos foram prospectadas acreditando no potencial dialógico que a sala de aula proporciona e na valorização da criatividade e da autonomia discentes e foram produzidas em parceria interinstitucional entre o CECFL, o CIEP 250 Rozendo Rica Marcos e a UERJ/FFP. Desenvolvemos com uma turma uma pesquisa de opinião, em que os estudantes elegeram como tema o bairro em que moram/estudam, realizando ações práticas pelo bairro, que suscitou o desenvolvimento de oficinas para os alunos do referido CIEP, integrando-se ao projeto que a equipe vinha desenvolvendo, com base nas orientações de Leonardo Boff de cuidar de si, do outro e do planeta. A presente pesquisa mostrou que é possível aprender além dos muros da escola, com práticas significativas vividas pelos estudantes e pela professora-pesquisadora, transformando uma experiência pedagógica, em uma experiência humana.

Palavras-chave: Autonomia estudantil. Letramentos sociais. Enunciação. Participação.

ABSTRACT

SIQUEIRA, Eliane Almeida Balonecker. *Autonomy, social literacy and participation: the paths taken by eighth-year students at a state school in Gradim*. 2020. 143f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

The actions of the present research are based on the theoretical dialogical and interactionist studies of language, idealized by Mikhail Bakhtin and his Circle, with considerations about the enunciative theory defended by Cecília Goulart, according to which “to enunciate is to argue”, as well as the concepts of experience / sense of Jorge Larrosa Bondía, passing through the ideas of education as a political act and the emancipating formation of the student, through Paulo Freire's critical pedagogy and Edgar Morin's reflections on the individual's complexity. The work proposal now shared used the methodology of socially critical action-research (TRIPP), and proposed the participatory didactic elaboration (OLIVEIRA, 2019), which suggests qualitative educational activities with a political and ideological bias, also resorting to studies of literacies (STREET, 2014). The study presented aims to observe my teaching practice with students of a class of eighth grade of elementary school, at Colonel Francisco Lima State College (CECFL), a school unit located in the district of Gradim, municipality of São Gonçalo, state of Rio de Janeiro and sought encourage the pertinent power of young people to reflect, rethink, create and share their experiences; as Paulo Freire suggests from “saying your word”. The activities we developed were explored believing in the dialogical potential that a classroom provides and in valuing students' creativity and autonomy and were produced in an interinstitutional partnership between CECFL, CIEP 250 Rozendo Rica Marcos and UERJ / FFP. We developed an opinion poll with a group of eighth grade students, in which students chose the neighborhood in which they live / study as their theme, carrying out practical actions in the neighborhood, which led to the development of workshops for the students of that CIEP, integrating to the project that the team had been developing, based on Leonardo Boff's guidelines for taking care of yourself, the other and the planet. The present research showed that it is possible to learn beyond the walls of the school, with significant practices lived by the students and the teacher-researcher, transforming a pedagogical experience, into a human experience.

Keywords: Student autonomy. Social literacies. Enunciation. Participation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Salário médio mensal dos trabalhadores formais no município de São Gonçalo	22
Figura 2 -	Índices de trabalho e rendimento - Município de São Gonçalo	23
Figura 3 -	Índices educacionais - Município de São Gonçalo	23
Figura 4 -	Placa pública na entrada do bairro Gradim	24
Figura 5 -	Pracinha do Gradim em dia de feira livre	25
Figura 6 -	Fachada do Colégio Estadual Coronel Francisco Lima	25
Figura 7 -	IDEB e aprendizado - C. E. Coronel Francisco Lima	28
Figura 8 -	Desempenho escolar do C. E. Coronel Francisco Lima	30
Figura 9 -	A turma 802	32
Figura 10 -	Registro de lixo pelo bairro	59
Figura 11 -	Culminância do projeto integrado	60
Figura 12 -	O momento da conclusão das entrevistas pelo bairro	67
Figura 13 -	Apresentação de divulgação dos resultados para a comunidade escolar	74
Figura 14 -	Mural de frases sobre o bairro	75
Figura 15 -	Crachá	78
Figura 16 -	Dinâmica Alimentação Saudável	80
Figura 17 -	Dinâmica Alimentação Saudável	81
Figura 18 -	Cartaz sobre alimentação saudável	82
Figura 19 -	Lanche coletivo	83
Figura 20 -	Lanche coletivo	83
Figura 21 -	Dinâmica das mãos	84

Figura 22 -	Mural produzido com os trabalhos dos alunos de 3º, 4º e 5º anos	85
Figura 23 -	Mural produzido com os trabalhos dos alunos de 3º, 4º e 5º anos	85
Figura 24 -	A beleza de cuidar do outro	86
Figura 25 -	A beleza de cuidar do outro	86
Figura 26 -	A beleza de cuidar do outro	86
Figura 27 -	Dinâmica Higiene e limpeza	88
Figura 28 -	Banho de bonecas e bonecos	88
Figura 29 -	Banho de bonecas e bonecos	89
Figura 30 -	Dança das cadeiras	89
Figura 31 -	Brincadeira de roda	90
Figura 32 -	Brincadeira com bexigas	91
Figura 33 -	Palestra de Romario Regis	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Evolução do índice de aprendizado - C. E. Cel Francisco Lima	29
Gráfico 2 -	Leitura e escrita fora da escola	51
Gráfico 3 -	Escrita fora da escola	51
Gráfico 4 -	Finalidade da escrita fora da escola	52
Gráfico 5 -	Interlocutores fora da escola	53
Gráfico 6 -	Frequência em espaço de circulação da escrita	53
Gráfico 7 -	Frequência de leitura fora da escola	54
Gráfico 8 -	Frequência em espaço de circulação da leitura	55
Gráfico 9 -	Categorização de leituras fora da escola	55
Gráfico 10 -	Objetivos da leitura cotidiana	56
Gráfico 11 -	Frequência a espaços de circulação da leitura	57
Gráfico 12 -	Leituras recentes	57
Gráfico 13 -	Opiniões sobre o bairro	68
Gráfico 14 -	Melhorias no bairro	68
Gráfico 15 -	O melhor do bairro	69
Gráfico 16 -	Melhorias para o bairro	69
Gráfico 17 -	A acessibilidade no bairro	70
Gráfico 18 -	O trânsito no bairro	71
Gráfico 19 -	Saúde pública no bairro	71
Gráfico 20 -	Iluminação pública	72
Gráfico 21 -	Coleta de lixo no bairro	72
Gráfico 22 -	O melhor lugar do bairro	73

LISTA DE ABREVIATURAS

CECFL	Colégio Estadual Coronel Francisco Lima
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
NEPSO	Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
SEEDUC	Secretaria de Estado de Educação
UE	Unidade Escolar

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
1	IDENTIDADE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	20
1.1	O campo da pesquisa: a cidade, o bairro e a escola	21
1.2	A interação entre os sujeitos da pesquisa	31
2	METODOLOGIA: REPENSANDO A PRÁTICA	33
2.1	A valorização da autonomia, do dialogismo e da experiência do educando	33
2.2	A pesquisa-ação socialmente crítica (PASC), a formação inventiva e a elaboração didática-colaborativa	39
3	RELATOS E ANÁLISE DA PESQUISA – OS CAMINHOS QUE PERCORREMOS JUNTOS	45
3.1	O caminho para nos conhecer: estudantes e professora-pesquisadora	46
3.2	O caminho para melhor conhecê-los: o questionário exploratório	49
3.3	O caminho da conscientização: o Gradim que temos	58
3.4	O caminho pelo bairro: o Gradim que queremos	60
3.5	O caminho até o CIEP 250: o Gradim de mudanças	75
3.5.1	<u>Alimentação saudável</u>	79
3.5.2	<u>A beleza está em todos nós</u>	83
3.5.3	<u>Banho de bonecas e bonecos</u>	87
3.5.4	<u>Culminância dos encontros</u>	89
4	CONTINUIDADE DA PESQUISA	94
4.1	O legado e os efeitos da pesquisa	95
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
	REFERÊNCIAS	100

APÊNDICE A – Produção textual “Desejos para 2019”	102
APÊNDICE B – Produção da atividade: Linha do Tempo	108
APÊNDICE C – Releitura das obras do artista plástico Ivan Cruz	112
APÊNDICE D – Produção textual: Autobiografia	116
APÊNDICE E – Questionário sobre leitura e escrita na vida cotidiana	122
APÊNDICE F – Questionário elaborado pela turma para as entrevistas ...	127
APÊNDICE G – Autoavaliação do projeto desenvolvido no CIEP	129
ANEXO A – Autorização para o desenvolvimento da pesquisa no CECFL	140
ANEXO B – Termo de autorização para uso de imagens e produções	141
ANEXO C – Texto motivador para o projeto “Jovem, cadê sua opinião?”.	142
ANEXO D – Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos	143

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Criar espaços dialógicos para que o estudante possa “dizer a sua palavra” (FREIRE, 1987, p.78) é um grande desafio pedagógico, já é comum a concepção de escola como detentora dominante do conhecimento e o professor como o gestor do espaço escolar denominado sala de aula. Tal concepção mostra-se inadequada ao contexto contemporâneo.

Cada vez mais, a pedagogia deve ser dinâmica, com mudança do paradigma da educação bancária, definida por Paulo Freire (1987) como aquela que educa para a submissão em uma sociedade tida como estática e compartimentada, que a enforma, na qual o educador deposita o conhecimento e o aluno recebe. A educação bancária possui visão estruturalista, fragmentada e mecânica, devendo ser combatida com perspectivas pedagógicas transformadoras e dialógicas, para assim, estimular novos saberes e inteligências.

Para tanto, o professor precisa ser um sujeito reflexivo acerca de suas práticas, um mediador que compreende, reflete e repensa suas frustrações e fortalece seus sucessos, portanto, aberto à sua própria transformação, assim como sugere Paulo Freire:

[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre sua prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessários à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (...) quanto mais me assumo como estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar (FREIRE, 2001, pp. 43 e 44).

É mister refletir: os estudantes dão significado ao que estudam? É possível intensificar a participação estudantil nas aulas? Os conteúdos escolares estão de acordo com a realidade vivida pelos jovens? Como professora, reflito que ensinar não é transmitir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção e construção coletivas? A escola colabora para o desenvolvimento de uma cidadania ativa do estudante e sua autonomia no processo de aprendizagem?

A educação hoje exige grandes demandas que apontam para a coletividade, por isso precisa estar voltada para as possibilidades de transformação social, com práticas pedagógicas que estimulem a emancipação dos indivíduos, em prol de um bem comum.

Considero que nossos estudantes precisam dar significação ao que aprendem, precisam ser estimulados na construção do seu próprio conhecimento, na busca de novos saberes e na ampliação de sua visão de mundo, numa perspectiva com mais relação com as experiências vividas e partilhadas, para juntos atingirmos uma consciência da realidade em que estamos

inseridos, buscando a transformação social e a habilidade de ouvir, de participar e de argumentar de forma crítica, coerente, dialógica e tolerante.

É um grande desafio fazer com que o estudante perceba-se não mais como um ser passivo e que aguarda comandos, mas como um importante agente nas relações estabelecidas em sala de aula. A valorização de sua realidade, de sua identidade, de sua autoestima corroboram para o seu desempenho, visto que ele, mesmo fora da escola, já é um sujeito que participa de diferentes atividades de “práticas de letramento”. Segundo Brian Street: o conceito de “práticas do letramento” se coloca num nível mais alto de abstração e se refere ao comportamento e às conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou escrita (STREET, 2014, p. 18).

A verdadeira aprendizagem é aquela em que os educandos “vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 2001). Segundo Paulo Freire,

é exatamente nesse sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível e essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (p. 29).

Como afirma Freire “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém” (2001, p. 121), sendo assim, o ato de aprender e ensinar e tudo o que ocorre em sala de aula não está somente sob o controle e o comando do professor, mas também do estudante, isto é, de todos os participantes do exercício educativo.

No momento em que o estudante participa dos processos decisórios da sala de aula, muitas possibilidades criadoras surgem, pois aprender é, por assim dizer, um processo interacional que exige a união e sinergia de todos os envolvidos: professor-estudante-escola-comunidade.

A presente dissertação apresenta a proposta de pesquisa-ação socialmente crítica (TRIPP, 2005) com foco na colaboração e na cooperação entre as partes envolvidas nesta pesquisa, intentando promover trabalhos pedagógicos em equipe com estudantes participantes do processo ensino-aprendizagem (LIMA, 2010).

A elaboração didática colaborativa (OLIVEIRA, 2019), conceito que explicaremos mais adiante, se fez presente na presente pesquisa, a fim de buscar desenvolver a participação e envolvimento de todos, a competência argumentativa e a capacidade de escuta atenta, ativa e efetiva dos estudantes em sala de aula, incentivando a cultura democrática na escola, trocas

pedagógicas entre docentes e discentes; promovendo lideranças entre os mesmos para efetivas ações em sala de aula, na escola e na comunidade.

Em algumas aulas de língua portuguesa a situação gerada para a escrita não auxilia o discente, em especial do ensino fundamental, a construir uma base de orientação que favoreça o resgate de experiências significativas com a língua para apoiar a escrita de textos da ordem do argumentar.

As linguagens sociais legitimadas pela escola sofrem um processo de escolarização que as distanciam das linguagens sociais do cotidiano. No momento em que se conciliam essas duas linguagens, a apropriação da palavra do outro pode produzir novos sentidos dentro e fora da escola (ALBERIGI, 2019, p. 16).

Em geral, os estudantes do ensino fundamental participam de poucas atividades de leitura e de produção de textos orais e escritos que visam o desenvolvimento de estratégias opinativas e argumentativas, o que é tratado com mais sistematização no ensino médio. Algumas vezes, o texto é usado para a busca de sentidos no próprio texto, numa perspectiva mais passiva com o uso da palavra, permitindo poucas construções de significados. Acrescento ainda, que muitos se sentem mais familiarizados com a produção de textos narrativos, que são trabalhados durante um tempo maior da jornada escolar. Ainda é um grande desafio a sistematização de habilidades para a produção de textos do gênero argumentativo em nossas salas de aula.

Frente a tal questão, há a necessidade de um trabalho linguístico-pedagógico planejado e voltado para a dimensão da realidade e das relações humanas, que busquem estratégias didático-pedagógicas em prol de colaborar para que os estudantes sejam capazes de desenvolver habilidades que possibilitem uma participação mais crítica na sociedade.

No ensino de língua materna é preciso pensar estratégias de leitura e de produção textual que fomentem a reverberação dos textos lidos, a compreensão, a livre expressão, o diálogo, o confronto e a tolerância dos diferentes pontos de vista. “A língua se deduz da necessidade do homem de expressar-se, de exteriorizar-se” (BAKHTIN, 1997, p. 289).

Segundo Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independente de sua dimensão, são diálogos (FIORIN, 2018, p. 21).

Ao promover condições favoráveis para o desenvolvimento do ouvir, do opinar, do refletir; favorecemos a compreensão de mundo do estudante e a ampliação de seus

conhecimentos e de sua capacidade opinativa e argumentativa, para assunção de autoria nos textos que ele produz, entendendo que

a argumentação é inerente ao princípio dialógico dos enunciados, considerando que todo enunciado é dirigido a alguém, na cadeia enunciativa infinita. Enunciar é agir sobre os outros, o que significa que vai além de compreender e responder enunciados. Este interesse relaciona-se com uma questão que permanentemente enfrentamos na escola: a dificuldade que os estudantes têm de compreender e elaborar o discurso verbal (GOULART, 2007, p. 93).

Compreendendo que não há um “letramento único e neutro, com L maiúsculo e no singular” (STREET, 2014, p. 18), caminhamos também para os letramentos sociais sugeridos por Brian Street, propondo conteúdos e estratégias de letramento como prática social.

O conceito de práticas de letramentos possibilita analisar e interpretar as práticas sociais que envolvem a linguagem escrita e também as concepções de escrita e leitura predominantes num determinado grupo social.

É correto afirmar que, a respeito da natureza social do letramento, são as concepções sociais e culturais que dão sentido aos usos da leitura e da escrita na escola e na sociedade. Precisamos ensinar aos estudantes, não somente os aspectos técnicos da linguagem, mas fundamentalmente, ajudá-los a perceber que seu uso possui natureza social e ideológica e deve estar de acordo com a pluralidade dos usos sociais que fazemos da língua.

O ensino pautado no modelo de educação bancária, definido por Paulo Freire, sugere a transmissão de conhecimento pela narração alienada e alienante (1987), como ocorre, no ensino das regras gramaticais, por exemplo, baseadas em modelos prontos e acabados. As práticas sociais do letramento permitem a participação do sujeito nas culturas locais, isto é, o sujeito como um agente social. A relação interacional e dialógica estabelecida em sala de aula já é, por assim dizer, uma influência dos letramentos sociais.

Penso que o conceito de práticas de letramento é realmente uma tentativa de lidar com os eventos e com os padrões de atividades de letramento, mas para ligá-los a alguma coisa mais ampla de natureza cultural e social. E parte dessa ampliação envolve atentar para o fato de que trazemos para um evento de letramento conceitos, modelos sociais relativos à natureza da prática e que o fazem funcionar, dando-lhe significado (STREET; 2012, p. 76).

Com base nessas reflexões, esta pesquisa visa relatar minha prática docente junto aos estudantes de uma turma de oitavo ano do ensino fundamental, no Colégio Estadual Coronel Francisco Lima (CECFL), unidade escolar situada no bairro Gradim, município de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro. As atividades que desenvolvemos foram prospectadas considerando o potencial dialógico que uma sala de aula proporciona e na valorização da

criatividade e da autonomia discentes. Incentivando o poder pertinente dos jovens de refletir, repensar, criar e compartilhar suas experiências, assim como Paulo Freire sugere do “dizer a sua palavra”.

Partindo desses questionamentos, reflexões e desafios, o presente estudo é fruto do desenvolvimento de uma pesquisa colaborativa com a turma 802, tendo como proposição a concepção de que “enunciar é argumentar” (GOULART, 2007, p.93), valorizando os saberes dos estudantes, promovendo a cooperação entre os pares e favorecendo a autonomia discente, na perspectiva do letramento social (STREET, 2014).

Para alcançar o objetivo geral, alguns caminhos precisam ser seguidos, como: construir estratégias de atividades com base nos conceitos teóricos no campo dos letramentos sociais desenvolvidos por Street, tendo como ação o projeto didático “Jovem, cadê sua opinião?” com ênfase em uma metodologia educacional de pesquisa educativa de opinião (Manual do NEPSO), entendendo o letramento como prática social. Desenvolver uma pesquisa-ação socialmente crítica com foco na colaboração e na cooperação entre as partes, a partir de trabalhos pedagógicos em equipe, para a promoção de estudantes protagonistas do conhecimento e do processo ensino-aprendizagem (LIMA, 2010). Planejar e implementar uma elaboração didática participativa (OLIVEIRA, 2019) que colabore no desenvolvimento da competência argumentativa, na capacidade de escuta, propondo atividades de produção textual oral e escrita que levem à autonomia e ao protagonismo discentes, para que juntos possamos dizer a nossa palavra, promovendo ações de “con-vivência” e “inter-ação” (BOFF, 2014) na escola e no bairro em que vivem. Analisar, por fim, os trabalhos propostos para/com a turma durante o ano letivo, com base na elaboração didática colaborativa, fundada na tríade experiência, agência e crítica (OLIVEIRA, 2019).

Trabalhando os conteúdos do Currículo Mínimo da rede estadual de educação, documento norteador, concebido e definido pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, desenvolvemos a criatividade e a reflexão dos educandos em prol da construção de sentidos no mundo e para o mundo em que agimos e interagimos.

O Currículo Mínimo visa estabelecer harmonia em uma rede de ensino múltipla e diversa, uma vez que propõe um ponto de partida mínimo - que precisa ainda ser elaborado e preenchido em cada escola, por cada professor, com aquilo que lhe é específico, peculiar ou lhe for apropriado (SEEDUC, 2012, p. 2).

São as relações de interação em sala de aula, entre professora-pesquisadora e estudantes-participantes, igualmente sujeitos e coautores da pesquisa que norteiam esse

estudo; com ações pedagógicas práticas, elaboradas com base nos ideais de justiça social, na negociação, na tomada de consciência cidadã e no olhar para si mesmo e para o outro.

Quando se estabelece a relação progressista, de parceria e de afeto na educação, o docente deixa de lado a visão retrógrada de superioridade, tendo consciência que é possível ouvir várias vozes que se completam em sala de aula, formando e transformando sujeitos e sendo eles mesmos transformados; diminuindo distâncias entre todos os envolvidos no processo.

O caminho percorrido principiou-se no conhecimento mútuo entre os participantes, estabelecendo-se uma relação de confiança entre as partes, o que foi apresentado na qualificação deste trabalho, com uma proposta de ação didática pedagógica baseada na coparticipação. Em seguida, buscando implementar estratégias enunciativas mais qualitativas, intentamos percorrer caminhos, baseados na realidade vivida pelos sujeitos participantes, no contexto em que estamos inseridos, e na percepção dos papéis socioculturais que exercemos.

No decorrer do projeto qualitativo que embasa essa pesquisa, desenvolvemos diferentes atividades com situações reais, no bairro da escola, objetivando uma ação pedagógica contextualizada e fora dos muros da escola, mostrando que aprendemos por onde passamos e com quem convivemos. De acordo com Freire,

uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos (FREIRE, 2001, p. 46) .

As ações ou os caminhos que percorremos juntos estarão apresentados na seção 3, que constitui os relatos das experiências vividas e partilhadas, buscando embasamentos nas teorias estudadas que muito colaboraram com a minha prática pedagógica.

Estruturado em quatro capítulos que mostram as ações experimentadas, o presente trabalho configura uma tentativa, diante das tantas possíveis, de afirmar que a abertura de espaços para a interação verbal em sala de aula e as relações dialógicas do mundo, dos enunciados e dos textos, possibilita a formação de seres curiosos, inquietos, protagonistas e autônomos (FREIRE, 2001).

1 IDENTIDADE E CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS

Ao longo de minha carreira como professora da educação básica, lecionando nas disciplinas de língua portuguesa, produção textual e literatura na rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro, convivi e convivo com a crítica social frente ao trabalho do professor, com as dificuldades diárias na relação ensino-aprendizagem, com a mediação de conflitos em sala de aula que em geral são pequenas e lotadas e com uma multiplicidade de realidades e vivências, dificultando a descoberta de talentos, interesses e potencialidades. Percebo ainda que é preciso estar atento para não trabalharmos com conteúdos pouco flexíveis e desvinculados da realidade.

Tenho visto os estudantes comunicarem-se bem entre si sobre assuntos que despertam seus interesses, como futebol, séries, relacionamento; no entanto, quando solicitados a opinarem e contribuírem oralmente ou por escrito sobre determinado assunto em sala, após a leitura de um texto, por exemplo, percebo que muitos ficam inseguros em emitir opinião, isto é, em defender um ponto de vista.

Refletir sobre ensino da língua gera uma série de indagações cujas respostas não são absolutas ou definitivas, sendo assim, é preciso perceber se promovemos, de fato, em sala de aula, o ambiente dialógico, visto que a linguagem é uma atividade humana de cunho social, um trabalho coletivo e compartilhado.

A palavra é linguagem e sentido, pois é fazendo uso das palavras que damos sentido ao mundo que nos cerca, com elas participamos do processo de compreender e ser compreendido. Elas têm força, poder de formação e transformação.

Tenho buscado de uma escola que seja capaz de promover a colaboração e a cooperação, com apreciação e estímulos de trabalhos pedagógicos em equipe, favorecendo a inovação, a experimentação e, assim, a participação e a autonomia discentes.

O fazer do professor é, por excelência, uma ação reflexiva e o ensino de língua deve ser pautado na busca por desenvolver a curiosidade, a criatividade, privilegiando atividades pedagógicas significativas para os estudantes, para o próprio professor e para a escola como um todo. É preciso ter em mente que o que ocorre no espaço escolar deve favorecer o crescimento global do estudante como pessoa, seu desenvolvimento holístico e sua formação para uma consciência colaborativa e cidadã.

A escola deve ter como objetivo a transformação crítica e social dos indivíduos que por ela passam, procurando formar o estudante em sua completude; não mais sendo uma

simples transmissora de conhecimentos fragmentados. Deve ainda estar atenta ao que ocorre dentro e fora dela, promovendo o espírito de convivência, de cooperação e de equipe, com trabalhos pedagógicos que favoreçam a participação e a integração dos discentes.

Edgar Morin (2001) enuncia que “o objetivo da educação não é o de somente transmitir conhecimentos, mas de preparar um espírito para a vida, onde ensinar é viver em transformações consigo próprio e com os outros”.

Percebo que a escola (e a sociedade) vem por anos ensinando o educando a ver o outro como concorrente e competidor, valorizando o ensino tradicional, a “educação bancária” (FREIRE, 2001) e não libertadora, dialógica, criativa, significativa e cooperativa.

1.1 O campo da pesquisa: a cidade, o bairro e a escola

A presente pesquisa foi feita na cidade de São Gonçalo, no bairro Gradim, no Colégio Estadual Coronel Francisco Lima (CECFL). Para conhecer características gerais da população, de educação, do trabalho, rendimento e habitação da cidade, fiz algumas leituras no *site* IBGE Cidades para observar indicadores do município em questão.

Julguei importante a análise do referido *site*, pois entendo que o trabalho do educador deve ser visto com o viés de promoção da cidadania e de fomento da democracia. A integração aluno, professor, escola, comunidade precisa partir de uma abordagem reflexiva e a escola não deve fechar-se em seus muros, deixando de considerar a realidade econômica e social em que está inserida.

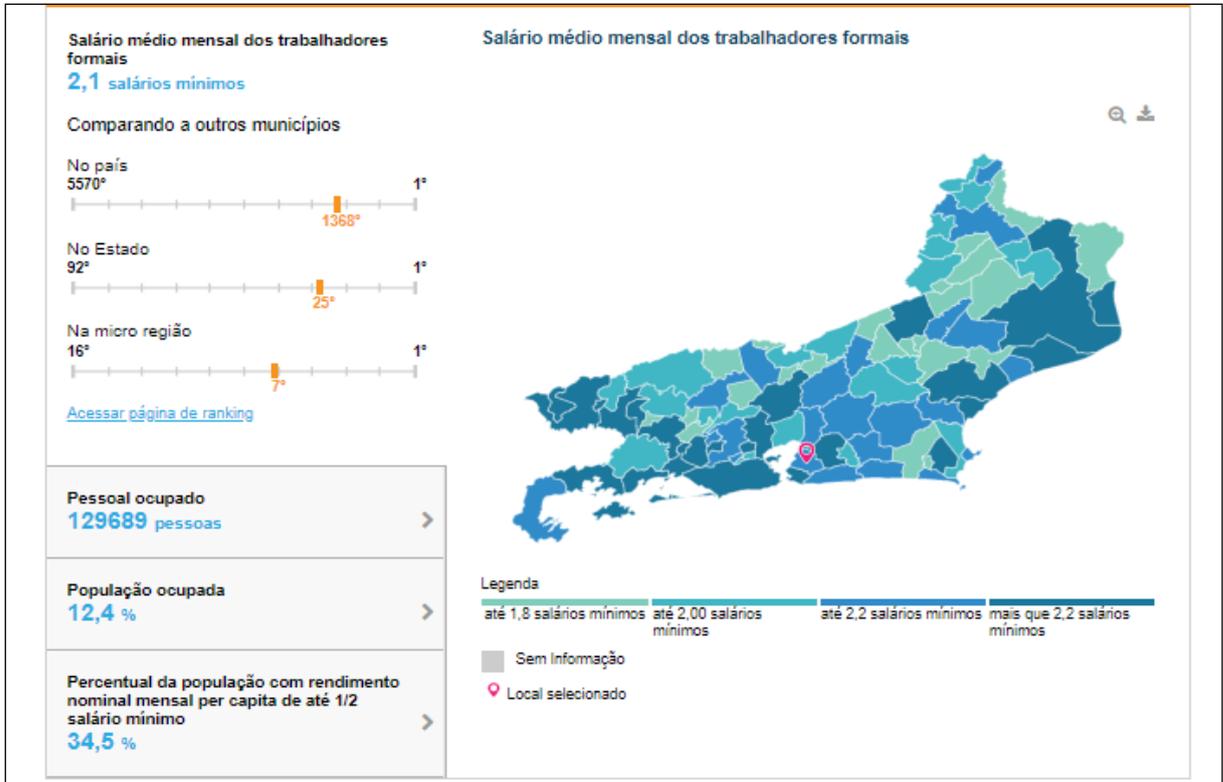
No cotidiano escolar encontramos diferentes sujeitos com formas próprias de pensar e agir, com seus valores e crenças individuais, além de sua realidade social e econômica.

De acordo com o referido *site*, a população estimada (2018) é de 1.077.687 pessoas residentes nesse município, que é o segundo colocado em relação ao estado do RJ, perdendo apenas para a cidade do Rio de Janeiro.

Ainda de acordo com o *site* citado, em 2016, o salário médio mensal era de 2.1 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 12.4%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 25 de 92 e 77 de 92, respectivamente. Já em comparação com cidades do país todo, ficava na posição 1.368 de 5.570 e 2.575 de 5.570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 34.5% da população nessas condições,

o que o colocava na posição 49 de 92 dentre as cidades do estado e na posição 3.675 de 5.570 dentre as cidades do Brasil.

Figura 1 - Salário médio mensal dos trabalhadores formais no município de São Gonçalo



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 01/05/2019

O número de pessoas ocupadas na cidade de São Gonçalo é de 129.689 (2016). Se comparado a outros municípios, a cidade está em relação ao estado, no quesito rendimento, na posição 77 dos 92 municípios. No quesito trabalho, sua posição é de 25 dos 92 municípios do estado do Rio de Janeiro. De acordo com o *site* citado, a população ocupada é de 12,4 %. O percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo é de 34,5 %.

Figura 2 - Índices de trabalho e rendimento - Município de São Gonçalo

 TRABALHO E RENDIMENTO	
Salário médio mensal dos trabalhadores formais [2016]	2,1 salários mínimos
Pessoal ocupado [2016]	129.689 pessoas
População ocupada [2016]	12,4 %
Percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo [2010]	34,5 %

Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 01/05/2019

Seguem os dados disponíveis para a Educação no *site* IBGE Cidades.

Figura 3 - Índices educacionais - Município de São Gonçalo

 EDUCAÇÃO	
Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade [2010]	96,7 %
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental [2015]	4,3
IDEB – Anos finais do ensino fundamental [2015]	3,2
Matrículas no ensino fundamental [2017]	99.424 matrículas
Matrículas no ensino médio [2017]	26.154 matrículas
Docentes no ensino fundamental [2015]	6.265 docentes
Docentes no ensino médio [2017]	2.599 docentes
Número de estabelecimentos de ensino fundamental [2017]	404 escolas
Número de estabelecimentos de ensino médio [2017]	132 escolas

Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 01/05/2019

A escola em que leciono é umas das raras opções de escola pública estadual no bairro Gradim. Como oferece vagas do sexto ano do ensino fundamental ao ensino médio, ela recebe, em sua maior parte, estudantes oriundos de escolas do município, no entanto, atende também, estudantes de escolas particulares do entorno.

Figura 4 - Placa pública na entrada do bairro Gradim



Fonte: Marcia Oliveira

Se, de acordo com a placa, São Gonçalo é a cidade que mora dentro da gente, “o Gradim é literalmente a porta do Paraíso. Um bairro tranquilo de gente bonita e sorridente.” (REGIS). Logo no início de sua história recebeu a construção de um porto pesqueiro que possuía um intenso comércio, fruto da frequente presença de barcos pesqueiros que ali atracavam para deixar a pesca, portanto, era responsável por boa parte da economia do município.

Seu bairro vizinho, Pontal, viveu tempos de grande geração de renda com as fábricas de conserva de sardinha e de atum que existiam ali, empregando boa parte dos moradores do Gradim. Hoje muitas dessas fábricas estão fechadas, gerando desemprego.

Atualmente a economia do Gradim é constituída basicamente pela prestação de serviços em pequenos mercados, padarias, bares, lojas de produtos de material de construção, lanchonetes, pensões, salão de beleza e farmácias.

É interessante lembrar de uma tradição que ocorre há décadas: a Feira do Gradim, que vende em sua maioria frutas, verduras e legumes, e também produtos de beleza, remédios caseiros, livros, carnes, utensílios domésticos, cafifas (como são chamadas as pipas em São Gonçalo), roupas e calçados. A Feira do Gradim é um grande atrativo local que recebe todos os sábados um grande número de pessoas do bairro e do entorno.

Figura 5 - Pracinha do Gradim em dia de feira livre



Fonte: <https://simsaogoncalo.com.br>, acesso em 20/04/2019

O Colégio Estadual Coronel Francisco Lima (código INEP: 33091382) está localizado neste bairro de área urbana do município, à rua Visconde de Itaúna s/n, Gradim, São Gonçalo, Rio de Janeiro. A escola foi inaugurada em 1966, possui 67 funcionários e atende 534 estudantes, com turmas do sexto ano de ensino fundamental ao terceiro ano de ensino médio. A clientela atendida pela Unidade Escolar (U. E.) é de diversos bairros do entorno, como Pontal, Paraíso, Porto da Madama, Porto Velho, Porto Novo, Boa Vista e Porto da Pedra, além, é claro de moradores do próprio bairro Gradim.

Figura 6 - Fachada do Colégio Estadual Coronel Francisco Lima



Fonte: <https://simsaogoncalo.com.br>, acesso em 20/04/2019

A U. E. não possui dependências acessíveis aos portadores de deficiências. Não possui biblioteca, somente sala de leitura que passa parte do dia fechada, devido aos poucos profissionais (professores desviados de função) que nela atuam.

O colégio não possui laboratório de informática, também não possui local para um atendimento individualizado aos estudantes, pais ou responsáveis. Possui sala dos professores. Uma quadra de esportes, um laboratório de ciências e vestiários estão em construção.

Há muita dificuldade quando necessitamos do uso da tecnologia, pois, além de não haver quem opere os poucos aparelhos que temos, eles estão sempre com defeito, sem cabo, sem controle remoto, ou sem extensão para que seja permitido o uso em sala de aula.

Não há computadores para o uso dos estudantes e/ou dos professores. Também não há *internet* para os professores, somente para os funcionários da secretaria. Utilizo sempre a *internet* móvel do meu celular, por entender que a tecnologia em sala de aula, mesmo que de maneira bem simples, potencializa a interação e a integração entre mim e os estudantes.

As salas de aula, a sala de leitura e a sala dos professores são quentes e em algumas delas batem bastante sol. Nossos estudantes reclamam muito do calor e já solicitaram junto à direção a instalação de persianas ou *blackout*, no entanto, ainda não fomos atendidos. O único local climatizado adequadamente na escola é a secretaria.

A população é, majoritariamente, de classe média baixa, principalmente estudantes filhos de funcionários dos estaleiros, de pescadores, de comerciários, de domésticas, de profissionais autônomos, entre outros. As famílias, em sua maioria, encontram-se relativamente ausentes da vida escolar dos filhos, pois necessitam trabalhar em lugares distantes da escola, já que a cidade não oferece emprego a todos os moradores.

A escola também se preocupa em oferecer variadas oficinas e projetos, propiciando certa permanência do aluno na escola, contribuindo para diminuir o baixo índice de aproveitamento, a repetência escolar e resgatando valores como altruísmo, responsabilidade social e cooperação. Exemplifico com um ex-aluno que hoje, formado, dá aulas de desenho uma vez por semana, de maneira voluntária, para um grupo de alunos da escola no contraturno.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a visão do Colégio Estadual Coronel Francisco Lima é ser referência pela qualidade em educação, reconhecido na comunidade local pelos resultados do processo de ensino e aprendizagem, em razão de aprovações de alunos para o Colégio Pedro II e universidades públicas.

A missão da escola é ter uma educação significativa no processo ensino-aprendizagem, para formar cidadãos competentes e habilidosos para a vida, para o mercado de trabalho, para a convivência social e solidária.

A ação pedagógica da escola é de formar cidadãos conscientes, críticos, participativos e capazes de transformar o meio em que vivem; resgatando a autoestima tanto de estudantes quanto de funcionários em geral; criar um ambiente onde haja liberdade para expressar ideias e sugestões em prol de uma educação de qualidade; valorizar a participação comunitária incentivando a liberdade de expressão; incentivar práticas pedagógicas que visem à interdisciplinaridade; estabelecer relações mais solidárias no cotidiano de maneira a evitar atitudes autoritárias; estabelecer um ambiente saudável de encontro e diálogo entre estudantes, professores, funcionários e comunidade de forma a propiciar a construção do conhecimento.

A escola também entende a necessidade de contribuir para o fortalecimento dos vínculos de família e dos laços de solidariedade humana, por isso, desenvolve encontros regulares com a comunidade e diferentes ações do Conselho Escola Comunidade.

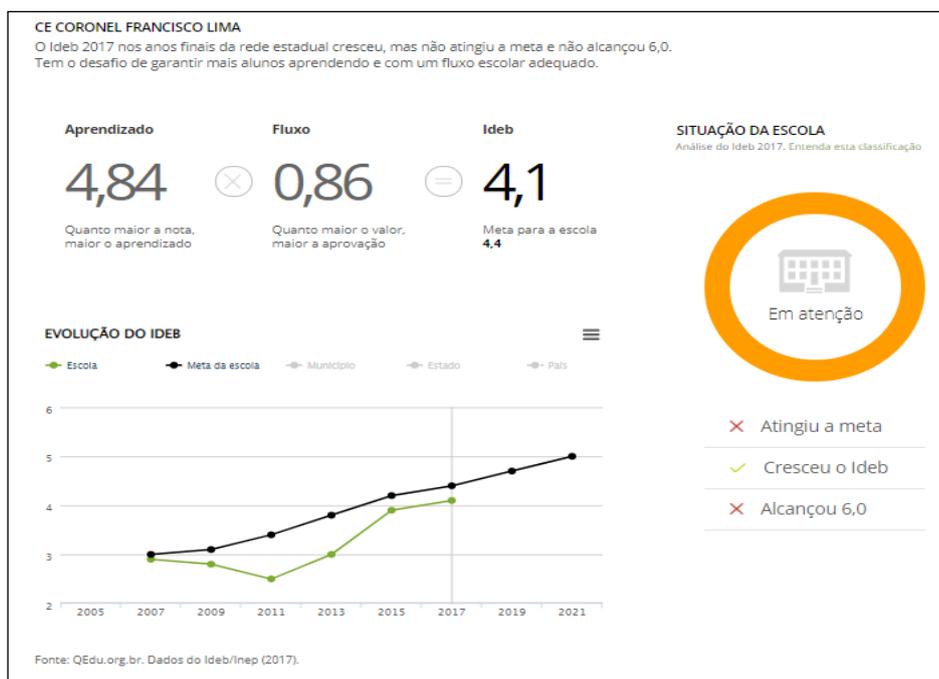
Possui direção e equipe pedagógica atuantes, que primam pelo respeito, pelo diálogo e pela gestão democrática. Nas reuniões de pais e responsáveis sempre há um sorteio de cesta básica, o que incentiva a participação dos mesmos, fortalecendo vínculos com a escola.

É nesta realidade escolar que desenvolvi meu projeto de dissertação de mestrado, buscando a interação com os nossos estudantes e a comunidade, visando o estímulo à leitura, à escrita, à promoção da oralidade e a participação dos envolvidos, propondo aos estudantes, entre outras ações, uma pesquisa de opinião de cunho educacional, feita pelos alunos da escola com alguns moradores do bairro.

Para tanto, teremos como base a valorização das diferentes opiniões e da oralidade; a leitura e produção de textos orais e escritos; o estímulo à participação dos estudantes; visitas ao bairro; o trabalho em equipe; o estímulo ao uso de ferramentas tecnológicas (computador e celular); e a apreciação das diferentes artes, como a música, a pintura, etc. Em razão das abrangências das atividades, faz-se necessária a troca entre professor e estudante sobre o tema proposto, reforçando a empatia do aluno para com a escola.

Analisando o *site* QEdu, que é um portal que permite o acompanhamento do aprendizado em escolas públicas do Brasil, identificamos que em relação ao IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) 2017 nos anos finais do ensino fundamental, a rede estadual do Rio de Janeiro cresceu, mas não atingiu a meta esperada (6,0). A meta para a nossa escola no IDEB foi 4,4, a nota alcançada foi 4,1.

Figura 7 - IDEB e aprendizado - C. E. Coronel Francisco Lima



Fonte: <https://www.qedu.org.br>. Acesso em 01/05/2019

De acordo com o resultado do IDEB 2017, os anos finais da rede estadual cresceu, no entanto, não ainda como esperado, pois a meta a ser alcançada era 6,0. A escola tem um desafio de garantir maior aprendizagem e com o fluxo escolar adequado. O resultado indica que a cada 100 estudantes, 14 não foram aprovados.

A escola encontra-se em estágio de atenção por não ter atingido a pontuação em dois critérios entre os três analisados. O *site* QEdu analisou três parâmetros em relação ao IDEB, a nossa U. E. não atingiu a meta prevista para 2013 e ainda não chegou ao valor de referência que é 6,0.

Temos uma equipe bastante comprometida com a educação pública de qualidade. Sabemos que a nota alcançada ainda está aquém da esperada, no entanto, é visível a evolução do trabalho feito na escola, em especial pelos professores de Língua Portuguesa.

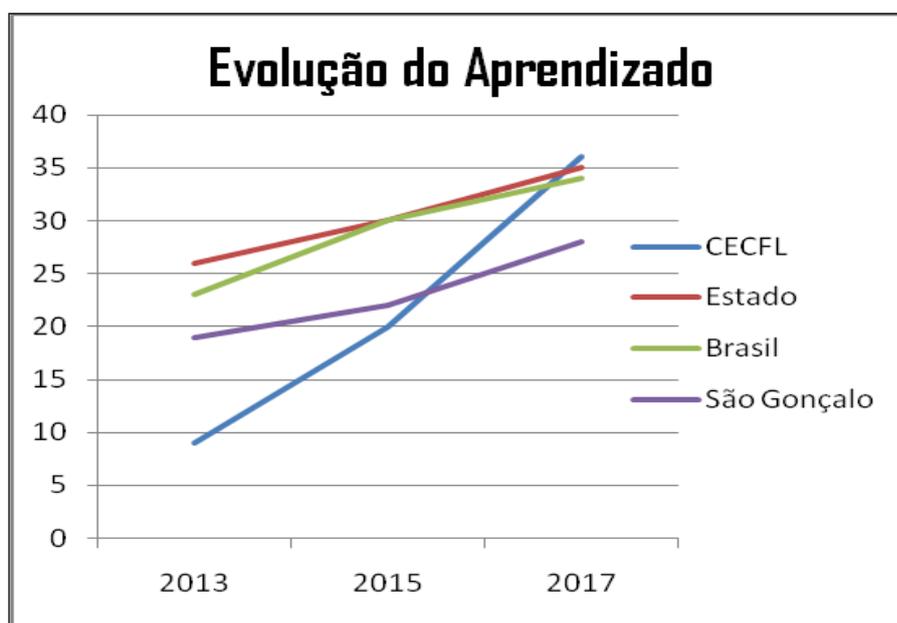
Os trabalhos mais contextualizados e próximos da realidade do educando apontam para uma melhoria nos níveis de ensino. Além disso, trabalhamos com projetos que envolvem a interdisciplinaridade, estreitando os laços nas disciplinas das mesmas áreas do conhecimento. Os professores, mediadores dessas atividades, não medem esforços ao trabalharem em equipe para que os projetos aconteçam da melhor maneira possível no colégio, incluindo temáticas, atividades, exercícios, apresentações, ligadas ao contemporâneo e com foco no desenvolvimento humano.

O CECFL desenvolve bimestralmente projetos pedagógicos por área do conhecimento, visando o desenvolvimento do discente. São projetos que fomentam a cidadania, o relacionamento humano, a solidariedade, a criatividade, a consciência ambiental, entre outros. Sabemos que quando os conteúdos possuem significação, há uma grande tendência no sentido da melhora do rendimento e da participação dos educandos.

O gráfico a seguir, produzido com dados disponíveis no *site* QEdU, mostra a evolução significativa do índice que mede o aprendizado dos educandos do Colégio Estadual Coronel Francisco Lima, na área de Linguagens, mais especificamente na disciplina de Língua Portuguesa.

Com base nele é possível analisar a crescente evolução do aprendizado dos alunos do CECFL, comparado à aprendizagem de alunos no Brasil, no estado do Rio de Janeiro e na cidade de São Gonçalo.

Gráfico 1 - Evolução do índice de aprendizado - C. E. Coronel Francisco Lima



Fonte: Dados extraídos do site QEdU (<https://www.qedu.org.br>). Acesso em 01 de maio 2019, gráfico elaborado pela pesquisadora.

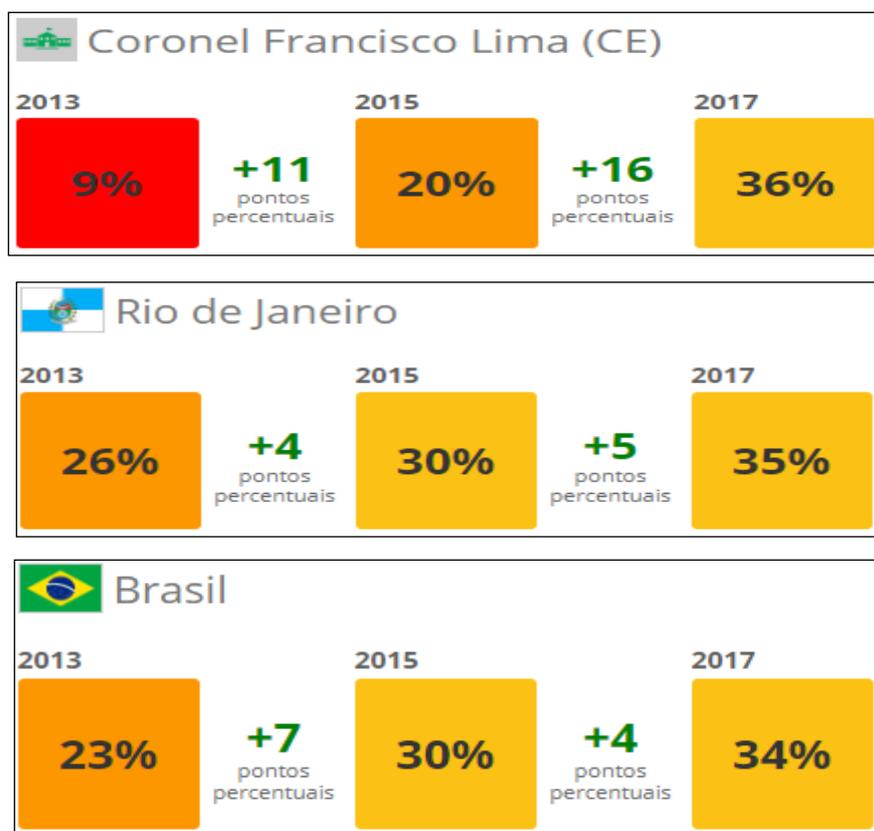
Talvez um dos fatores que contribuíram para a melhoria do índice “evolução da aprendizagem” nessa instituição de ensino, tenha sido os projetos pedagógicos que permitem uma aproximação entre estudantes, professores, escola, acolhendo trabalhos pedagógicos integrados e projetos interdisciplinares.

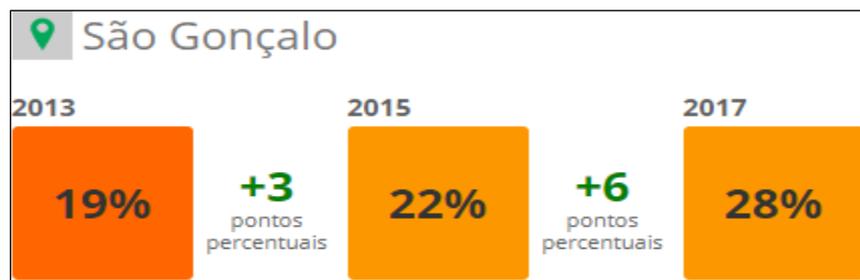
O colégio vem desenvolvendo ao longo dos anos, projetos bimestrais pautados nas áreas do conhecimento (Exatas, Humanas e Linguagens) com temáticas unificadas por tema.

No ano de 2019, o tema geral do projeto do colégio foi Responsabilidade. Seu objetivo foi orientar o estudante em seu viver cotidiano para que ele contribua para um mundo melhor para si e para todos àqueles que estão e estarão ao seu redor, uma transformação necessária para uma sociedade mais justa para todos. Tal tema é definido já na primeira reunião de planejamento dos professores, com a equipe pedagógica e direção da unidade, antes do início das aulas, sem interferência dos estudantes.

A seguir, seguem alguns quadros comparativos disponíveis no referido *site*, neles encontramos o desempenho da escola nos anos avaliados (2013, 2015 e 2017). A escola encontra-se em expressivo crescente, nos últimos quatro anos aumentamos 27 pontos percentuais, com esse crescimento ficamos 8 pontos percentuais acima do município de São Gonçalo, 1 ponto percentual acima do estado do Rio de Janeiro e 2 pontos percentuais acima do país, o que demonstra a consolidação do trabalho desenvolvido ao longo dos anos no colégio.

Figura 8 - Desempenho escolar - C. E. Coronel Francisco Lima





Fonte: <https://academia.qedu.org.br/como-usar/ideb/situacao-das-escolas>. Acesso em 01 de maio de 2019.

Esse crescimento mostra o efetivo trabalho desenvolvido no colégio, que possui docentes bastante qualificados, como mestres e doutores e um ambiente de trabalho de troca e respeito entre discentes, docentes, funcionários, equipe pedagógica e direção.

1.2. A interação entre os sujeitos da pesquisa

Ao longo de 18 anos de magistério, venho buscando participar de cursos de formação continuada, procurando o desenvolvimento profissional na área em que atuo. Percebi no curso de Mestrado Profissional em Letras a possibilidade de ampliar meus conhecimentos, para que eu pudesse dividi-los com os nossos estudantes, assim como, problematizar, repensar e refletir sobre minha prática pedagógica, buscando novas e diferentes estratégias de ensino.

Entendo o professor como um sujeito reflexivo acerca de sua prática, que colabora na tentativa de ajudar o estudante a descobrir, aprender a questionar e a refletir, em busca de levá-lo a novas e continuadas buscas pelo conhecimento, ao seu desenvolvimento social, cultural e intelectual; a interação com seus pares; a intervenção sobre seu papel social e a tomada de consciência cidadã. Entendo que a linguagem colabora no intuito de tornar isso possível.

Sabemos que a adolescência é a fase do desenvolvimento compreendida entre a infância e a idade adulta, momento em que ocorre uma série de mudanças que interferem nas percepções do mundo e nas representações que os adolescentes têm de si mesmos, nas áreas emocional, física e afetiva, assim como em suas interações familiares e sociais.

A prática de ensinar-aprender foi uma realidade nesta turma de oitavo ano do ensino fundamental, denominada pela escola como 802. No decorrer do ano, esse grupo foi assíduo,

falante, inquieto, curioso, participativo, o que corroborou para uma relação dialógica e propensa ao aprendizado para todos: professora e estudantes.

Figura 9 - A turma 802



Fonte: Arquivo pessoal

Há 31 estudantes na turma, a faixa etária deles vai dos 12 aos 16 anos. A turma encontra-se em um momento muito comum na adolescência: a puberdade, em que ocorrem os questionamentos, as angústias e as dúvidas inerentes ao ser humano, mas que aparecem com mais evidência nesse período.

Alguns educandos do grupo apresentaram dificuldades nos relacionamentos interpessoais, mostrando-se agressivos verbalmente com seus pares e tendo pouco interesse pelos estudos. Durante todo o ano letivo observado, tivemos diversos momentos de conversa, discussão e debates, a fim de melhorarmos nessas questões. No entanto, a relação com a professora sempre foi muito respeitosa, afetuosa e bastante cordial. A maior parte da turma, mesmo muito agitada e falante, mostrou-se interessada nas aulas.

Os estudantes da turma 802, motivados por minhas inquietações foram tentando discutir sobre temas relevantes e atuais, buscando uma participação mais ativa na sociedade.

Eles perceberam em minhas aulas a possibilidade da escuta e da reflexão. Criamos espaços para uma relação interativa, colaborando para a ampliação do meu conhecimento de mundo e dos meus estudantes, o que só é possível com uma relação mais dialógica e horizontal. Percebi que os estudantes se sentiram cada vez mais livres e motivados nas minhas aulas, falando sobre diferentes assuntos, interagindo comigo e com os demais.

2 METODOLOGIA: REPENSANDO A PRÁTICA

2.1 A valorização da autonomia, do dialogismo e da experiência do educando

O presente estudo propôs uma reflexão crítica e teórica acerca de meu ofício pedagógico, percebi com ele que sou mais um sujeito na produção do saber, que colabora muito mais do que ensina, intentando uma “prática educativa, enquanto prática formadora” (FREIRE, 2001, p. 16) para todos.

Para construir significados compartilhados com toda a comunidade escolar, há a necessidade de mudança na escola, o que deve ocorrer por meio do diálogo, da reflexão e do respeito à individualidade e à coletividade. Sabemos que os atos de ensinar e de aprender devem ser permeados por uma relação menos vertical, por trocas de informações, pela interação entre os indivíduos, pelas experiências partilhadas e construídas coletivamente, o que certamente vai além dos processos curriculares, pedagógicos e administrativos de uma unidade escolar, visto que:

[...] a experiência humana é afetada pelo fato de falarmos e nos entendermos com uma língua em comum. É pela linguagem que temos acesso à História, à tecnologia produzida antes de nós, a todos os conhecimentos acumulados pelos antepassados e isso certamente é uma forma de afetar nossas experiências mediadas pelas experiências de outros. Além disso podemos, pelo uso da linguagem, praticar ações conjuntas e coordenadas, bem como ações diferenciadas de acordo com as situações. Mas sobretudo, podemos pensar. (MARCUSCHI, 2007, p. 84)

Penso que a escola deve se esforçar para ser um ambiente acolhedor e receptivo para os professores, os estudantes e os profissionais que nela atuam. Assim, todos se sentirão convidados a participar desse ambiente de aprendizagem e conhecimento, respeitando e aproveitando o conhecimento prévio de todos e suas diferentes culturas, crenças e valores.

Em educação as relações não são estáticas, prontas ou acabadas, mas dinâmicas. É fato que as práticas sociais vividas pelos discentes e sua bagagem cultural não estão de acordo com a concepção de currículo seriada e rígida, organizada de maneira a ensinar o conteúdo por disciplina.

É preciso romper com critérios de composição disciplinar e nos esforçarmos para uma educação transdisciplinar: “uma educação só pode ser viável se for uma educação integral do ser humano” (MORIN, 2003, p. 11). Refletindo sobre isso, percebo que caminhamos no

sentido de oportunizar aulas que valorizaram saberes de outras áreas do conhecimento, além dos saberes próprios dos estudantes. Os planejamentos pretenderam oportunizar ações que propiciassem o desenvolvimento de práticas empíricas, pautadas em atividades com significação, contextualizadas e não soltas ou fragmentadas.

A pesquisa de opinião de cunho educativo, atividade que motivou inicialmente meu projeto de dissertação de mestrado, buscou formar todos os participantes de maneira holística:

[...] com base na consciência de que o ser humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie. Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana. (MORIN, 2003, p. 17).

Buscamos contribuir para o exercício da cidadania, capacitando cada um de nós para avaliar o sentido do mundo e da realidade em que vivemos, assim como, os processos sociais em que estamos inseridos. De acordo com Lima (2010, p. 20):

[...] ao elaborar uma pesquisa de opinião sobre determinado tema, as pessoas necessariamente têm de se posicionar e com isso estão participando do processo. Ao conhecer as opiniões de outros e compará-las com as suas, poderão ainda conscientizar-se como as visões de mundo são construídas socialmente, por meio de influências, acordos, conflitos e negociações.

Ao pensarmos em autoria e argumentação na escola percebemos no cotidiano escolar que são raros os momentos e atividades de leitura e de produção textual elaboradas com a finalidade de ensinar a compreensão, expressão e a percepção de diferentes pontos de vista, ou quando feitas, nem sempre há um aprofundamento nas reflexões que permitem ao estudante, em especial de ensino fundamental, a analisar estratégias argumentativas, a fim de produzir um texto da ordem do argumentar.

Somos levados a emitir opinião sobre os mais diversos assuntos, inclusive na escola. Algumas vezes não nos é permitido experimentar, analisar, mas simplesmente opinar a todo tempo. Sem perceber, repetimos essa prática em sala de aula. Muitas vezes, apresentamos um texto com o pretexto de solicitar interpretações diretas, rápidas; ao final da leitura perguntamos: “o que você achou do texto lido?” ou “de que parte você mais gostou?”; ou apresentamos perguntas pouco elaboradas e com respostas prontas e que não carecem de um processo intenso de reflexão, a fim de na aula seguinte, levarmos outro texto para seguirmos o mesmo modelo.

A falta de tempo não nos permite experimentar do como gostaríamos, ou não nos dá oportunidade de fazer o texto reverberar na nossa rotina escolar e nos nossos planos de aula,

no intuito de aprofundarmos mais sobre dado assunto ou tema, lendo um mesmo texto em mais de uma aula, por exemplo.

É preciso pensar a educação emparelhando experiência e sentido, mas como buscar uma atividade significativa e reflexiva, repleta de experiências? É a partir da receptividade do sujeito que obtemos experiência. É estar exposto e disposto a algo indeterminado e desconhecido que a experiência nos acontece, é estar aberto ao novo. Faz-se necessário permitir que os educandos vivam experiências em sala e fora dela, dando sentido ao que são, visto que tudo que nos acontece é singular, pessoal e carregado de significação.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar (...); parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 19)

Ao propor um olhar sobre as relações entre o ser humano e o mundo, conceito essencial para se pensar a educação contemporânea sobre o olhar da experiência e promovendo a construção coletiva do conhecimento, busquei corroborar para que juntos: eu e minha turma fôssemos sujeitos da experiência, promovendo sentido e troca contínua, dessa forma, assumimos o papel de sujeitos vulneráveis e expostos. Assim sendo, o imprevisível pode acontecer em sala de aula, pois segundo Bondía, “é incapaz de experiência aquele que põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe” (2002, p. 25).

Considero que para falar e escrever, há necessidade de arquivo, bagagem, leitura(s) por parte dos sujeitos. Entendo a escola como um espaço privilegiado, porém não único, de contribuição para que o estudante elabore mais e melhor o seu texto e o seu discurso, explorando determinada opinião ou ponto de vista.

É com a promoção das relações pessoais, textuais e intertextuais; com o uso de textos variados e em diferentes suportes; com a leitura de textos que dialogam com as vivências dos adolescentes, numa perspectiva e concepção de linguagem sociointeracionista; com a possibilidade de socialização de saberes, de reflexão, de experiências e de opiniões; e com o compartilhamento de certezas e de dúvidas, investigando a discussão sobre um tema; que se torna possível o aprofundamento de dimensões argumentativas em sala de aula.

O que temos visto, em especial no ensino fundamental, são aulas em que o texto é utilizado para a busca de sentidos textuais, priorizando uma leitura mais literal do mesmo, pouco favorecendo a discussão, concordâncias e divergências sobre um dado tema.

Pensamos em promover atividades em que os adolescentes pudessem se posicionar criticamente a respeito do mundo que os cerca e que favorecessem reflexões de natureza enunciativa, opinativa e argumentativa, que os estimulassem a defender um determinado ponto de vista, valorizando a escuta e o respeito às diferentes opiniões para formar, assim, sua própria opinião.

Nesse projeto de dissertação intentamos desenvolver a autonomia discente, com atividades pedagógicas que permitissem despertar a singularidade de cada sujeito, buscando estimulá-lo para a reflexão de sua língua, para que o mesmo seja participante e participativo em sala de aula, em prol de uma aprendizagem significativa e que atribua valor ao seu modo de comunicação, a fim de que ele se sinta confiante para se expressar, ouvindo, sendo ouvido e sabendo confrontar seu ponto de vista com os demais.

Durante o ano de 2019 vivi uma série de inquietações positivas, reflexões acerca do meu ofício e, por consequência, o desejo de aperfeiçoá-lo ainda mais. Comecei a perceber como a autonomia discente e a contextualização dos temas que abordo em sala são importantes para o desenvolvimento estudantil. Aos poucos fui percebendo como o estudante precisa desenvolver sua visão de mundo para sair de um lugar comum e agir em prol de sua comunidade, por exemplo.

Um dos problemas que comprometem a qualidade da educação pública é a insistência em mantermos práticas antigas na escola, desconectadas com a atualidade e com as reais demandas deste mundo contemporâneo. Uma saída que colabora na tentativa de solução para esse questão é envolver os estudantes no processo ensino-aprendizagem.

É interessante pensar sobre os conteúdos escolares pautados na significação do que se aprende na escola, isto é, aprendizagens significativas, não alheias às orientações curriculares, mas que caminhem juntas em busca da contextualização dos conteúdos, da integração das disciplinas, do estímulo e da valorização da iniciativa dos discentes, o que favorece a cidadania e a participação ativas destes na sociedade.

O professor deve caminhar e construir junto com seus estudantes, respeitando sua curiosidade, sua realidade e suas vivências. Paulo Freire (2001, p. 66) nos alerta:

o professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente a sua sintaxe e a sua prosódia, (...) que se furta do dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

O exercício da autonomia discente deve ir além de um fazer em sala, uma participação em atividades, ou em alguma tarefa pontual; antes, refere-se a uma potência de agir de cada

aluno e aluna, ancorada e planejada pelo professor, que apoia seu desenvolvimento de ideias, no sentido de entender o jovem como protagonista do seu conhecimento, a partir da contextualização do saber não mais ensinado e sim compartilhado por todos. Tudo isso colabora para formar o estudante para o exercício da cidadania e para que ele compreenda que deve continuar aprendendo ao longo da vida.

Entendo que esse projeto foi uma importante ação neste momento em que novos métodos pedagógicos visam a participação discente, pautados na provocação do mestre frente a seus estudantes, com mais perguntas que respostas prontas e o contínuo exercício de reflexão sobre minha prática pedagógica.

O projeto desenvolvido com os estudantes, denominado por eles como “Jovem, cadê sua opinião?” usa uma metodologia educacional compromissada com a contextualização do conteúdo com a leitura, a oralidade e a escrita, com auxílio da elaboração de uma pesquisa de opinião.

Buscamos motivar o estudante a “dizer a sua palavra”, bem como valorizar seus saberes, a partir de escolhas e opiniões individuais e coletivas. O projeto pedagógico propôs ainda, a integração entre as disciplinas escolares, para solidificar os conteúdos trabalhados no oitavo ano de escolaridade.

Ao estudante, figura central desse processo, coube escolher ações e respeitar decisões democráticas, coletar dados, entrevistar, ouvir, ser ouvido, conviver com diferentes opiniões, expressar-se e, por conseguinte, ir além dos limites da escola. À professora, mediadora desse processo, coube planejar, elaborar ações que provocassem o olhar crítico do grupo sobre o mundo que nos cerca e o estímulo à gestão de conflitos de forma dialogada.

O desenvolvimento do potencial humano deve ser permeado por reflexões de todos os envolvidos no processo educacional, pois o ser humano é o objeto essencial do trabalho pedagógico. Os professores devem ensinar a compreensão mútua entre os indivíduos. Buscamos fazer um trabalho em que fosse possível a aceitação do outro e das diferenças, um grande desafio, portanto. Nas palavras de Edgar Morin (2003, p. 55), “cabe à educação do futuro cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana.”

A aprendizagem não é um processo de acumulação de conhecimentos e informações recebidos pela escola, pois entendemos o estudante como alguém ativo no processo de ensino-aprendizagem e que aprende por onde passa. O professor deve proporcionar “condições de

produção, uso e circulação de textos similares às vivenciadas nas situações reais de uso da escrita” (SILVA; OLIVEIRA, 2017, p. 66).

Pensando no desafio de criar condições reais para o uso da escrita, numa perspectiva interacional, rumo a uma concepção mais ampla, ligada às práticas sociais de leitura e escrita, entendendo o letramento como prática social; assim caminhamos juntos nesse projeto, pautados:

[...] (n)as implicações dos Novos Estudos do Letramento para a Pedagogia estão na necessidade que temos de ir além de ensinar às crianças os aspectos técnicos das “funções” da linguagem, para, bem mais, ajudá-las a adquirir consciência da natureza social e ideologicamente construída das formas específicas que habitamos e que usamos em determinados momentos. (STREET; 2014, p. 23)

Sabemos da grande contribuição da obra de Bakhtin para o estudo da linguagem, enxergando-a, não como um sistema autônomo, mas como um processo de interação, mediado pelo diálogo. Desse modo:

a língua materna – a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical - não a aprendemos nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam (BAKHTIN, 1997, P. 301)

Para esse teórico do dialogismo e pesquisador da linguagem humana, todos os “enunciados no processo de comunicação são, independentemente de sua dimensão, dialógicos” (FIORIN, 2018, p. 21), considerando que os sujeitos estabelecem em seus discursos relações com outros sujeitos, promovendo ligação entre a linguagem e a vida social. De acordo com Cecília Goulart (2007), Bakhtin:

[...] toma o enunciado como objeto do discurso dos estudos da linguagem – objeto de significação e objeto da cultura, social e histórico, um tecido organizado e estruturado. (...) o enunciado deve ser analisado nas relações internas e externas: sua organização, a interação verbal, o contexto, o intertexto – as condições de produção. No discurso habitam muitas vozes sociais, que se completam, polemizam, respondem umas às outras, já que para Bakhtin todas as esferas da atividade humana estão relacionadas à utilização da língua. (GOULART; 2007, p. 953).

É pensando no desenvolvimento da enunciação discente que seguimos neste trabalho, em busca de aprimorar a capacidade linguística dos estudantes, entendendo que “enunciar é argumentar” (GOULART, 2007). Sendo assim, “a argumentatividade da linguagem seria inerente ao princípio dialógico, já que todo enunciado é produzido na direção do Outro, no movimento da interminável cadeia de enunciações. Enunciando, estamos agindo sobre Outro.” (GOULART; 2017, p. 96).

Esses aspectos da linguagem em interação leva-nos a algumas indagações. Por que os estudantes têm problemas para se expressarem, para lerem e para produzirem textos na escola? A escola dialoga com as linguagens sociais já utilizadas por eles? Por que há tensão entre as linguagens sociais do cotidiano e as linguagens sociais sistematizadas pelo ensino?

No sentido de tentar responder essas e outras questões, desenvolvemos um trabalho voltado para a elaboração didático colaborativa, empenhado nas transformações democráticas das relações estabelecidas em sala de aula, uma vez que tal método transforma todos os envolvidos em sujeitos do processo ensino-aprendizagem, “[...]cuja *experiência* é incorporada, cuja *agência* é estabelecida e cuja participação *crítica* colabora para a (auto)conscientização de todos acerca das injustiças e desigualdades e para seu fortalecimento na luta pela justiça social” (OLIVEIRA, 2019, p. 26).

2.2 A pesquisa-ação socialmente crítica (PASC), a formação inventiva e a elaboração didática colaborativa

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus estudantes. Adotamos a vertente socialmente crítica da pesquisa-ação, cujos fundamentos explicitaremos mais adiante.

O projeto de dissertação de mestrado desenvolvido foi baseado na comunicação e expressão do estudante; na valorização de sua realidade e de sua capacidade colaborativa e argumentativa; na apreciação sobre os fatos que o cercam; na diversidade cultural; na escuta atenta ao seu dizer, na tentativa de compreendê-lo, prestigiando e respeitando seu saber; e na reflexão sobre a complexidade do mundo e das relações humanas.

O método utilizado foi a pesquisa-ação, que é uma proposta metodológica de cunho qualitativo. Segundo Pereira (1998), a característica mais marcante desse método está na capacidade de modificação em espirais de reflexão e ação, buscando mudanças no contexto concreto ao invés de limitar um saber existente.

Ao longo dos anos, o cenário das pesquisas educacionais vem mudando, percebeu-se que poucos são os fenômenos em educação que podem ser analisados isoladamente do contexto e das variáveis em que estão inseridos. O método pesquisa-ação se dá, em primeiro momento, com o reconhecimento da análise situacional do contexto da pesquisa, assim como

de práticas atuais, dos participantes e envolvidos. Junto a isso, há a projeção e a implementação de alguma mudança para a melhora desse contexto.

Outro ponto essencial para o processo de pesquisa-ação foi a reflexão sobre o trabalho desenvolvido, o que ocorreu durante todo o ciclo. De acordo com Tripp (2005, p. 454):

O processo começa com reflexão sobre a prática comum a fim de identificar o que melhorar. A reflexão também é essencial para o planejamento eficaz, implementação e monitoramento, e o ciclo termina com uma reflexão sobre o que sucedeu. Isso se perde quando o processo é reduzido a “planeja, faça, reflita”, como acontece muitas vezes em educação.

A pesquisa-ação estimulou a reflexão sobre a minha prática docente, sendo assim, permitiu elaborar mudanças sobre o meu fazer pedagógico, mudando, quando preciso, a dinâmica das aulas, em busca de novas estratégias de aprendizagem.

Tal método de pesquisa bastante reflexivo, participativo, problematizador, dinâmico e espelhado na prática, buscou melhorar os resultados e o cenário escolar dos envolvidos no processo, de modo a aprimorar a qualidade do que é ensinado.

Assumindo que a pesquisa-ação não é um método fechado ou previsível, ao contrário, é uma “aventura no desconhecido” (TRIPP, 2005), que proporcionou que os participantes interagissem entre si, novas descobertas surgiram a cada encontro.

O presente estudo foi desenvolvido em uma turma de oitavo ano do ensino fundamental durante o ano letivo de 2019, de fevereiro a dezembro. Usei como instrumentos de coleta de dados: diários de bordo, entrevistas, questionários, produções orais e escritas, conversas e observações em sala de aula, na biblioteca, e nos espaços escolares de convivência coletiva, nas caminhadas no bairro e nas visitas que fizemos ao CIEP 250.

O projeto que desenvolvemos, intitulado “Jovem, cadê sua opinião?” baseia-se na opinião, na enunciação e na argumentação de um assunto relevante escolhido pela turma. É o uso da pesquisa de opinião como estratégia pedagógica, em prol de fomentar a capacidade de escuta em sala de aula, de criar estratégias para aprimorar a oralidade e a escrita.

Após a escolha do tema, muito se discutiu sobre ele, sendo assim, o projeto viabilizou proporcionar ao estudante a promoção “do estado de curiosidade ingênua” para o de “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 2001, pp.34 e 35).

Usaremos como base para aplicação da pesquisa de opinião o programa desenvolvido pelo Instituto Paulo Montenegro em parceria com a organização não governamental Ação Educativa, que engloba o valor educativo da pesquisa de opinião, com a finalidade de investigar como a pesquisa de opinião em sala de aula poderia ajudar a melhorar a qualidade do ensino. O instituto desenvolveu uma ferramenta denominada “Nossa escola pesquisa sua

opinião” (NEPSO), em busca de testar o uso pedagógico da pesquisa de opinião. O projeto que desenvolvemos teve o NEPSO como base, mas com as particularidades e nuances próprias da escola em que leciono, da minha prática pedagógica, das minhas leituras teóricas e do grupo com o qual trabalho, por isso a escolha de um novo nome: “Jovem, cadê sua opinião?”.

O projeto propõe que o professor trabalhe com o estudante e não para o estudante e é composto de etapas, que devem ser apresentadas à turma envolvida. No primeiro momento, a turma escolheu um tema objeto da investigação que a motivasse a estudar e a pesquisar. Depois qualificamos o tema escolhido. O tema foi desenvolvido ao longo do ano em paralelo com o currículo mínimo da rede estadual, definido pela SEEDUC/RJ para o ano de escolaridade. Textos de diferentes tipos e gêneros sobre o assunto foram lidos, discutidos e também escritos pela turma, em busca da ampliação da oralidade, escrita e do poder argumentativo dos envolvidos no trabalho (professor e estudantes).

Indaguei o que a turma já sabia sobre o tema e buscamos outros conhecimentos inerentes ao tema. A turma produziu questões, propôs hipóteses. Esse planejamento, com tema, qualificação, questionamento e hipóteses, passou a ser o norte a ser seguido no decorrer de toda a pesquisa. Esse momento foi o ponto de partida para que a “curiosidade ingênua” fosse aos poucos se transformando em “curiosidade epistemológica”.

Depois das leituras e discussões, a turma formulou questões sobre o tema, isto é, elaborou coletivamente um questionário objetivo, que foi aplicado em um público pré-definido pelo grupo, a partir da leitura dos textos pesquisados por todos os envolvidos no processo, pois o propósito foi ampliar o universo de conhecimento de todos sobre o tema. Fizemos um trabalho de campo, com questionários formulados pelos próprios estudantes e entrevistas. Essa parte da pesquisa foi quantitativa, ou seja, com dez perguntas com quatro opções de respostas para cada uma delas, a ser uma delas escolhida pelo entrevistado. Esse tipo de pesquisa é mais adequado para apurar opiniões e atitudes explícitas e (in)conscientes dos entrevistados, pois há uma padronização do questionário.

Após essa fase, já com o questionário respondido pelo público definido, fizemos a apuração, a tabulação e a análise dos dados, em seguida, o processamento das informações. Essa etapa foi bastante relevante para a turma, pois com base nessa análise quantitativa que dialogamos com a informática e a matemática, foi possível ensiná-los, de maneira prática, a fazer tabulação de resultados e gráficos. Cada gráfico gerou um comentário, isto é, uma produção textual sobre o resultado alcançado. Após isso, houve uma apresentação oral com

recursos tecnológicos do *PowerPoint* para a comunidade escolar, com base em produções de relatórios, gráficos e tabelas com comentários, confecção de cartazes sobre o tema proposto.

A proposta de elaboração didática participativa deu-se no planejamento coletivo de ações definidas e desenvolvidas com a turma que coadunaram com a temática investigada; oportunizando, entre outras atividades, ações práticas na comunidade, com destaque para as visitas ao CIEP 250, que podemos entender como a culminância do projeto da turma.

Impressões pessoais sobre a atividade foram redigidas. A formação inventiva (DIAS, SILVA e MOURA) foi outro ponto importante trabalhado na escola que permitiu o desenvolvimento de capacidades criadoras entre os estudantes. Entendê-los como participantes ativos e coautores do processo educativo estreita o relacionamento com a escola.

A aposta de uma formação inventiva é fazer com o outro, e formar é criar outros modos de viver-trabalhar, aprender, desaprender e não apenas instrumentalizar o outro com novas tecnologias ou, ainda, dar consciência crítica ao outro. Uma formação inventiva é exercício de potência de criação que constitui o vivo, é invenção de si e do mundo, se forja nas redes de saberes e fazeres produzidas histórica e coletivamente. (DIAS, SILVA e MOURA, 2012, p. 36)

O conceito de formação inventiva está totalmente relacionado ao trabalho pedagógico prático que desenvolvemos em sala de aula, entendemos que é um “processo de transformação de si e do mundo”, é estar no mundo, perceber-se parte dele e buscar transformá-lo. Para tanto, é preciso que haja aproximação entre professor/estudante/comunidade, pois esta estreita relação é capaz de oferecer mútua consciência crítica e potencializa a criação. Para tanto, faz-se necessário a busca do encontro com a leitura.

A formação inventiva não é algo fechado em si, ao contrário, permite um resultado imprevisível. Como professores, tendemos a planejar o conteúdo e a aguardar respostas esperadas para o que propomos; em geral, sentimos dificuldades com o inesperado e com o imprevisível, mas é exatamente por essa novidade que a aprendizagem inventiva caminha. Assim, a aproximação inventiva dialoga com a imprevisibilidade, “é o momento da invenção de problemas, da experiência da problematização”, consiste numa quebra da atitude esperada ou idealizada, como propõe o ensino tradicional e a educação bancária.

Quando praticamos as aproximações inventivas, os efeitos produzidos afetam e reconfiguram a cognição e a subjetividade. A aprendizagem na contemporaneidade dialoga com a busca de aproximações com diferentes formas de construções subjetivas. Para tanto, precisamos estar focados nos diferentes modos de atenção dispensados aos estudantes durante o processo de ensino e aprendizagem.

Quando é possível dialogar, problematizar, experimentar, fazendo uso da linguagem dialógica e interacional, valorizando o pensamento subjetivo e crítico e o importante princípio de cooperação; a tendência é o fim da passividade em sala de aula e o início da inventividade e criação. Os jovens querem e precisam ser ouvidos.

Sendo minha pesquisa de cunho qualitativo com viés político e ideológico, a pesquisa-ação socialmente crítica (PASC) dialogou com a presente metodologia de trabalho e a mesma difere das versões mais técnicas das metodologias científicas.

... / uma dupla crítica é central para a pesquisa-ação socialmente crítica: em primeiro lugar, há uma visão da sociedade como essencialmente injusta, mas capaz, pela ação humana intencional, de se tornar menos injusta, se não realmente justa; em segundo lugar, as noções de justiça e igualdade são, elas mesmas, submetidas a um exame ideológico. Na visão pedagógica crítica, as formas dominantes de prática profissional são vistas como geradas por uma visão de mundo particular, por um conjunto de valores e restrições que foram construídas por certos grupos de interesse principalmente para o benefício desses grupos. (TRIPP, 1990, p. 4. Trad. Marcia Oliveira)¹

A PASC é uma metodologia baseada na prática, com valores ideológicos e sociais e possui cinco características importantes: participação, direção, conscientização, limitações e resultados. A seguir conceituaremos cada um dos aspectos listados acima.

1. Por participação a PASC é desenvolvida por professores que buscam a justiça social da comunidade em que atuam, buscando unir forças para mudar situações de injustiça.

2. Por direção sabemos que a PASC é desenvolvida por pessoas autorreguladas, que visam a justiça social para todos os envolvidos.

3. Por conscientização entendemos que a problematização da conscientização é o ponto central da PASC, já que os pesquisadores críticos são seres pensantes e que possuem sua própria consciência e visão de mundo.

4. A PASC reconhece as limitações e os obstáculos que surgem quando desenvolvemos novas práticas educacionais, os quais não serão esquecidos, mas ancorados na pesquisa, em busca da transformação social almejada.

¹ No original: “ /.../ central to socially critical action research is a twofold critique: first, there is a view of society as being essentially unjust, but capable, though purposeful human action, of becoming less unjust, if not actually just; and second, the notions of justice and equality themselves are subjected to ideological examination. In the critical pedagogical view, the dominant forms of professional practice are seen to have been generated by a particular world view, set of values, and constraints that have been constructed by certain interest groups principally for the benefit of those groups.”

5. Para alcançar os resultados pretendidos, a PASC usa práticas pedagógicas já existentes e tende a desenvolver novas práticas de ensino. Assim, é revolucionária e evolucionária na mesma medida.

É importante salientar que todos os envolvidos na presente pesquisa qualitativa, baseada na Pesquisa-Ação Socialmente Crítica (PASC), foram igualmente sujeitos do processo, o que de fato contribuiu para a construção de sentidos em sala de aula. A horizontalização das relações oportunizou práticas pedagógicas de interação, de afetividade e de promoção de saberes produzidos por diversos sujeitos e suas diferentes vozes.

O ato de aprender/ensinar partiu do conhecimento prévio dos alunos, de seus interesses, de suas frustrações, de suas sugestões e críticas, isto é, o aprendizado foi sendo construído, não de forma instrucional, mas com base na partilha de saberes, permitindo o desenvolvimento de todos enquanto indivíduos e sujeitos sociais.

Cada etapa do projeto “Jovem, cadê sua opinião?” permitiu que realizássemos aulas mais dinâmicas e com verdadeira coparticipação dos envolvidos no processo. Entendemos que quando o estudante atribui relação entre o objeto da aprendizagem e sua vivência e experiência, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente.

Nesse contexto pedagógico, fizemos um trabalho para além dos muros da escola, no qual realizamos diferentes momentos de visitas ao bairro e também encontros de integração com o CIEP 250. Ao participarmos do projeto integrador “Cuidar de si, do outro e do planeta” com professores e estudantes do referido CIEP, oportunizamos ações baseadas nos preceitos de justiça social, igualdade, solidariedade e de respeito ao indivíduo; além de propiciar a tomada de decisão diante de situações reais, enaltecendo a autonomia estudantil e ampliando sua capacidade linguística.

3 RELATOS E ANÁLISE DA PESQUISA – OS CAMINHOS QUE PERCORREMOS JUNTOS

No presente capítulo, apresentaremos as direções que seguimos com a turma 802 no intuito de atingir aprendizagens mais significativas, baseadas no diálogo e na integração; valorizando a iniciativa e autonomia dos estudantes, visando sua participação social e cidadã. Apostando em um trabalho pedagógico mais horizontal, caminhei com os estudantes em cada atividade, envolvendo cada um na condução de seu processo de aprendizagem, desenvolvendo a si mesmo e aos demais, acreditando que se pode aprender a partir de projetos construídos pelos próprios alunos, enxergando-os como coautores das práticas pedagógicas.

Percebendo o potencial de cada aluno e aluna e, valorizando sua criatividade, intentamos mostrar que com atividades que permitam a interação e a colaboração, nossos estudantes ampliam sua visão de mundo, apontam suas observações, respeitam diferentes pontos de vista, defendem ideias e são estimulados a continuar aprendendo e construindo novos conhecimentos.

O projeto foi desenvolvido com maior ênfase no segundo semestre de 2019, que oportunizou entre outras tarefas, a elaboração de uma pesquisa de opinião sobre determinado tema, permitiu o desenvolvimento da “compreensão mútua entre os seres humanos, quer próximos, quer estranhos” (MORIN, 2003). Os envolvidos precisaram ouvir, refletir, opinar, enfim, se posicionar sobre o tema proposto. Esse caminho permitiu o aprender para além dos muros da escola, pois o tema abordado faz parte da sociedade.

Creio na concepção do letramento como prática social (STREET, 2012), que visa ampliar a capacidade comunicativa dos estudantes. Fazendo uso de práticas de leitura e escrita com base nos contextos sociais de uso da língua, propus atividades colaborativas, entendendo que nas relações da sala de aula (e fora dela) e com atividades significativas, todos podem ensinar e aprender.

Nas atividades que desenvolvemos, foi possível perceber o aprendizado da língua como prática social. Produzimos entrevistas, geramos e analisamos os dados, interpretamos os dados gerados pela pesquisa de opinião, apresentamos tais descobertas à comunidade escolar, planejamos ações na comunidade local que possibilitaram um trabalho de quatro oficinas com a integração das professoras e alunos do CIEP 250.

3.1 O caminho para nos conhecer: os estudantes e a professora-pesquisadora

Na primeira semana de aula, procurei me apresentar para a turma, a fim de conhecê-los um pouco, dando oportunidade para que eles falassem de si mesmos, fomentando espaços de escuta e acolhimento, pois acredito na importância da relação estudante/professor respeitosa, saudável e afetuosa, para tanto, senti a necessidade desse momento inicial de interação entre as partes. A turma já se conhecia, pois eles haviam estudado juntos no ano anterior. Oportunizei o diálogo em sala, visto que ele é ponto de partida para que todos falem e escutem uns aos outros, construindo minimamente uma aproximação entre nós.

A fim de “saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica” (FREIRE, 2001 p. 155), utilizei uma canção como estratégia de aproximação para ouvi-los e conhecê-los. A música escolhida foi *Tudo novo de novo*, do cantor e compositor Paulinho Moska.

Tudo Novo De Novo²

Vamos começar
Colocando um ponto final
Pelo menos já é um sinal
De que tudo na vida tem fim

Vamos acordar
Hoje tem um sol diferente no céu
Gargalhando no seu carrossel
Gritando nada é tão triste assim

É tudo novo de novo
Vamos nos jogar onde já caímos
Tudo novo de novo
Vamos mergulhar do alto onde subimos

Vamos celebrar
Nossa própria maneira de ser
Essa luz que acabou de nascer
Quando aquela de trás apagou

E vamos terminar
Inventando uma nova canção
Nem que seja uma outra versão
Pra tentar entender que acabou

Mas é tudo novo de novo
Vamos nos jogar onde já caímos
Tudo novo de novo
Vamos mergulhar do alto onde subimos

² In: MOSKA, Paulinho. Tudo novo de novo. Casulo: 2003. (CD)

A referida canção sugere parar para perceber as novas oportunidades e os recomeços que a vida nos proporciona, encarando perdas e frustrações. Fiz uso do recurso audiovisual, apresentei um vídeo com a música. Após ouvirem e assistirem ao vídeo, dialogamos sobre alguns pontos que o eu-lírico nos sugere começar, recomeçar e continuar.

Mostrei alguns paradoxos presentes na letra, como “começar colocando um ponto final”, “nos jogar de onde já caímos”. Pedi que cada um da turma destacasse uma frase que havia chamado a sua atenção. Todos falaram seu verso ou versos e alguns ainda quiseram interpretar o que haviam entendido das frases lidas. A participação ocorreu de maneira livre, positiva e proveitosa. Os versos “vamos celebrar nossa própria maneira de ser” foram amplamente comentados por eles de maneira que muitos falaram sobre aceitação de si mesmos.

Na aula seguinte, pratiquei a escuta atenta sobre o que eles esperavam de mim, das minhas aulas e da escola, então, em seguida elaborei uma atividade solicitando que eles escrevessem sobre “os desejos para 2019 e para o futuro”. Mais uma vez, todos envolveram-se na atividade, alguns escreveram apenas um parágrafo, outros escolheram listar seus desejos, outros escreveram textos com dois ou mais parágrafos. Como era uma atividade de sondagem, permiti que eles escolhessem a maneira com a qual mais se sentissem confortáveis para escrever. Percebi textos com poucos erros ortográficos, coerentes e cheios de significação e autoria. Após a correção das produções textuais, solicitei a refacção da atividade em folha xerografada (Apêndice A).

Em uma outra aula, levei folhas de *colorset* coloridas para fazermos a linha do tempo da vida deles (Apêndice B). Deixei que cada um escolhesse a cor que preferisse, o que já cria um ambiente agitado, mas produtivo. Levei barbantes, canetinhas coloridas, colas e tesouras. No primeiro momento alguns estudantes vieram até a minha mesa dizendo que não tinham história ou que não sabiam o que escrever, mas como eu havia passado algumas perguntas pessoais para casa e pedido que eles fizessem com a família, fomos aos poucos conseguindo resgatar fatos, datas, enfim, memórias. A produção dessa atividade também me surpreendeu bastante, visto que toda a turma se envolveu para concluí-la, cada qual fez a sua linha do tempo de maneira bem criativa.

Com essa atividade o resgate de vivências e brincadeiras de infância foi inevitável: idas ao Maracanã, viagens e passeios em família, nascimento e morte de entes queridos, festas de aniversário, alguns lembraram da derrota de 7x1 do Brasil para a Alemanha na Copa de 2014 e assuntos como o assassinato da vereadora Marielle Franco em 2018 também surgiram. Houve uma grande abertura para o diálogo a partir desta atividade aparentemente simples.

Em seguida trabalhamos biografia. Pensei em fazer um paralelo com a infância, que foi o assunto mais recorrente na atividade de linha do tempo. Então, apresentei-lhes a biografia do

artista plástico Ivan Cruz e sua obra em folha xerografada para que a compreensão da estrutura do gênero embasasse as produções que seriam feitas por eles.

Os quadros do referido mestre retratam o lúdico, a imaginação e as brincadeiras de infância: crianças soltando pipas, pulando corda, jogando bolinha de gude, pulando amarelinha. Com o auxílio do meu celular, fui de mesa em mesa mostrando alguns dos quadros do artista. Eles ficaram encantados com as imagens. Destaquei a simplicidade e a singeliza do pintor e, ao mesmo tempo, a complexidade e a grandeza do seu trabalho.

A primeira atividade foi a produção da autobiografia (Apêndice D), cada um fez a sua, alguns com mais, outros com menos autonomia. Eles relataram o local e a data em que nasceram, seus sonhos e medos, do que gostam e do que não gostam, etc. No momento que antecedeu a escrita, alguns me perguntaram: “professora, é para começar com ‘era uma vez’?”, “quantas linhas devo usar?”, “quando eu acabar é para escrever fim?”.

Percebi como o texto narrativo do gênero conto maravilhoso ainda permeia o imaginário deles e o quanto ainda se sentem “mecanizados” para a escrita. Fiz as orientações que julguei necessárias, diferenciando o gênero solicitado, biografia/autobiografia, do conto, por exemplo. No sentido de dar mais liberdade aos textos deles não defini quantidade de linhas ou parágrafos.

Sugeri na aula seguinte que fizessem uma releitura de uma das obras do Ivan Cruz escolhidas por eles. Utilizamos o meu celular e alguns celulares disponíveis em sala. Rapidamente utilizaram o recurso do *Bluetooth* para o compartilhamento das imagens. As produções artísticas de releitura ficaram excelentes (Apêndice C).

A turma, sempre muito falante e agitada, com a inquietação própria da adolescência, foi me mostrando algo mais com o tempo. A relação mútua de confiança começou a se estabelecer e logo percebi que eram críticos e bastante questionadores em relação ao processo educacional e à escola. Fui praticando a escuta sensível, facilitando o diálogo entre nós.

Em uma das aulas, alguns estudantes da turma disseram em sala de aula que gostariam de me pedir que eu falasse sobre racismo, meio ambiente, homofobia, violência contra as mulheres. Em nenhum momento eles falaram sobre notas e pontos para essas atividades, eles simplesmente “queriam aprender”, demonstrando interesse sobre essas discussões atuais e relevantes.

Fiquei impressionada com a tentativa de busca pelo conhecimento sobre esses assuntos. Aproveitei para falar sobre leitura, indicando que, com ela, temos mais e melhores condições de opinar a respeito de algo ou de algum tema.

Nesse dia, percebi que era o momento propício para falar com eles sobre o projeto que desenvolveríamos durante o segundo semestre: a pesquisa de opinião como prática educativa. Aproveitei para salientar que se fazia necessário o engajamento e a participação ativa de todos, eles se mostraram motivados, já pensando em possíveis temas.

A teoria elaborada por Mikhail Bakhtin e seu Círculo (1997) afirma que os sujeitos enunciam, se comunicam e interagem por meio do diálogo. Com esse projeto, o estudante da 802 terá oportunidade de elaborar atividades que remetem às questões da abordagem enunciativa discursiva da língua, além de atender-se para os sujeitos envolvidos, bem como o contexto em que será dito “a sua palavra”.

3.2 O caminho para melhor conhecê-los: o questionário exploratório

Conhecer a turma é essencial para iniciar uma boa relação professor x estudante. A avaliação diagnóstica é essencial para o planejamento docente, é com ela que identificamos o que a turma já sabe, portanto serve de ponto de partida para projetarmos o caminho a ser seguido: onde será preciso voltar e onde é possível avançar nessa caminhada coletiva.

A fim de analisar a leitura e a escrita na vida cotidiana dos estudantes, em especial fora da escola, utilizamos o Questionário sobre Práticas e Eventos do Letramento³ para que fosse possível conhecê-los ainda mais (Apêndice E). A seleção dos 5 questionários escolhidos em cada apêndice, deu-se de forma aleatória, com o intuito de mostrar as atividades realizadas. Foram entrevistadas 28 pessoas da turma 802, pois 3 alunos faltaram por algumas semanas, não sendo possível aguardá-los mais, visto que eu precisava analisar os dados obtidos. Todos os presentes se mostraram solícitos em respondê-lo, além de demonstrarem seriedade no momento da aplicação do questionário, buscando sanar dúvidas sobre algumas perguntas do questionário, ou mesmo buscando o significado de algumas palavras que nele apareciam, como “finalidade”, por exemplo.

Com a aplicação do questionário, foi possível identificar como cada estudante percebe-se nos quesitos leitura e escrita, pois ele também precisou refletir sobre sua prática em leitura e escrita ao responder todo o questionário.

³ O questionário foi elaborado pela professora Marcia Lisboa C. De Oliveira e disponibilizado na disciplina “Alfabetização e Letramentos” (PROFLETRAS - FFP/UERJ)

Durante a leitura do livro *Letramentos sociais: críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*, de Bryan Street, foi possível meu desenvolvimento para um novo modo de enxergar o grupo com o qual trabalho. Somos levados, ao longo de nossa formação, a acreditar que o que a escola oferece como leitura e escrita é o único modelo possível, ou no mínimo, o mais elaborado. Devemos levar em consideração outras possibilidades de leitura e escrita feitas pelo estudante e aproveitá-las em sala de aula, sempre que possível.

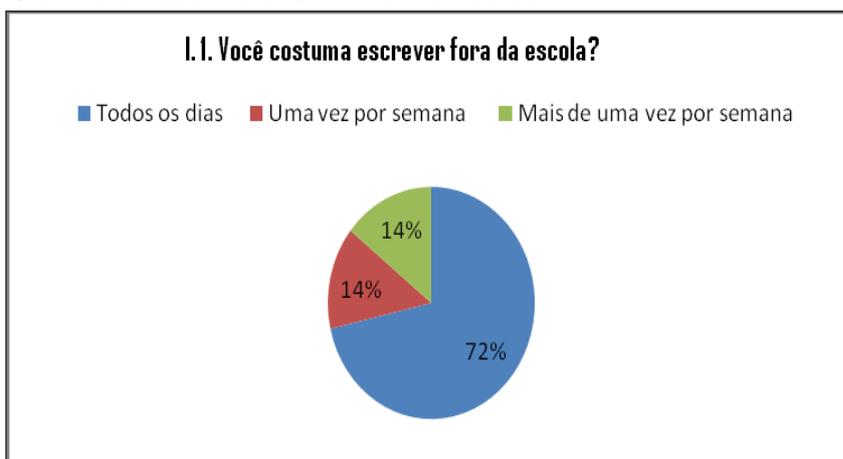
Mostramos para a turma que a escola não deve ser uma mera reprodutora de conhecimento, é preciso parar um pouco, refletir sobre nossas práticas e assim, continuar a caminhada.

Essas perguntas nos permitiram identificar a realidade da turma e a realidade de cada um em especial. Observar a turma e definir assim as ações futuras para sanar lacunas e problemas que aparecessem no retorno do questionário.

O questionário aplicado em sala me permitiu conhecer um pouco mais de cada um, suas preferências nas questões de leitura e escrita. Ele foi dividido em dois tópicos principais: a escrita e a leitura cotidianas, enfocando eventos de letramento, os casos em que a leitura e a escrita se efetivam fazendo sentido em uma dada situação letrada, vivenciados fora de sala de aula. Entendemos como evento do letramento qualquer ocasião em que algo escrito é constitutivo da interação e dos processos interpretativos dos participantes, ou seja, é o que podemos observar que as pessoas estão fazendo quando estão usando a escrita e a leitura.

Na questão 1.1 foi perguntado ao estudante se ele costumava escrever fora da escola. No primeiro momento grande parte analisou o ato de escrever como uma atividade associada somente à escola. Desconstruí essa ideia dizendo que o questionário era para ser pensado em momentos da vida deles fora da escola.

Gráfico 2 - Leitura e escrita fora da escola



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de dados gerados no questionário sobre eventos e práticas de letramentos.

O resultado foi interessante, pois todos afirmam escrever fora da escola. 72% dos entrevistados afirmaram escrever todos os dias, 14% escrevem mais de uma vez por semana e 14% uma vez por semana. Fiquei bastante entusiasmada em perceber que a turma pratica com frequência a escrita fora da escola.

Quando perguntados sobre o que escrevem fora da escola, na questão I. 2. , constatei que muitos têm acesso às redes sociais, isto é, fazem uso da escrita com auxílio de uma ferramenta tecnológica (celular e/ou computador). Resultados: 13% dos entrevistados afirmam que escrevem em outros espaços similares ao da escola, como cursos, por exemplo. 5% afirmam escrever histórias. Distribuídas igualmente em 3% surgiram as escritas de poemas e diários, o que me pareceu bastante animador.

Gráfico 3 - Escrita fora da escola

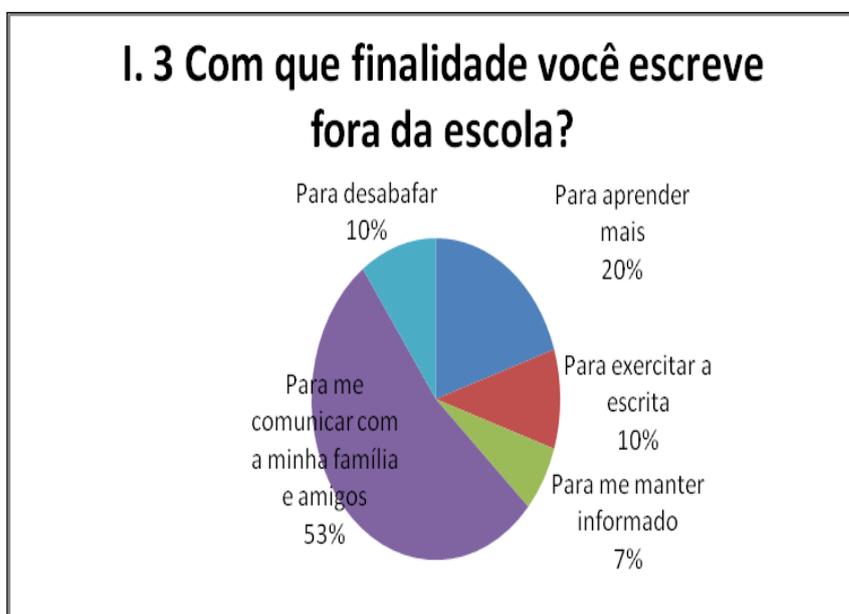


Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de dados gerados no questionário sobre eventos e práticas de letramentos.

Na questão I.3, perguntamos com que finalidade eles escrevem fora da escola. Percebi que, apesar de se tratar de uma turma de oitavo ano, a palavra “finalidade” não foi corretamente compreendida por todos, portanto, precisei explicar o sentido dessa palavra no contexto. Com a pausa que a turma fez para entender tal significado no contexto dessa palavra, ressalto o fato de o grupo se sentir à vontade para esse questionamento, preferindo tirar a dúvida e responder corretamente a responder, sem o devido cuidado, a questão proposta.

Após o entendimento do conceito de finalidade, as respostas apuradas foram: 9% afirmaram que escrevem para melhorar a letra, 58% dizem que é para se comunicarem com familiares e amigos, 12% registraram que é para se manterem informados, 3% escrevem para desabafar, 9% para reler depois e 3% indicam que é para exercitar a escrita. A comunicação entre amigos e familiares foi a opção mais escolhida, mostrando que a interação social é valorizada por boa parte do grupo.

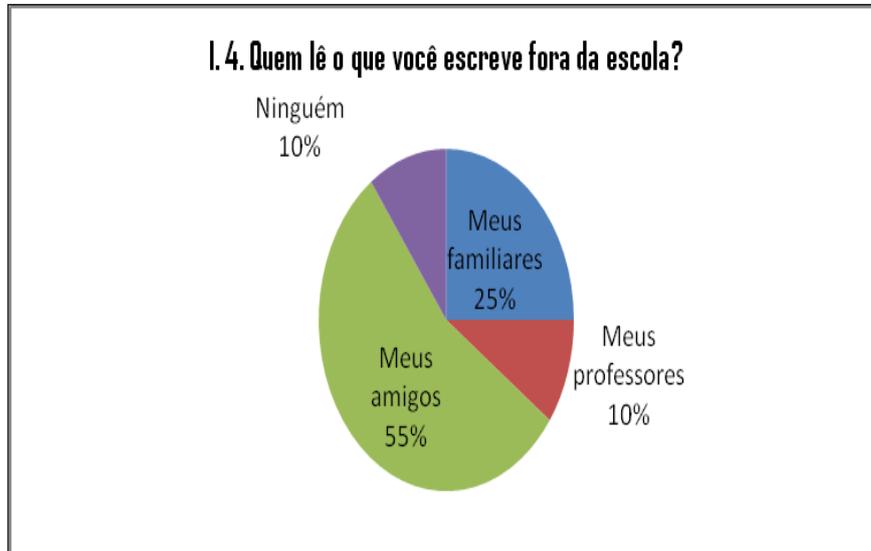
Gráfico 4 - Finalidades da escrita fora da escola



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de dados gerados no questionário sobre eventos e práticas de letramentos.

Na pergunta 1.4 percebemos que 58% dos entrevistados mostram o que escrevem para seus amigos, 25% escrevem para seus familiares, 10% escrevem para seus professores e 10% não mostram a ninguém o que escrevem.

Gráfico 5 - Interlocutores fora da escola

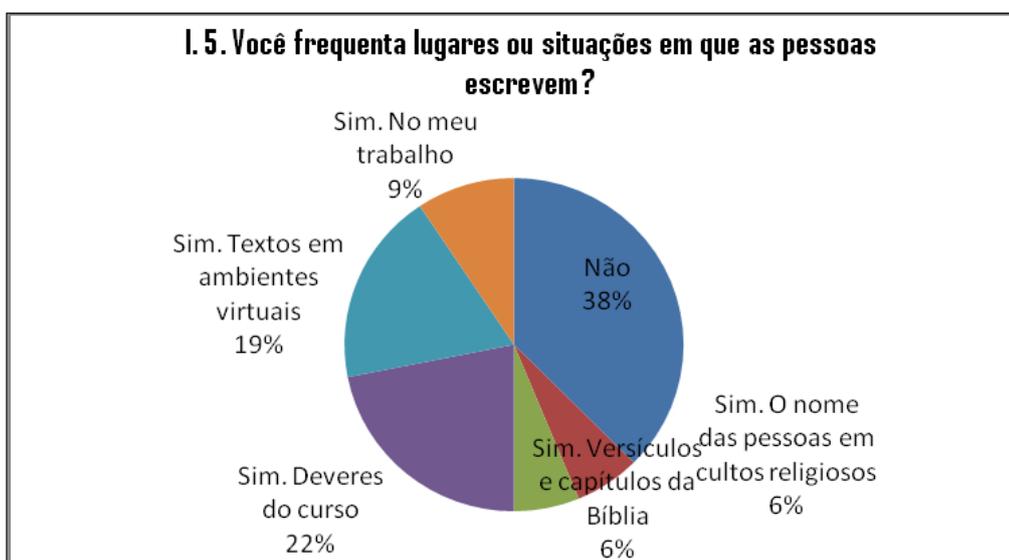


Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de dados gerados no questionário sobre eventos e práticas de letramentos.

Na pergunta I.5, percebi que pouco mais da metade da turma frequenta lugares em que as pessoas escrevem (62%), enquanto 38% afirmam que não frequentam. Ainda dando continuidade a essa mesma pergunta, pedimos que eles dissessem o que as pessoas escrevem nesses lugares que frequentam fora da escola.

As respostas variaram muito. Estudos bíblicos e o nome em culto religioso se dividiram respectivamente em 6%. Textos de trabalho foi resposta de 9% da turma e 22% escrevem em cursos diversos e 19% em ambientes virtuais.

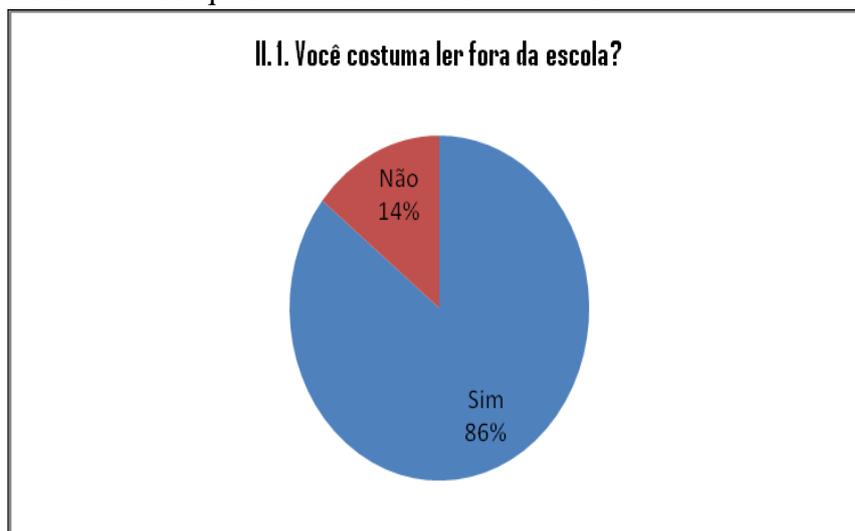
Gráfico 6 - Frequência em espaços de circulação da escrita



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de dados gerados no questionário sobre eventos e práticas de letramentos.

A segunda parte dos questionários foca a leitura na vida cotidiana. Perguntamos na questão 2.A, se o estudante costumava ler fora da escola. Os alunos, em maioria, isto é, 86%, afirmam que sim, enquanto 14% responderam que não leem fora da escola. Tal resultado mostra que se trata de uma turma leitora, ou que tem acesso a diferentes situações em que fazem uso da leitura. A pergunta, embora ainda bastante genérica, apresenta um indicativo favorável nesse quesito.

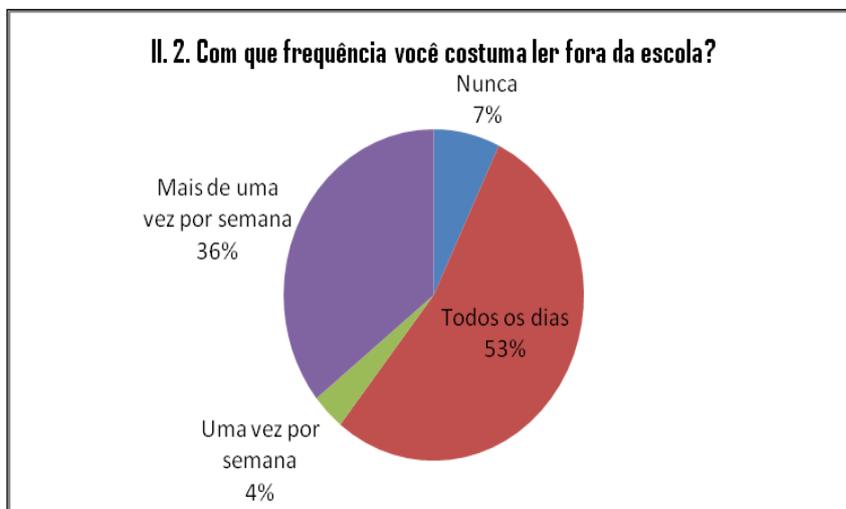
Gráfico 7 - Frequência de leitura fora da escola



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de dados gerados no questionário sobre eventos e práticas de letramentos.

Em II. 2, quando perguntamos sobre a frequência com que se costuma ler fora da escola, 53% afirmaram que leem todos os dias, enquanto 36% dizem ler mais de uma vez por semana, 4% leem apenas uma vez por semana e 7% dizem que nunca leem em ambientes fora da escola.

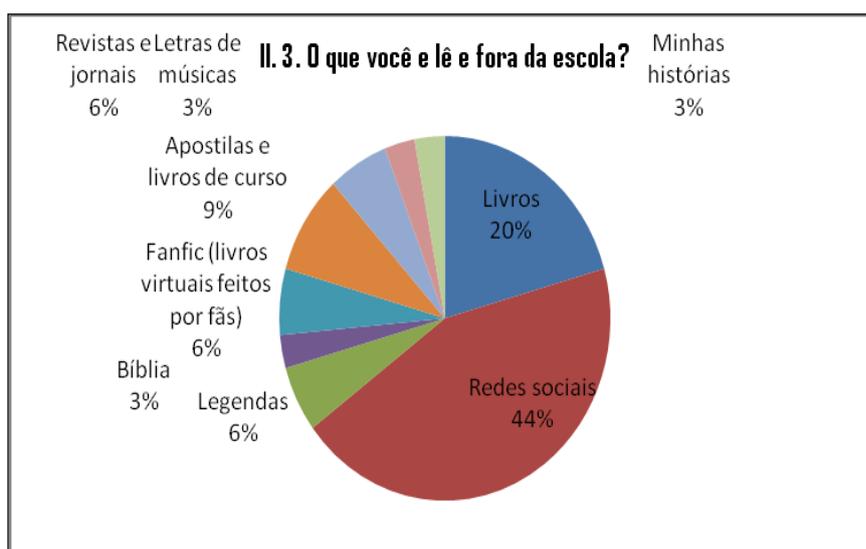
Gráfico 8 - Frequência em espaços de circulação da leitura



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de dados gerados no questionário sobre eventos e práticas de letramentos.

Perguntamos na questão II. 3, que tipo de leitura eles faziam fora da escola. As respostas variaram muito, no entanto, 44% afirmaram ler nas redes sociais, 6% leem legendas de filmes, 6% leem livros virtuais, 6% leem a Bíblia, 9% leem apostilas de cursos, 6% responderam ler jornais e revistas e 20% apreciam a leitura de livros e 3% leem suas próprias histórias. Portanto os 7% que afirmaram nunca ler na questão anterior se contradisseram neste momento do questionário. Isso pode indicar um conflito acerca do conceito de leitura que incorporam.

Gráfico 9 - Categorização de leituras fora da escola

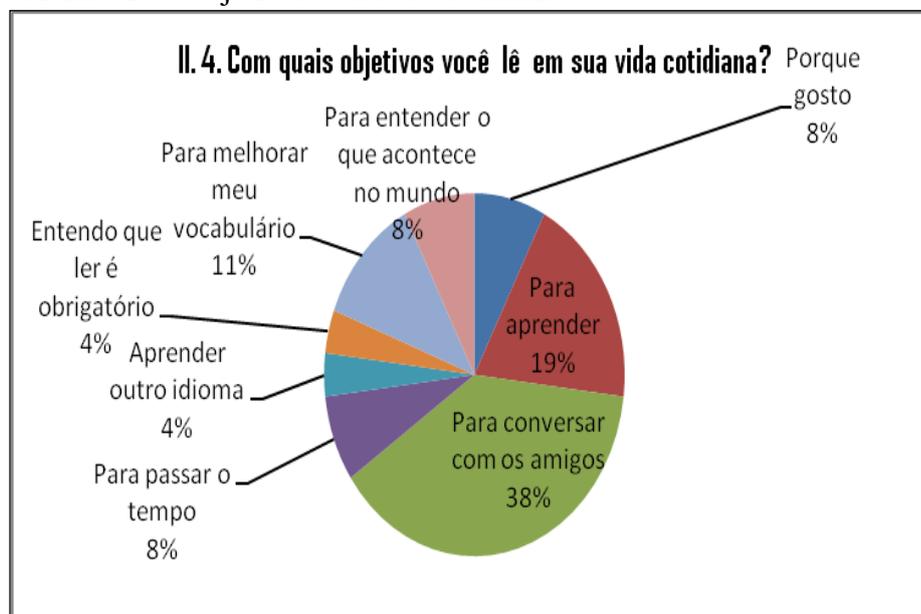


Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de dados gerados no questionário sobre eventos e práticas de letramentos.

Na questão II.4 perguntamos com quais objetivos a leitura fora da escola acontecia. Dos entrevistados, 8% afirmam que leem para passar o tempo, 8% leem para obter conhecimento sobre o mundo, 38% afirmam que leem para conversar com os amigos, 11% entendem que é para melhorar o vocabulário, 4% leem para aprender outro idioma, 4% dizem que ler é obrigatório e por último, 19% afirmam que leem para aprender mais.

Acreditamos que os 38% que responderam que leem para conversar com os amigos, referem-se a conversa por meio das redes sociais. Sabemos que o uso contínuo das redes sociais por meio dos *smartphones* é uma realidade para os nossos adolescentes. A utilização desses recursos tem influenciado cada vez mais pessoas e pode favorecer a leitura e a escrita.

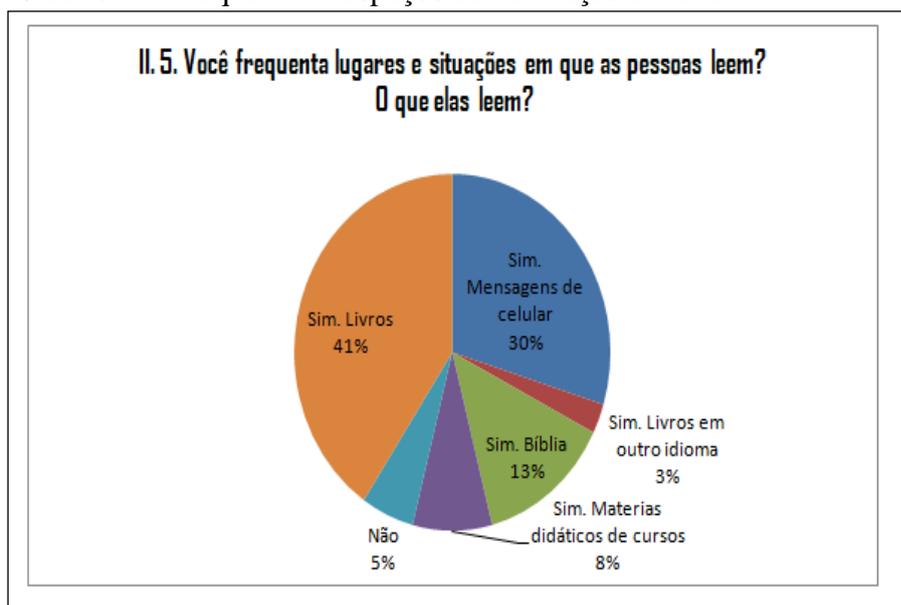
Gráfico 10 - Objetivos da leitura cotidiana



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de dados gerados no questionário sobre eventos e práticas de letramentos.

No tópico II. 5, perguntamos se frequentavam lugares ou situações em que as pessoas leem. A apuração dos resultados nos informou que 5% não frequentam, enquanto 95% frequentam. As leituras foram: 41% livros, 30% mensagens no celular, 3% livros de outro idioma, 13% a Bíblia, e 8% materiais didáticos de cursos fora da escola.

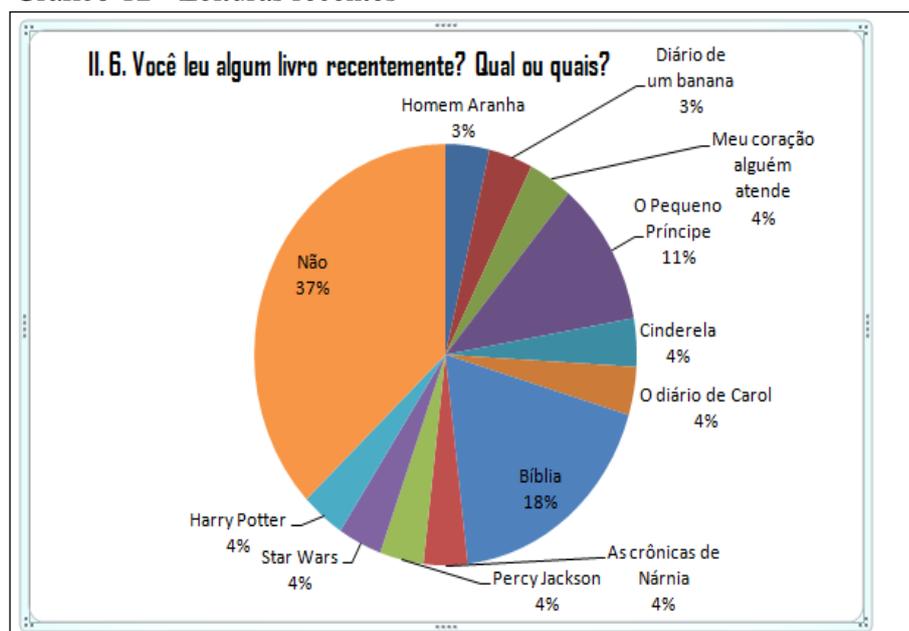
Gráfico 11 - Frequência a espaços de circulação da leitura



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de dados gerados no questionário sobre eventos e práticas de letramentos.

Na questão II. 6, perguntamos se eles haviam feito alguma leitura recente. Da totalidade da turma, 37% afirmaram que não, enquanto 63% dizem que sim. Os títulos informados foram variados, como *Harry Potter*, *O diário de um banana*, *O Pequeno Príncipe*, *As crônicas de Nárnia*, entre outros. Nenhum estudante afirma nunca ter lido um único livro, o que é um fator bastante positivo.

Gráfico 12 - Leituras recentes



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de dados gerados no questionário sobre eventos e práticas de letramentos.

A análise das respostas dadas ao questionário sobre escrita e leitura na vida cotidiana dos estudantes possibilitou-me a reflexão sobre minha ação como professora e meu papel na formação destes para que se tornem leitores ainda mais ativos e pessoas que se considerem seguras e aptas a escrever. Durante o ano propus atividades de leitura, escrita, debates e disponibilizei momentos na sala de leitura para que lêssemos juntos, além de levar livros para a sala de aula.

3.3 O caminho da conscientização: o Gradim que temos

O projeto integrado da escola, referente ao primeiro bimestre foi da área do conhecimento de Humanas/Exatas e teve como tema geral a conservação/preservação do meio ambiente. Discutimos na coletividade a forma pela qual apresentaríamos o trabalho para a escola. Pensamos em um tema específico para a turma, a escolha foi “O bairro que eu tenho”. Após leituras de textos sobre os temas, em conjunto com os professores de Geografia, História e Ciências iniciamos o projeto integrado.

Com a metodologia pedagógica de projetos integrados, que é uma realidade no CECFL, percebemos momentos de maior integração entre os professores. A equipe pedagógica percebeu que o recorte das disciplinas impossibilita aprender o que está tecido junto, ou seja, o complexo (MORIN, 2003 p. 41), por isso a aprendizagem por meio de disciplinas que se comunicam entre si, não alheias umas às outras, corrobora para a formação holística dos seres e em sua construção mais consciente e crítica. O recurso didático-pedagógico da pluridisciplinaridade proporciona a “aprendizagem da assunção” (FREIRE) por parte dos sujeitos.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor e a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador (FREIRE, 2001, p. 46).

Com base nas observações feitas pelo bairro, refletimos sobre a importância de se falar sobre o cuidado com o meio ambiente, o que ocorreu nas aulas das diferentes disciplinas. As fotos (figura 10), por exemplo, foram tiradas bem próximas ao colégio e algumas vezes é possível ver que o lixo dos moradores é jogado na calçada da escola, o que foi bastante discutido e reprovado pelos alunos.

Figura 10 - Registro de lixo pelo bairro



Fonte: Acervo pessoal

Percebemos como tratar do tema ‘meio ambiente’ é relevante e que cabe aos professores atuais e das gerações futuras o alerta para a consciência ecológica dos estudantes e da comunidade escolar. A educação ambiental colabora em formar cidadãos críticos e que transformarão a sociedade e a si mesmos com práticas mais sustentáveis. Não há como formar seres humanos integrais sem uma abordagem multidisciplinar da educação ambiental.

Por isso, é necessário aprender a “estar aqui” no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos. Devemo-nos dedicar não só a dominar, mas a codificar, melhorar, compreender (MORIN, 2003, p. 76).

Acreditamos que a consciência ambiental discutida em sala de aula, contribui para a construção de seres humanos com cosmovisão pautada na coletividade e nos valores sociais; fazendo bom uso dos bens comuns, por exemplo, atentando-se ao descarte do lixo e valorizando a sustentabilidade.

Para a culminância do projeto bimestral, a turma fez uma caminhada pelo bairro, saindo da escola e caminhando até a pracinha principal, tendo como objetivo a conscientização da comunidade a respeito do meio ambiente. A turma produziu uma faixa com uma frase “O lixo que você joga no chão não fala, mas diz muito sobre você” e fizeram uma ação social de conscientização junto aos moradores e pessoas que passavam pelo bairro.

Figura 11 - Culminância do projeto integrado



Fonte: Arquivo da escola

O projeto propiciou atividades críticas através da linguagem, para com isso fazê-los perceber que, além de estudantes, são todos agentes comunitários por onde passam. É somente ultrapassando a aprendizagem passiva que será possível mostrar-lhes uma consciência engajada em relação a tudo que os cerca, desenvolvendo neles e com eles uma criticidade a respeito do bairro em que moram. É o letramento crítico que possibilita uma posição, uma postura mental, ou uma atitude intelectual e emocional que os leitores, ouvintes e espectadores exercem quando interagem com o texto (OLIVEIRA, 2019), portanto, essa noção está relacionada à atividade cognitiva e social, que deve ser adaptável às demandas cognitivas e sociais dos indivíduos envolvidos na localidade que moram/estudam.

3.4 O caminho pelo bairro: O Gradim que queremos

Entendemos que a escola é o espaço privilegiado do saber para todos: estudantes, professores, funcionários e comunidade. Sendo assim, a escola que permite o estudante “dizer a sua palavra” é uma organização que ensina e aprende na mesma medida. No espaço escolar, o mais importante são as pessoas que nele vivem e trocam experiências, já que toda relação humana implica aprendizado.

Assim, a falta de diálogo no ambiente escolar corrobora para a apatia, o desinteresse pela aprendizagem e o conflito entre as partes. Sendo assim, é preciso ouvir os estudantes, pois eles têm muito a dizer. Quando são ouvidos, tendem a se engajar mais e a estabelecer uma relação de confiança com seus pares e professores.

Pensamos a autonomia (FREIRE) e o protagonismo juvenil como o desenvolvimento do potencial humano (MORIN), buscando o educar para a cidadania, prezando uma relação viva entre formação, conhecimento e participação do estudante-sujeito, entendendo o adolescente como uma pessoa em processo de formação e que vive em um tempo e espaço social e histórico, buscamos uma reflexão emancipadora do discente.

Nesse sentido, a elaboração didática colaborativa, com a metodologia desenvolvida por meio de projeto de pesquisa educativa de opinião propiciou aprendizagens significativas, que vieram ao encontro das orientações curriculares atuais para a educação básica. A promoção de experiências de prática escolar que concretizam os princípios da contextualização de conteúdos, integração de disciplinas, valorização da iniciativa e autonomia dos jovens, cidadania e participação, criam possibilidades de inovação do trabalho pedagógico. Entendo que se pode aprender mais discutindo, fazendo e até ensinando a outras pessoas, sempre em busca de “uma sociedade mais justa, equitativa e democrática” (OLIVEIRA, 2019, p. 23).

As ações dessa pesquisa têm como embasamento teórico o interacionismo social apresentado no Círculo de Bakhtin, com reflexões sobre enunciação e dialogismo. Para a realização da análise dos trabalhos desenvolvidos, utilizei a teoria da abordagem enunciativa defendida por Goulart (2007), acerca dos estudos dialógicos de Bakhtin, que adota a ideia de que “enunciar é argumentar”. Aliado a esses conceitos, tomamos como base os conceitos e concepções dos estudos sobre letramentos crítico e social, abordados por Street, enfatizando que o papel do professor é ampliar o letramento dos estudantes, para que estes participem ativamente na sociedade, evidenciando nas práticas letradas, que a natureza do letramento deve estar associada a uma prática social e cultural da leitura e da escrita.

Expus para a turma a vontade de construir com eles uma proposta de trabalho em que ocorresse o envolvimento deles durante todo o percurso das atividades. Apresentei o projeto “Jovem, cadê sua opinião?”, que tem como base na metodologia de ensino “Nossa Escola Pesquisa sua Opinião (NEPSO)”, programa educativo do Instituto Paulo Montenegro. As perguntas começaram a surgir, percebi então, o envolvimento de boa parte da turma, pois muitos verbalizaram a vontade de aprender de maneira mais participativa, demonstrando muito interesse em conhecer mais o projeto.

Dessa forma, fui aos poucos explicando como aconteceriam as atividades e como eles poderiam apresentar ideias e assim, entraríamos juntos nessa tarefa pedagógica. Defini um esqueleto das tarefas que seriam elaboradas nas futuras aulas, seguindo um roteiro preestabelecido, seguindo o modelo da metodologia original e que será apresentado ainda neste tópico. No entanto, nunca amarrado a ele, pois por diversas vezes durante o ano foi preciso, retornar, acelerar, pausar, para, então, prosseguiremos na nossa proposta.

Acrescentei para a turma que eu também seria uma aprendiz dos conteúdos e processos. Assim, fui ganhando a confiança deles para que emitissem suas opiniões e expressassem suas impressões sobre o conhecimento construído com base no dialogismo e na coletividade.

Para realizar as atividades que focassem na compreensão do mundo que nos cerca e que fosse possível a atribuição de sentido no texto (oral ou escrito) produzido pelos estudantes foi preciso ouvir cada um deles, observar suas expectativas em relação ao projeto proposto e que seria desenvolvido em sala e fora dela.

Para iniciarmos o projeto “Jovem, cadê sua opinião?”, apresentei para a turma, com clareza, as razões que justificaram a escolha dessa metodologia de trabalho como prática educativa em sala de aula. Eu os orientei que esse tipo de trabalho era pensado em equipe, que não seria um trabalho elaborado por diferentes grupos, como a escola costuma sugerir, mas ao contrário, todos saberiam o que todos deveriam fazer em cada uma das etapas. Os grupos de trabalho seriam definidos, porém a pesquisa requereria um trabalho coletivo, promovendo a participação, a colaboração e a cooperação de um com todos e de todos com um.

Informei ao grupo quais seriam as etapas necessárias para a realização da pesquisa de opinião, a saber:

1. Definição do tema;
2. Qualificação do tema;
3. Definição da população e da amostra;
4. Elaboração coletiva do questionário;
5. Trabalho de campo;
6. Tabulação e processamento das informações;
7. Análise e interpretação dos resultados obtidos;
8. Sistematização, apresentação e divulgação dos resultados;
9. Proposta de intervenção/culminância do trabalho desenvolvido.

Expliquei com clareza cada conceito acima e permitindo que outros alunos e alunas externassem o que haviam entendido dos mesmos. Tudo isso foi feito em dois tempos de aula, no entanto, durante o percurso, por várias vezes foi preciso retornar para esclarecer ainda mais as etapas a serem seguidas no projeto.

Perguntei para a turma, qual seria o tema de estudo que os interessaria investigar. De maneira bem agitada, porém bastante participativa, todos os alunos opinaram sobre o tema objeto das possíveis pesquisas. Diversas foram as respostas dadas por eles: futebol, depressão, meio ambiente, suicídio, violência, cidadania, escola, comunidade, assédio, racismo, preconceito, etc. Todos propuseram temas com total liberdade.

Aos poucos fui orientando a turma que precisaríamos entrar em um consenso, pois teríamos que focar em algum tema específico, que deixaria de ser a sugestão de um ou mais estudantes, para ser o tema da turma 802. Eu já havia planejado fazer uma votação, no entanto, eu não precisei intervir, BCS⁴ pediu a palavra e sugeriu que colocássemos no quadro as diferentes ideias, para que eu pudesse contar. Então, sugeri que a aluna ACSN assumisse o quadro e escrevesse os diferentes temas sugeridos, e após a votação, contabilizasse os votos de cada um, para assim termos um tema eleito pela classe.

Fizemos a primeira votação e os temas mais votados foram: comunidade, cidadania e meio ambiente. Elegemos alguns estudantes para defender os temas mais votados. MBD defendeu que deveríamos falar sobre a comunidade em que a escola estava inserida, sair da escola para saber a opinião de moradores sobre o bairro Gradim, pois a turma havia feito uma caminhada no bairro para alertar sobre o lixo e, segundo ela, todos haviam gostado da atividade. LMM explicou que a turma já havia feito um projeto integrado no primeiro semestre sobre *O lixo no bairro*. JVASB explicou que o tema da turma deveria ser meio ambiente porque as pessoas precisavam entender mais sobre reciclagem e desperdício. Todos ouviram. Nova eleição foi feita, agora, com apenas 3 opções: comunidade, cidadania e meio ambiente. Dos 31 alunos da turma, apenas 2 alunos não estavam presentes. Na apuração o resultado final foi: 18 votos no tema Comunidade, 8 votos em Cidadania e 3 votos no tema Meio Ambiente.

Em outra aula, já com a definição do tema, iniciei a segunda etapa do projeto, perguntando o que eles queriam saber sobre a comunidade de maneira mais particular e com um foco maior, pois nesse momento precisávamos qualificar o tema escolhido. As perguntas sugeridas por mim foram: O que entendemos sobre comunidade? O que queremos saber sobre

⁴ Para preservar a identidade dos educandos, optamos por apresentá-los pelas iniciais de seus nomes.

esse tema?; O que já sabemos?; O meu bairro é a minha comunidade?. Após as diferentes e curiosas opiniões, respostas e críticas ao bairro, definimos que o título do projeto “Jovem, cadê sua opinião?” da turma 802 seria “O Gradim que eu quero”. Assim, concluímos a etapa da qualificação do tema. Todos gostaram e, então, iniciei com reflexões mais profundas sobre o bairro em que eles moram e na qual está inserida a escola em que estudam.

Primeira pergunta: O que tem de bom no Gradim? Resposta praticamente unânime: nada! Fui tentando desconstruir essa imagem negativa que eles tinham do bairro com mais perguntas que respostas, como por exemplo: O que vocês fazem no bairro depois que saem da escola e nos finais de semana? No Gradim tem boas escolas? A escola que vocês estudam é boa, em que bairro ela fica? Vocês gostam da feira livre do Gradim? Alguém frequenta a praçinha do bairro? Há muitos ou poucos comércios na comunidade?.

Aos poucos, os estudantes foram acrescentando lugares, pessoas e atividades de que eles gostavam no bairro. MDMR elogiou a feira livre e o pastel vendido no local. GMJ falou que gostava de jogar bola em um campo do bairro. RFS disse que gostava muito da escola, que os seus irmãos também estudaram ali e que eu havia sido professora de uma irmã dela. CSL disse que é frequentador da praça. KGF disse que o bairro tem lojas legais em especial as lanchonetes. TASS fez muitos elogios à loja de açaí e à sorveteria do bairro.

Pontos negativos também foram citados. Muitos alunos falaram da violência e que têm receio de sair à noite. BCS e JAS falaram de assaltos no bairro, de roubo de celular e que os colegas não deveriam andar à noite sozinhos. VHES mencionou o perigo de quando saem da escola, o que ocorre depois das 18 horas e já está bastante escuro. MBD falou sobre o lixo que deixam no bairro, reclamou que a coleta por vezes atrasa e YCG reclamou de falta de médico no posto de saúde do bairro. JVASB acrescentou que o bairro é muito esquecido pela prefeitura da cidade e que isso precisava melhorar. CHACP lembrou do episódio lamentável amplamente comentado na mídia de ataque a tiros em um bar no bairro Porto Velho, portanto vizinho ao bairro da escola, deixando quatro mortos e sete feridos, em que um grupo de cerca de 40 pessoas se reunia em uma confraternização após uma partida de futebol quando homens armados chegaram de carro e dispararam contra quem estava dentro do bar. JLM disse que algum familiar conhecia um dos mortos, que era morador da redondeza.

Iniciei a minha pesquisa no intuito de encontrar textos sobre o bairro Gradim. Elegi *Um amor chamado Gradim*, crônica de Romario Regis (Anexo C). Só pelo título, alguns alunos já começaram a achar graça, claramente desvalorizando o bairro. Eu não fiz nenhuma inferência, deixei que o texto falasse por si mesmo. Aos poucos, eles foram concordando com o que liam, riam em algumas partes, enfim, participavam de maneira proveitosa da leitura.

LSM achou interessante que houvesse um texto falando sobre seu bairro. Aos poucos o grupo foi percebendo que o bairro tinha pontos negativos, mas que tinha muitos pontos positivos também, como qualquer outro lugar.

Esse mesmo texto foi lido em outro momento, no entanto, nesse segundo momento utilizamos o texto para falar do contexto em que foi escrito, o *site* em que o texto foi encontrado, falei que o autor era gonçalense, e fomos tentando descobrir os locais e pessoas mencionados no texto. Alguns foram possíveis, outros não. Alguns lugares eles conheciam, outros não. Disse que tentaria entrar em contato com o autor do texto para que ele fosse a nossa escola para uma conversa. A turma ficou empolgada.

Em outra aula, na terceira etapa do projeto, disse ao grupo que estava na hora de definirmos a população que seria entrevistada e que deveríamos elaborar o questionário. Houve consenso, todos quiseram que entrevistássemos moradores do bairro. Os estudantes ainda me pediram que andasse pelo bairro com eles para fazermos as entrevistas.

A definição da população e da amostragem foi definida rapidamente: 40 moradores do bairro, homens e mulheres. Orientei que precisaríamos definir dez alunos para serem os entrevistadores, muitos se candidataram, mas os dez foram logo escolhidos. Precisei esclarecer a diferença entre entrevistador e entrevistado, alguns estavam confundindo esses dois conceitos distintos.

Na semana seguinte, iniciamos a produção da escrita do questionário para as entrevistas, quarta etapa do projeto. Foi um momento muito interessante e rico para mim. Todos queriam falar, contribuir e participaram de maneira efetiva. Planejamos que criaríamos dez questões, cada uma com quatro opções de resposta: A, B, C e D. Orientei que as questões deveriam ser objetivas, curtas, diretas e claras, com sentenças simples. Expliquei também que as perguntas deveriam ser fechadas, isto é, perguntas em que o leque de respostas possíveis fosse àquela que o entrevistado entendesse que mais correspondia à sua opinião e de múltipla escolha.

Foi preciso formular perguntas que não comprometessem o resultado a ser obtido. Informei que era possível colocar a opção “não sei” ou “não respondeu”, no entanto, eles acharam melhor elaborarmos quatro opções de respostas diretas, sem a opção “não sei” ou “não respondeu” (Apêndice F).

Foram necessários dois dias de aula (de dois tempos de 50 min cada aula) para iniciar e concluir a etapa da produção do questionário. Destaco que, na produção textual coletiva do questionário, houve um grande ensejo da turma em participar politicamente das demandas do bairro. Eles demonstraram preocupação em saber sobre saúde e iluminação públicas, o

trânsito no bairro, coleta de lixo, o lazer na localidade, entre outros pontos bastante pertinentes. As questões elaboradas coletivamente instigaram os alunos a pensar sobre o local em que vivem.

Discutimos sobre a necessidade de alguém para digitar. KOG se ofereceu para a tarefa. Com o questionário digitado, impresso e com as 40 cópias para os 40 entrevistados, partimos para uma volta no bairro. Com o papel da entrevista e caneta nas mãos, dez alunos entrevistadores, escolhidos pela turma e eu saímos da escola até a pracinha do bairro para o trabalho de campo. Esse foi mais um momento que percebi a grande interação deles comigo.

Conversamos sobre muitos assuntos. Eles fizeram várias observações: que havia lixo na rua, que o bairro estava abandonado, e que eles precisavam se concentrar na escolha das pessoas a serem entrevistadas para não perderem o foco do projeto. Assim, eles atuaram na quinta etapa, o trabalho de campo.

Eu já os havia orientado em sala sobre como abordar os entrevistados, preparando-os para a situação comunicativa da qual eles iriam participar, também informei que eles deveriam se apresentar, me apresentar, explicar a proposta do trabalho e perguntar se a pessoa era moradora do bairro e se tinha interesse em participar da pesquisa. Esclareci a cada um deles que não emitissem opinião alguma e que levassem a sério a função de entrevistadores. Eu somente orientei e caminhei com eles, deixei que eles falassem, se apresentassem e fizessem a entrevista. Algumas pessoas não quiseram participar da entrevista, mas a grande maioria aceitou cordialmente, inclusive com elogios ao trabalho da turma e da escola.

Os dez alunos se comportaram de maneira muito educada, desinibida, proativa para essa atividade. CSL salientou que muitos moradores entrevistados mencionaram preocupação com a segurança pública do bairro. RSB mencionou que “nunca tinha sido tão formal na vida”. Ele percebeu que havia assumido uma postura de entrevistador, ajustando a sua fala para o momento de interação com seus interlocutores. Durante aproximadamente 1 hora e meia as entrevistas estavam feitas e retornamos para a escola.

Com a conclusão dessa etapa, ficou claro para os estudantes que ouvir os moradores do bairro foi importante, permitindo a eles a apreensão do mundo, da coletividade. Assim, entendemos que

o sujeito vai constituindo-se discursivamente, aprendendo as vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é formado de diferentes vozes em relações de concordância e discordância (FIORIN, 2018, p. 61).

Figura 12 – O momento da conclusão das entrevistas pelo bairro



Fonte: Acervo pessoal

Cinco alunos foram escolhidos pela turma para a tabulação e processamento das informações. Como a escola não tem sala de informática ou computador disponível para os alunos, foi preciso utilizar meu computador pessoal para essa e para as demais etapas. Verificamos se o questionário havia sido preenchido corretamente. Com todos os questionários corretos, seguimos na tabulação manual, vendo entrevista a entrevista, quantas pessoas elegeram cada opção dada. E após a tabulação manual feita, iniciei a explicação de como se constroem gráficos e tabelas utilizando os programas *Word* e *Excel*. Nenhum dos alunos tinha conhecimento de como se construía gráficos. Nessa etapa pude mostrar ao grupo as potencialidades da informática como ferramenta de trabalho para organizar e armazenar dados.

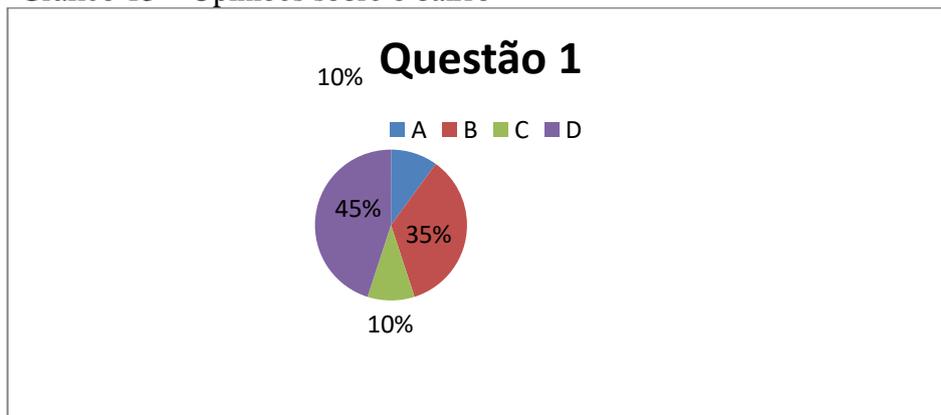
A etapa seguinte foi o momento da análise dos resultados obtidos com as entrevistas. Apresentei os tipos de gráfico possíveis e deixei que eles decidissem o que melhor representava a turma. O *layout* escolhido foi “pizza”. Construimos coletivamente o texto que correspondia a análise de cada gráfico. Os primeiros foram mais difíceis e os estudantes tiveram certa dificuldade, porém, após entenderem fazendo e construindo comigo o texto coletivo de análise dos dados, rapidamente principiaram a escolher os melhores verbos, não repetir palavras, atentar-se ao uso do plural, evitar redundância e frases com sentido duplo. Aproveitei para explicar sobre porcentagem, assunto que eles ainda não haviam aprendido nas aulas de Matemática. Mostrei que se 8 pessoas das 40 escolhessem uma dada opção, isso não significava 8%, aos poucos eles foram entendendo, que as 40 entrevistas representavam 100% da população entrevistada. Foi gratificante perceber esse entendimento sendo construído.

Os gráficos e as interpretações elaboradas coletivamente ficaram assim:

1. O que você acha do bairro Gradim?

- A) Eu acho o Gradim um bairro bom para morar.
- B) Penso que o Gradim é um bom bairro, mas poderia melhorar.
- C) O Gradim é um bairro sujo e perigoso, mas gosto de morar nele.
- D) O Gradim é um bairro esquecido pelo poder público, portanto precisando de muitas melhorias.

Gráfico 13 – Opiniões sobre o bairro



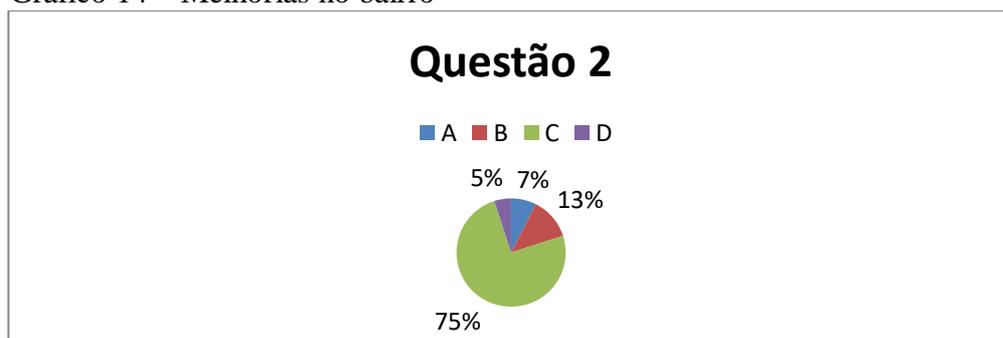
Fonte: Elaborado pelos estudantes da turma 802

Percebemos que 45% da população entrevistada acham o Gradim um bairro esquecido pelo poder público. 35% julgam ser um bom bairro, mas que precisa de melhorias. 10% demonstram satisfação em morar no Gradim e 10% o acham sujo e perigoso, mas gostam de morar nele.

2. Quais melhorias poderiam acontecer no Gradim?

- A) Asfalto no bairro.
- B) Iluminação nas ruas.
- C) Mais segurança pública.
- D) Ordenação no trânsito.

Gráfico 14 – Melhorias no bairro



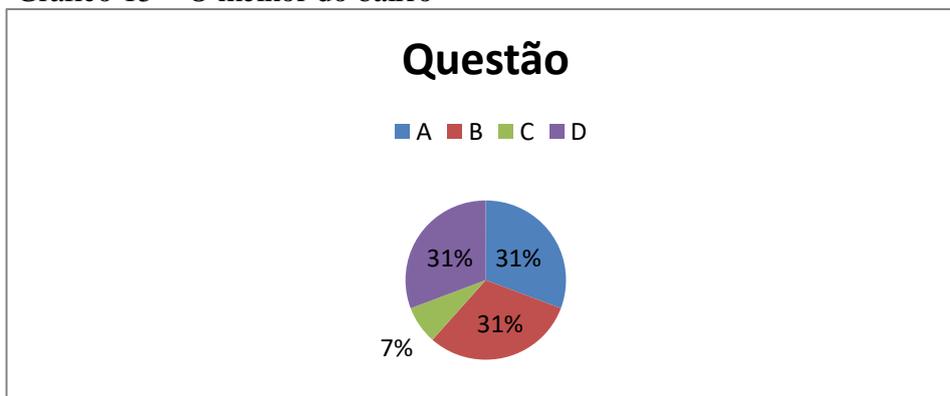
Fonte: Elaborado pelos estudantes da turma 802

75% dos entrevistados querem mais segurança no bairro Gradim, 13% solicitam iluminação pública nas ruas, 7% sugerem asfalto nas ruas do bairro e 5% pedem ordenação no trânsito.

3. O que o Gradim tem de melhor?

- A) O comércio.
- B) A feira.
- C) A praça.
- D) As pessoas que moram no bairro.

Gráfico 15 – O melhor do bairro



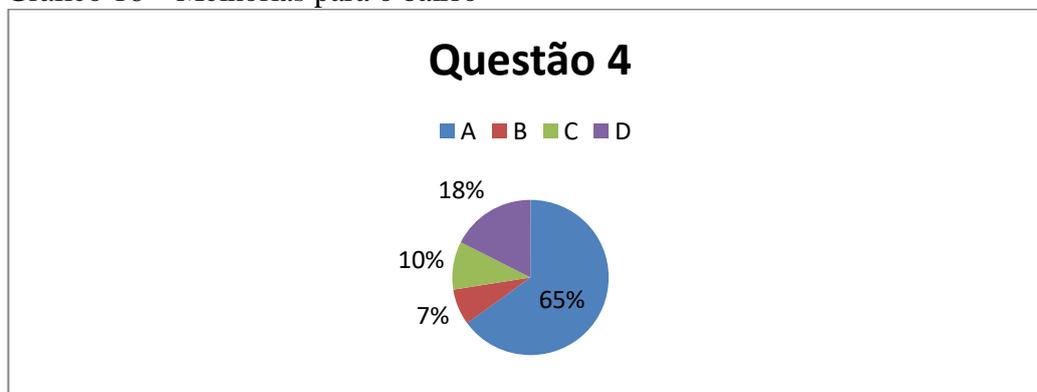
Fonte: Elaborado pelos estudantes da turma 802

31% acham que o comércio é o melhor do bairro, 31% acham que é feira livre, 31% acreditam que são as pessoas e 7% acham a praça é o que o bairro tem melhor.

4. O que o Gradim tem de pior e precisa melhorar?

- A) A violência urbana.
- B) O transporte público.
- C) Ruas sem asfalto.
- D) Falta de coleta de lixo regular e ruas sujas.

Gráfico 16 – Melhorias para o bairro



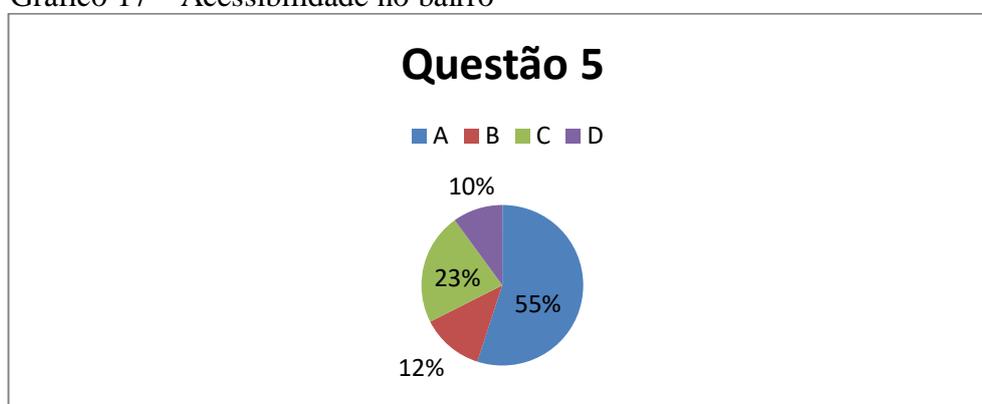
Fonte: Elaborado pelos estudantes da turma 802

Para 76% da população entrevistada o que o Gradim tem de pior é a violência urbana, 3% acham inadequada a coleta de lixo no bairro, 12% acham que são as ruas sem asfalto e 9% julgam o transporte público ineficiente.

5. Em sua opinião o bairro possui acessibilidade adequada aos deficientes físicos?

- A) O bairro Gradim não está adequado no quesito acessibilidade.
- B) O bairro Gradim está adequado no quesito acessibilidade.
- C) Eu nunca prestei atenção nisso.
- D) Só há acessibilidade em locais públicos como escolas e postos de saúde.

Gráfico 17 – Acessibilidade no bairro



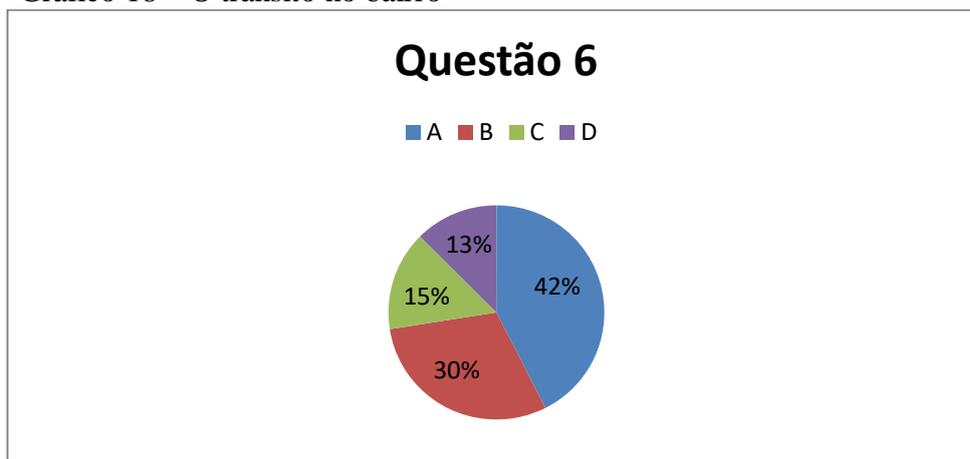
Fonte: Elaborado pelos estudantes da turma 802

Na questão 5, 55% dos entrevistados acham que o bairro não possui acessibilidade, 23% nunca perceberam se existe local com acessibilidade no bairro, 12% julgam o bairro acessível aos deficientes físicos e 10% percebem que só há acessibilidade em locais públicos.

6. Qual a sua opinião sobre o trânsito no bairro Gradim?

- A) Não existem placas de trânsito no bairro e os semáforos costumam estar com defeito.
- B) Os motoristas não respeitam o trânsito de pedestres no bairro.
- C) Em minha opinião não há problemas no trânsito.
- D) Os pedestres não cumprem seus deveres no trânsito.

Gráfico 18 – O trânsito no bairro



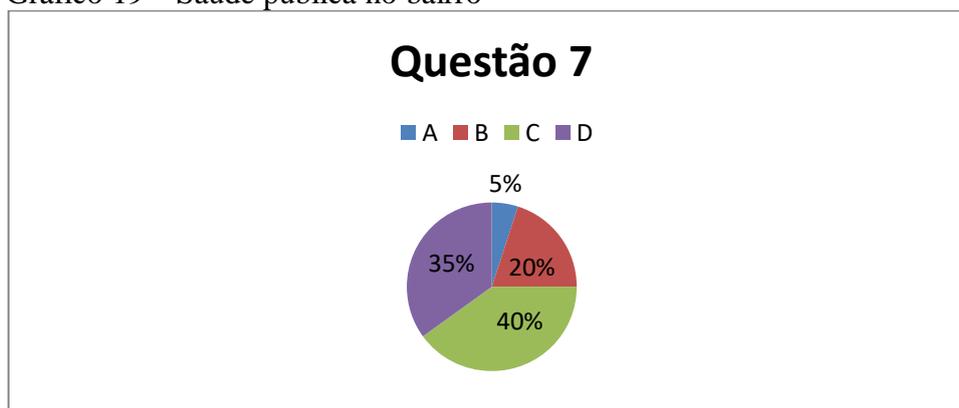
Fonte: Elaborado pelos estudantes da turma 802

Em relação ao trânsito no bairro 42% dos entrevistados acham que não existem placas de trânsito e os semáforos costumam estar com defeito, 30% acham que os motoristas não respeitam o trânsito e os pedestres no bairro, 15% julgam que não há problemas no trânsito do bairro e 13% acham que os pedestres não cumprem seus deveres no trânsito.

7. Você acha que o bairro oferece serviços de saúde pública adequados?

- A) Sim. Há muitos postos de saúde.
- B) Sim, porém não atendem toda a população.
- C) Não tem serviço médico adequado no bairro.
- D) Não, pois não há hospitais no bairro.

Gráfico 19 – Saúde pública no bairro



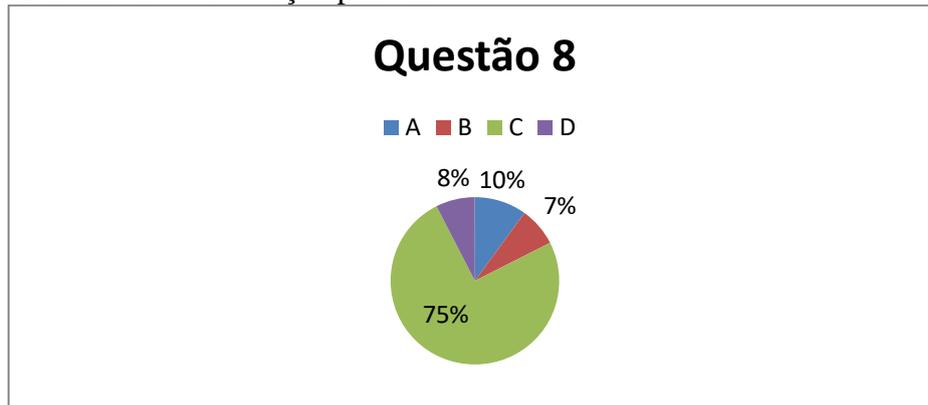
Fonte: Elaborado pelos estudantes da turma 802

Observamos que para 40% dos entrevistados não há serviço médico adequado no bairro, 5% no entanto, acham que há muitos postos de saúde no Gradim, 35% acham que não há hospitais no bairro e 20% acham que tem serviço médico, porém não atende toda a população.

8. O Gradim possui boa iluminação pública?

- A) Eu nunca prestei atenção nisso.
- B) Todas as ruas do bairro possuem boa iluminação.
- C) A iluminação no bairro precisa de manutenção.
- D) Boa parte do bairro possui iluminação pública.

Gráfico 20 – Iluminação pública



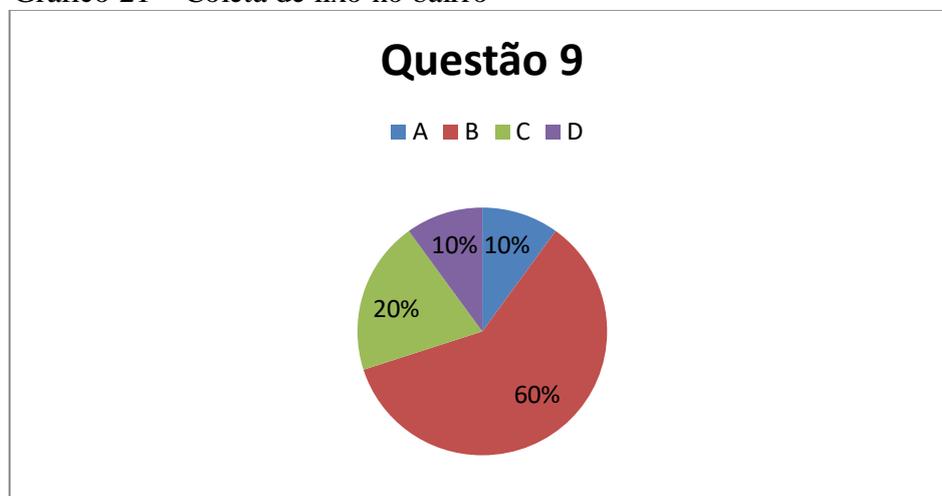
Fonte: Elaborado pelos estudantes da turma 802

A respeito da iluminação pública do bairro Gradim, 79% julgam que a iluminação do bairro precisa de manutenção. Para apenas 3% boa parte do bairro possui iluminação pública. 10% afirmam que nunca prestaram a atenção nesse fato. 8% dizem que todas as ruas do bairro possuem boa iluminação.

9. A coleta de lixo no bairro funciona regularmente?

- A) Funciona regularmente. As ruas são limpas.
- B) A coleta funciona regularmente, mas as pessoas não colaboram com a limpeza das ruas.
- C) Não funciona adequadamente. As ruas estão sujas.
- D) O caminhão de lixo não passa regularmente em minha rua.

Gráfico 21 – Coleta de lixo no bairro



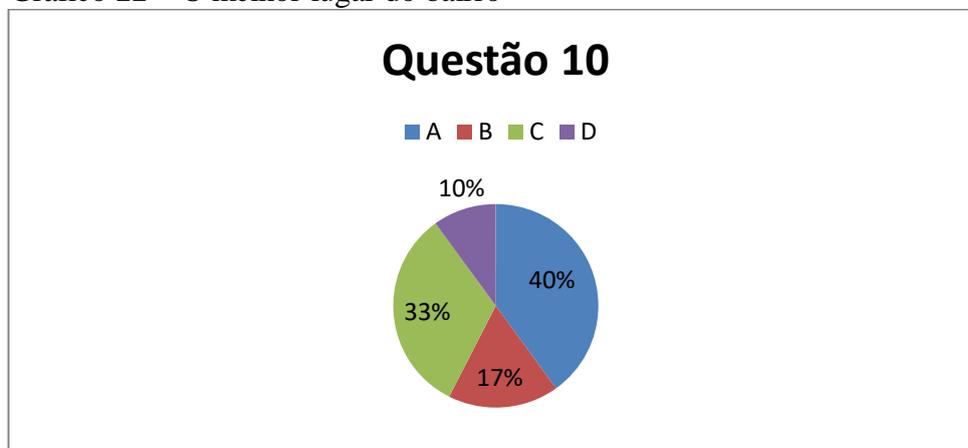
Fonte: Elaborado pelos estudantes da turma 802

A respeito da coleta de lixo, 60% dos entrevistados entendem que ocorre regularmente, porém, as pessoas não colaboram com a limpeza das ruas. 20% acham que as ruas estão sujas, pois a coleta não funciona adequadamente. 10% acham as ruas limpas e 10% acham que o caminhão de lixo não passa regularmente em suas respectivas ruas.

10. Qual é o melhor lugar do bairro?

- A) A Praça do Gradim (Evaristo Rica Marcos).
- B) Os bares e lanchonetes.
- C) A feira.
- D) O campo de futebol.

Gráfico 22 – O melhor lugar do bairro



Fonte: Elaborado pelos estudantes da turma 802

10% da população entrevistada acham que a Praça Evaristo Rica Marcos é o melhor lugar do bairro Gradim. 10% acham que é o campo de futebol. 17% acham que são os bares e lanchonetes. 33% acham que é a feira semanal que ocorre aos sábados.

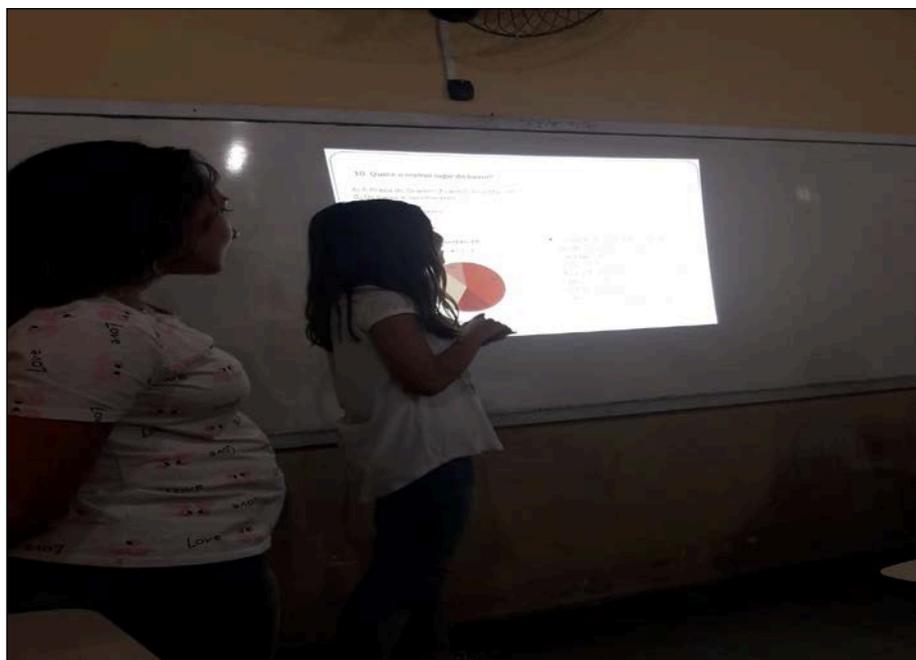
Após a produção e análise dos gráficos, iniciamos a escolha de dois alunos que apresentariam os resultados obtidos na pesquisa de opinião para a comunidade escolar. Nesse momento, os estudantes da turma 802 se mostraram inseguros em apresentar suas descobertas para outra turma da escola. Fui, aos poucos, fazendo-os refletir que a trajetória e o sentido desse projeto havia sido construído por e com eles, que eles eram os protagonistas nesse processo pedagógico, mostrei como o repertório deles havia aumentado, quantas palavras e conceitos eles haviam conhecido e aprendido, mostrei como eles haviam construído o conhecimento e a autoria das tarefas planejadas e produzidas e, por fim, como eles eram potentes e criativos.

Então, duas alunas anunciaram querer apresentar o trabalho para a escola, o que me deixou bastante confiante e motivada, pois por um momento julguei que eles não iriam querer

participar dessa etapa. Informei e pedi autorização à direção, dizendo que a tarefa que havíamos planejado necessitava de outra turma para acontecer, ou seja, a turma que iria assistir e ouvir as descobertas da turma 802. Expus que eles apresentariam o resultado de um trabalho de meses, pensado e desenvolvido com muita competência e responsabilidade, acrescentei que esse momento seria a possibilidade de apresentar à escola que a construção de sentidos vai além da sala e que os estudantes eram atuantes e protagonistas do conhecimento adquirido. A data foi definida pela direção e iniciamos o planejamento de como seria a apresentação e para qual turma.

Entendendo que a expressão oral deve ser trabalhada em sala de aula, isto é, ensinada nas escolas, fizemos um arquivo de *PowerPoint* para que as duas alunas apresentassem os resultados obtidos no projeto da turma. Direcionei o que seria importante ser mencionado na apresentação, orientei para que ficassem atentas ao tempo estabelecido para a apresentação, também que elas se preparassem, pois algum estudante de outra turma poderia fazer alguma pergunta sobre o trabalho.

Figura 13 - Apresentação e divulgação dos resultados da pesquisa



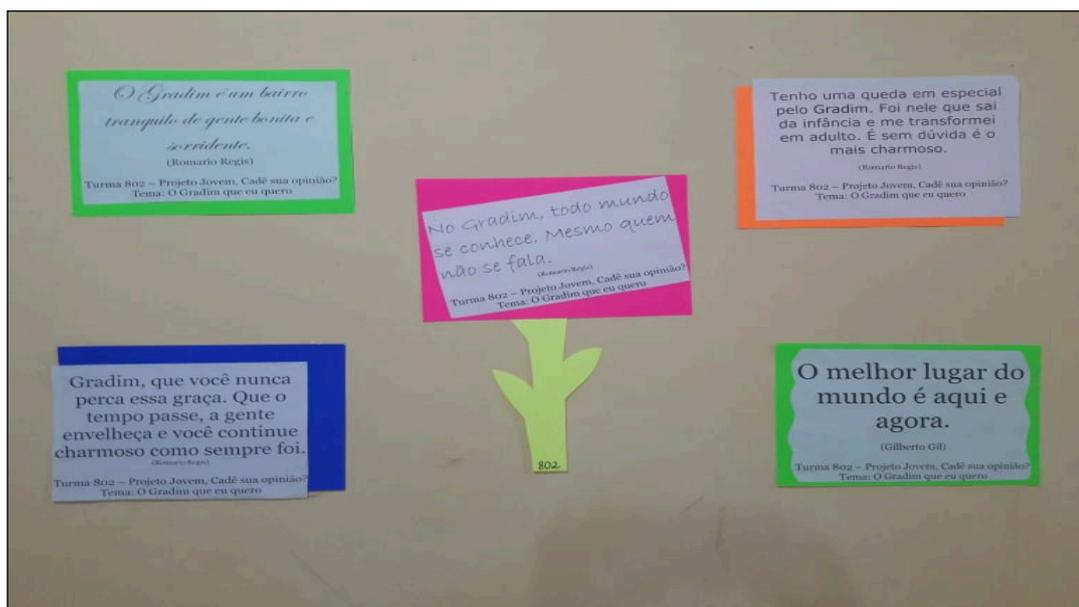
Fonte: Acervo pessoal

Com o projeto, estimulamos a troca de experiências vividas, o compartilhamento das informações obtidas e a interação entre as pessoas. Nesse momento foi possível oportunizar aos estudantes envolvidos que ensinassem algo aos colegas de outra turma. Pedi que

acrescentassem relatos da experiência da turma nas diferentes etapas do projeto, até então, ocorridas.

A turma 802 apresentou seu trabalho para outras turmas da Unidade Escolar. Enfeitamos a sala de forma que ficasse mais acolhedora, colocamos frases que falassem sobre o tema da turma 802 “O Gradim que eu quero”.

Figura 14 - Mural de frases sobre o bairro



Fonte: Acervo pessoal

A apresentação foi assistida por cada turma convidada com muita atenção, ao final foi aplaudida e elogiada por todos. Sendo assim, os estudantes da 802 perceberam a relevância das descobertas feitas e que o objetivo do trabalho foi alcançado com louvor.

3.5 O caminho até o CIEP 250: o Gradim de mudanças

Concluídas as atividades citadas no tópico anterior, precisávamos pensar como seria a etapa final do trabalho, isto é, a culminância do projeto “Jovem, cadê sua opinião?”. Por participar indiretamente do grupo de pesquisa denominado Conversa de Professor (CIEP 250), criado em 2016, certificado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, coordenado pela professora doutora Marcia Lisbôa, orientadora da presente dissertação de

mestrado, refletimos que seria interessante trabalharmos a ideia de pertencimento dos estudantes ao bairro em que moram e no qual convivem entre si, a cooperação solidária para a produção de sentidos além dos muros da escola, a busca de um sujeito atuante socialmente, empático, ativo e proativo na comunidade, na valorização de sua criatividade e dos seus talentos e na força emancipatória que gera autonomia e protagonismo estudantil.

Sugeri para a turma que fizéssemos um trabalho, como culminância do projeto, no CIEP 250, que fica a 300 metros da escola, na mesma calçada, ideia original da professora Marcia Lisbôa.

Esse grupo configura um coletivo interinstitucional que reúne professores do ensino superior e da educação básica, alunos da licenciatura em Letras e estudantes de pós-graduação. De acordo com o texto norteador desse projeto:

os encontros de estudos e as práticas desse coletivo têm como território o CIEP Brizolão 250 Municipalizado Rosendo Rica Marcos (CIEP 250). Nossa pesquisa nasceu e vem se construindo no chão dessa escola pública, a partir da inquietação diante de problemas que afetam nossa identidade docente, por isso a investigação-ação decorre da necessidade não somente de resistirmos, mas também de nos reinventarmos nesse contexto adverso.

Para o biênio 2019/2020, o grupo de trabalho do projeto integrador Conversa de Professor elaborou o projeto “Cuidar e Com-viver no CIEP 250: estudos, reflexões e práticas”. Assim sendo, a equipe pensou em ações relacionadas às pessoas e ao espaço físico da escola, empregando uma metodologia interdisciplinar, centrada na análise de situações-problema que possam ser alteradas mediante a atuação e a parceria entre estudantes, professores, pais e comunidade, no sentido de buscar soluções para os problemas diagnosticados e pensar em alternativas de futuro.

O projeto de estudos e práticas de autoformação desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Conversa de Professor baseou-se nas dimensões filosófica e pedagógica do *cuidar*, visto que a atitude de *cuidar* é presente no cotidiano das participantes do grupo. Assim sendo, o grupo de trabalho focou em três instâncias do cuidado: cuidar de si mesmo, cuidar do outro e cuidar do planeta (BOFF, 2014).

Na dimensão filosófica, tomamos por base a concepção de *cuidado*, compreendida como *ethos* do humano, considerando que:

O cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. Significa reconhecer o cuidado como *modo-de-ser* essencial, sempre presente e irreduzível a outra realidade anterior. É uma dimensão frontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada.(BOFF, 2014, p. 38)

Quando retornei para a turma 802 e sugeri essa proposta de trabalho, isto é, a promoção de atividades integradoras entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP), o Colégio Estadual Coronel Francisco Lima e o CIEP Brizolão Municipalizado 250 Rozendo Rica Marcos 250, imediatamente a turma abraçou a ideia e sugeriu diversas atividades que poderiam ser feitas.

Nesse contexto, participamos juntos de uma tempestade de ideias e sugestões, os estudantes principiaram a opinar sobre temas e atividades que poderiam ser desenvolvidas no local. Mencionei quais seriam os interlocutores nas atividades, portanto que as atividades a serem produzidas deveriam estar de acordo com a idade e o ano de escolaridade dos alunos do Rozendo Rica Marcos. Anotamos algumas ideias no quadro.

Agendei uma visita e, no dia estipulado, fui ao CIEP para me apresentar e discutir a proposta. Fui recebida de maneira muito gentil e solícita pela professora Alzira, e definimos que teríamos quatro encontros da turma 802 com os alunos do CIEP, quais os dias da semana em que os mesmos aconteceriam, em que turno e as turmas que participariam de cada atividade. Já sabendo do tema do projeto para o biênio 2019/2020 “Cuidar e Com-viver”, apresentei e ouvi algumas sugestões do trabalho que faríamos juntos.

Planejamos ações para os quatro encontros nos meses de setembro e outubro que dialogassem com o projeto acima citado e fizesse sentido para os alunos do CIEP, portanto pensamos em atividades que indicassem o “modo de ser-no-mundo” que se realiza pelo cuidado de sujeito para sujeito” (BOFF). A saber:

Data: 13/09/2019	Turmas a serem aplicadas: 1° e 2° anos
Tema: Alimentação Saudável	Objetivo do trabalho: Estimular o consumo de alimentos saudáveis, como frutas, verduras e legumes, além de alertar os estudantes sobre o perigo dos alimentos prontos e industrializados.
Data: 20/09/2019	Turmas a serem aplicadas: 3°, 4° e 5° anos
Tema: A beleza está em todos nós	Objetivo do trabalho: Valorizar a aceitação de si e do outro, valorizando a beleza singular de cada um.
Data: 04/10/2019	Turmas a serem aplicadas: Educação Infantil
Tema: Banho de bonecas e bonecos	Objetivo do trabalho: Estimular de maneira prática o cuidado de si e do outro com a limpeza e o asseio do corpo.

Data: 18/10/2019	Turmas a serem aplicadas: Todas
Tema: Culminância do Projeto	Objetivo do trabalho: Planejar tarefas e ações que permitam a atividade física e que valorizem o brincar e o contato físico.

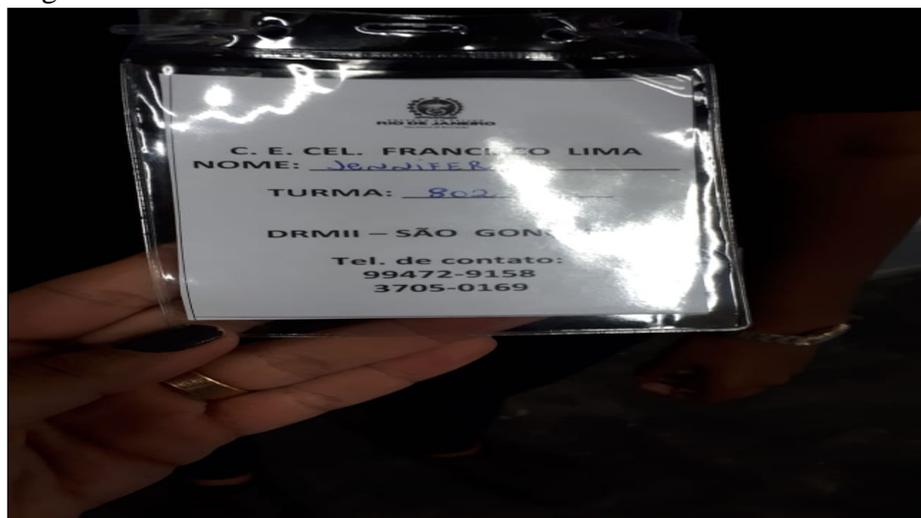
As atividades acima propostas aconteceriam às sextas-feiras, durante, aproximadamente, 1 hora e meia, na parte da manhã, portanto fora do meu dia e horário de trabalho com a turma. A escola em que leciono preparou um pedido de autorização que foi assinado pelos responsáveis, liberando a ida dos alunos ao CIEP, acompanhados por mim.

Percebi um engajamento deles nos encontros, pois eles doaram seu tempo fora da escola para a execução desse projeto, o que me deixou bastante entusiasmada, visto que não atribuí notas para as atividades.

Deixei que a participação no projeto ocorresse de maneira voluntária, para que não perdêssemos a ideia de solidariedade e empatia, que são virtudes que devem ser estimuladas, mas não forçadas.

As atividades planejadas e assumidas pela turma 802 no CIEP foram desenvolvidas de maneira muito constante e participativa. Os horários e datas foram cumpridos com responsabilidade e assiduidade por eles. “É o que significa a palavra responsabilidade, dar uma resposta ao outro” (BOFF, 2012, p. 17).

Figura 15 – Crachá



Fonte: Arquivo pessoal

Juntos, planejamos todas as ações, nada foi elaborado sem eles, os participantes opinaram em todas as etapas das tarefas que seriam feitas para os discentes do CIEP. Além disso, as oficinas foram desenvolvidas e apresentadas por eles, nós planejávamos juntos, eu os

orientava anteriormente, para que eles e elas assumissem o papel de tutores dos alunos do Rozendo Rica Marcos.

A proposta de elaboração didática participativa permitiu motivação para cada encontro e trocas e/ou solidificação de perspectivas para o monitoramento da melhora da prática a cada dia. Pensamos juntos nas atividades que seriam desenvolvidas, no público alvo, na faixa etária de cada grupo e quais questões sociais deveriam ser abordadas.

A colaboração, a cooperação, a autonomia e a valorização dos saberes de cada estudante foi o ponto de partida para o planejamento das diferentes propostas de trabalho para as oficinas que explicitaremos a seguir. Os adolescentes precisaram pensar estratégias que prendessem a atenção das crianças do CIEP e que fossem, ao mesmo tempo, interessantes para eles próprios.

3.5.1 Alimentação saudável

Com base no tema “Cuidar e Com-viver”, a atividade planejada para o primeiro encontro foi sobre o tema Alimentação Saudável, direcionada aos estudantes do 1º e 2º anos do ensino fundamental.

Iniciei o dia me apresentando, falando sobre o nosso projeto de parceria, apresentei os estudantes do CECFL e mostrei alguns dos meus alunos que haviam estudado no CIEP quando menores.

Após, os adolescentes da turma 802 iniciaram as atividades que havíamos planejado, fazendo uso de linguagem bem acessível e própria para as crianças dos anos iniciais da educação básica, falando sobre os alimentos saudáveis e não saudáveis. As crianças do CIEP participaram ativamente durante essa conversa, demonstrando interesse em tudo durante toda a apresentação.

Em seguida, iniciamos a atividade lúdica que havíamos planejado: um mural nas cores verde: indicando os alimentos que devem ser consumidos mais vezes durante o dia; amarela: indicando os alimentos que devem ser consumidos com moderação; e vermelha: indicando os alimentos que devem ser evitados. O uso do mural com tais cores permitiu a associação com a educação para o trânsito e o semáforo, indicando, indiretamente, mais um possível conteúdo a ser trabalhado com a turma pelas professoras.

Imprimimos figuras de alguns alimentos como doces, frutas, legumes, macarrão instantâneo, hambúrgueres, biscoitos de salgadinho de milho, guaraná natural, verduras, etc. Os alunos deveriam escolher uma imagem e indicar se o alimento deveria estar na parte verde (consumo livre), amarela (consumo moderado) ou vermelha (evitar o consumo). Fizemos uso também de *emojis*, que permitem também uma comunicação visual. Associamos diferentes *emojis* para indicar o alimento que deve ser consumido mais vezes, o alimento que deve ser consumido com moderação e o alimento que deve ser evitado.

Um dos alunos, ao escolher a fotografia do macarrão instantâneo, ficou convencido que por ser, em sua opinião, um alimento muito bom, deveria ser consumido todos os dias. A experiência vivida por ele comendo o referido alimento, permitiu que ele atribuísse valor positivo a algo que não era apropriado para o consumo de forma recorrente. Foi um momento muito descontraído, no qual orientamos que embora fosse gostoso, o tempero pronto, que é parte integrante da embalagem do alimento, não era saudável e deveríamos evitar seu consumo, portanto a imagem deveria ficar na parte vermelha do cartaz.

Figura 16 – Dinâmica Alimentação Saudável



Figura 17 – Dinâmica Alimentação Saudável



Fonte: acervo pessoal

Durante as oficinas, oportunizamos que cada criança tivesse espaço para expressar seu ponto de vista. As crianças precisaram consultar seus colegas, em alguns momentos de dúvida se o alimento era ou não saudável, essa busca de soluções permitiu a construção coletiva e a solidificação do conhecimento.

Elaboramos ainda uma atividade em que as crianças, de olhos vendados, deveriam adivinhar o alimento que era oferecido a eles. Os adolescentes perguntavam se o alimento era doce, salgado, azedo, amargo, quente ou frio e as respostas direcionavam para a descoberta do alimento escolhido sem que o aluno tivesse visto com antecedência.

A aprendizagem apresentada por meio de jogos permite que sejam desenvolvidas atividades mais lúdicas e cooperativas, além de possibilitarem a intensa troca de informação entre os envolvidos, promovendo o potencial de ouvir e de ser ouvido, promovendo a segurança e contribuindo para a diminuição da timidez.

Figura 18 – Cartaz sobre alimentação saudável



Fonte: Acervo pessoal

Enquanto um grupo estava dentro da sala desenvolvendo as atividades pedagógicas, outro grupo estava no refeitório preparando uma mesa de frutas para o lanche coletivo. Após as atividades planejadas em sala, partimos para o refeitório do CIEP. Todos lancharam juntos, de maneira muito educada, meus alunos serviram e ficaram encantados com o comportamento das crianças. MB relatou que um aluno pediu uma fruta para levar para o irmão que estava em casa e que, portanto, não estava participando daquele momento com ele.

O par experiência/sentido, oportunizado com essa atividade, deixou os alunos empolgados com tudo que fizeram, viram e ouviram. Percebemos que essa ação aparentemente simples, oportunizou que os alunos adolescentes da turma 802 refletissem que “cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.” (BOFF, 2017, p. 37).

Figura 19 - Lanche coletivo



Fonte: Acervo pessoal

Figura 20 - Lanche coletivo



Fonte: Acervo pessoal

3.5.2 A beleza está em todos nós

No encontro seguinte, com atividades planejadas para as turmas do 3º, 4º e 5º anos, a 802 apresentou a nova proposta de trabalho. Tendo sempre como foco que o projeto do CIEP deveria basear-se no “cuidado de si, do outro e do mundo”. Pensamos, então, no tema “A

beleza está em todos nós”. A turma 802 sugeriu que fizéssemos ações que gerassem o cuidado do outro.

Os grupos foram divididos e as atividades desenvolvidas por equipe foram: maquiagem, manicure, oficina de turbantes e, após, um desfile. Começamos com uma rápida apresentação feita por LMM, conversamos sobre a importância da valorização e aceitação de si mesmo e do outro, apreciando a beleza singular de cada um. Depois, distribuimos folhas brancas, canetinhas, cola e tesoura e sugerimos que os estudantes do CIEP contornassem uma das mãos no papel e, após, usassem a criatividade para colorir do jeito de que mais gostassem e com a ajuda de todos, em um trabalho de equipe, recortamos cada mão já bem colorida.

Figura 21 - Dinâmica das mãos



Fonte: Acervo pessoal

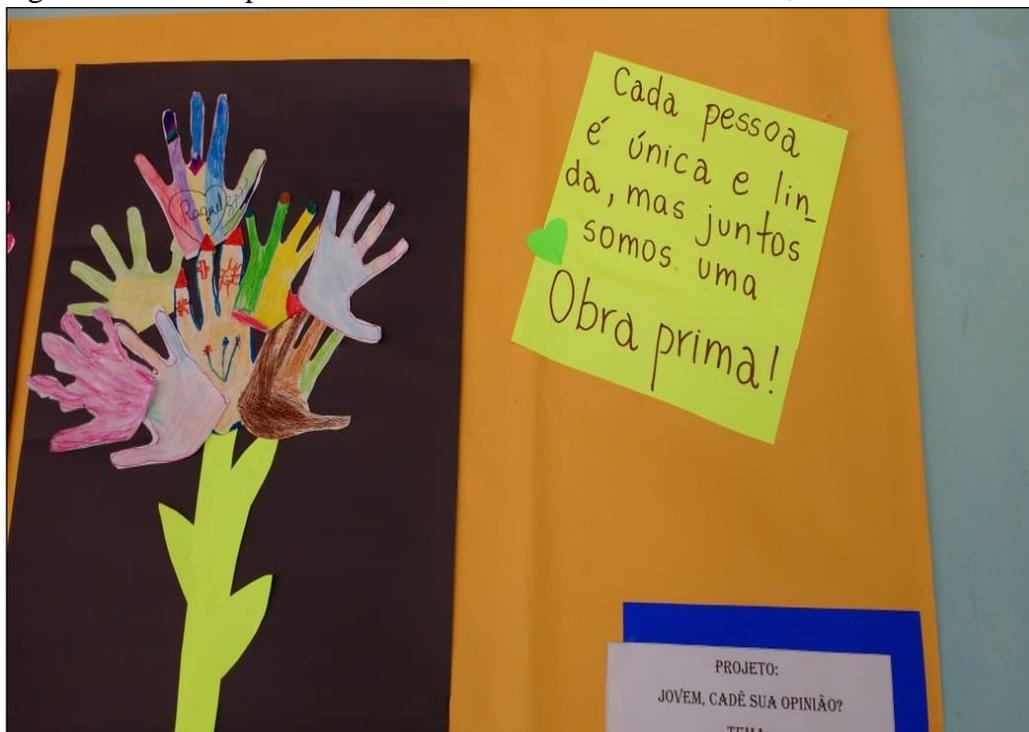
Após, produzimos um cartaz focando na beleza coletiva e na união de todos eles. Cada mão individualmente colorida formou o todo ainda mais belo.

Figura 22 – Mural produzido com trabalhos dos alunos do 3º, 4º e 5º anos



Fonte: Acervo pessoal

Figura 23 – Mural produzido com trabalhos dos alunos do 3º, 4º e 5º anos



Fonte: Acervo pessoal

Figura 24 – A beleza de cuidar do outro



Fonte: Acervo pessoal

Figura 25 – A beleza de cuidar do outro



Fonte: Acervo pessoal

Figura 26 – A beleza de cuidar do outro



Fonte: Acervo pessoal

A turma 802, com muito envolvimento, providenciou batons, esmaltes, brilhos, sombras, e tecidos para a oficina de turbantes e após a atividade acima, a turma se dividiu, de acordo com o interesse de cada um. Por fim, fizemos um desfile de modas na escola.

As atividades foram um sucesso e o projeto “Cuidar e Com-viver” foi se solidificando e ganhando ainda mais sentido para todos os envolvidos nele. Os alunos e alunas do CECFL

se destacaram ao cuidar dos menores, demonstrando respeito. Quando *o outro* surgiu diante deles, as diferenças de idade, de escola e de interesses não fizeram diferença e houve empatia entre as partes. Os estudantes do CIEP mostraram-se fascinados com o carinho dos adolescentes com eles.

3.5.3 Banho de bonecas e bonecos

A ação seguinte planejada para os alunos da educação infantil, seguindo a mesma perspectiva pedagógica do cuidado de si e do outro, intentando estimular de maneira prática a limpeza e o asseio do corpo, planejamos uma atividade denominada de Banho de bonecas e bonecos. Iniciamos com uma conversa com todas as turmas da educação infantil sobre o cuidado com o corpo.

Elaboramos um cartaz com a frase: Para ficarmos bem limpinhos, com os dentes bem branquinhos e cheirosos, usamos: no corpo; no cabelo e nos dentes. Imprimimos imagens de objetos de higiene e limpeza, como pastas de dentes, xampu, sabonetes, cotonetes, lenço umedecido, sabonete líquido, etc. Um aluno por vez escolhia a imagem e a anexava no local correto (na imagem do corpo, do cabelo ou dos dentes) do cartaz.

Disponibilizamos também frases de efeito como: cortar e limpar as unhas, andar descalço, lavar o rosto ao acordar, tomar banho, escovar os dentes após as refeições e depois de acordar e antes de dormir, usar roupas limpas, etc e algumas figuras de *emojis* felizes e tristes. Então, os nossos alunos liam as frases para cada criança, em seguida, pedimos que cada aluno escolhesse uma imagem e anexasse no cartaz nos locais corretos: no corpo, na cabeça e nos dentes. As atividades foram muito proveitosas, as crianças participaram ativamente.

Figura 27 – Dinâmica Higiene e limpeza



Fonte: Acervo pessoal

As professoras regentes das turmas envolvidas nessas atividades solicitaram, com antecedência, por meio de agenda, que os estudantes da pré-escola levassem bonecas e bonecos nesse dia para que, de maneira divertida, pudessem lavá-los em conjunto com o recurso de uma banheira e o uso da água e do sabonete líquido. A atividade aconteceu de maneira muito prazerosa para todos, eles se divertiram e nós também. Nesse dia, em um dado momento, MBD me disse que estava pensando em ser professora.

Figura 28 – Banho de bonecas e bonecos



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 29 – Banho de bonecas e bonecos



Fonte: Arquivo pessoal

3.5.4 Culminância dos encontros

Então, o dia da nossa culminância chegou. Aproveitando que estávamos no mês de outubro e próximo do dia das crianças, planejamos para o último encontro uma manhã de jogos e brincadeiras. Preparamos com antecedência as atividades físicas que faríamos com eles no pátio da escola, portanto ao ar livre. Entendendo que brincar é essencial para o desenvolvimento infantil e que a interação lúdica produz conhecimento, dessa forma planejamos as seguintes atividades: cabo de guerra, pique-pega, competição de bexigas, brincadeiras de roda e dança das cadeiras.

Figura 30 – Dança das cadeiras



Fonte: Acervo pessoal.

O momento da brincadeira é uma oportunidade para o desenvolvimento mental, social e criativo das crianças. É também por meio dos jogos e brincadeiras que a criança compreende o mundo à sua volta, treina a capacidade de ouvir e de ser ouvido, além de testar suas habilidades físicas. Brincando também se desenvolve a capacidade de ouvir, a aprendizagem da linguagem e a habilidade motora.

Figura 31 – Brincadeiras de roda



Fonte: acervo pessoal

Ainda mais produtiva é a brincadeira em grupo, ela permite a interação, além de compartilhar e de estimular a cooperação, a competição saudável e a obediência às regras das atividades. O jogo é uma forma da criança se expressar, assim, a brincadeira partilhada passa a ser a linguagem da criança.

Foi uma manhã de muitos sorrisos, não só para os alunos do CIEP, como também para os estudantes do CECFL, que muito interagiram entre si. Os maiores precisaram pensar e orientar as regras que as brincadeiras exigiam, assim como controlar o tempo que seria usado em cada atividade.

Figura 32 – Brincadeira da bexiga



Fonte: Arquivo pessoal

Por último, entregamos um pacote de doces para cada criança, que havia sido comprado, separado e embalado com antecedência pela turma 802. Foi uma despedida feliz e cheia de momentos marcantes.

Na semana seguinte, já concluído o projeto “Cuidar e Com-viver”, solicitei que os participantes escrevessem um breve relato sobre a experiência vivida por eles naquela Unidade Escolar. Fizemos várias anotações no quadro, como palavras, frases ditas por eles e pelos alunos do CIEP. Um texto foi produzido individualmente e ficaram muito bons, claros, coerente e coesos, com assunção de autoria e poucos erros ortográficos, fizemos juntos a refacção e, após, a digitação dos mesmos. Fizemos uma escolha randômica de algumas atividades para a apresentação na presente dissertação (Apêndice G).

É importante relatar que durante todos os encontros no CIEP, os alunos envolvidos e eu fazíamos uma reunião de trabalho, praticando a escuta atenta e sensível. As opiniões surgiam, emergiam e iam aos poucos fazendo sentido para todos. Nesses momentos, conversamos sobre os pontos positivos e negativos que havíamos observado, como o controle do tempo, por exemplo; em quais pontos poderíamos melhorar; quais haviam sido as nossas impressões sobre as partes e sobre o todo das atividades desenvolvidas; quais haviam sido as nossas posturas, nossos sentimentos e sensações; enfim, tarefa bastante autorregulada. Dessa forma, como sugere Bondía (2012), pensando “a educação a partir do par experiência/sentido”. Vivemos juntos uma forte experiência, não um experimento, visto que “o experimento é repetível, a experiência é irrepetível” (BONDÍA, 2012, p. 28). Portanto, como afirma Jorge Larrosa Bondía:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, (...), requer parar para pensar, parar para olhar, parar para

escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar; parar para sentir, (...), suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, (...) escutar os outros, cultivar a arte do encontro [...] (2002, p. 24).

Acredito que esse projeto pôde mostrar que é possível aprender além dos muros da escola, com experiências genuínas vividas pelos estudantes, com erros e acertos, idas e vindas. De fato aprendemos como a troca dialógica e os momentos de interação são ricos e dão significado ao que aprendemos. Como professora pesquisadora, eu posso afirmar que vivi uma experiência pedagógica única, porém antes de tudo, uma experiência humana e aprendi, sobremaneira, com essa vivência, que tomou como base que todos podemos aprender e que todos somos capazes de ensinar.

A elaboração didática colaborativa presente nesta pesquisa de dissertação é um “projeto pedagógico coparticipativo, que envolve professores e estudantes em um contexto-para-a-ação” (OLIVEIRA, 2019, p. 26), que é capaz de promover profunda reflexão, transformação e ação em todos os envolvidos. Contribuí, de forma clara, para o entendimento de que a educação não é a transmissão de conhecimentos, regras, datas ou fatos e que ela possui o importante papel de lutar “por uma sociedade mais justa, equitativa e democrática” (OLIVEIRA, 2019, p. 23), apostando que o saber é partilhado e compartilhado por professores e estudantes.

Concordamos ser importante que a criança cresça em um ambiente saudável, cercada de afeto e com liberdade para brincar com seus pares. Para os alunos do CIEP 250, foi fundamental compreender que, partindo da alimentação, da higiene, do cuidado, do respeito e do apreço pelo próprio corpo, e através da ludicidade; foi possível o desenvolvimento da aprendizagem nos aspectos cognitivo, afetivo e psicomotor.

Os cuidados com a higiene e com a alimentação são fundamentais para uma vida saudável. É na infância que se inicia a aquisição de hábitos de higiene, cabe à educação escolar destacar a importância de sua prática sistemática. Quando acontece na escola, juntamente com seus colegas de turma, a experiência de permitir que a criança participe de uma mesa de alimentos saudáveis, que aprenda a cuidar do corpo e a vivenciar experiências práticas na educação infantil, como o banho de bonecas e bonecos, os conhecimentos são mais facilmente compreendidos, apreendidos e consolidados.

Para os estudantes do CECFL, a troca com os alunos menores deu-lhes a oportunidade de desenvolver a autonomia (FREIRE), a enunciação (GOULART), o dialogismo (BAKHTIN) e os letramentos sociais (STREET). Durante as visitas e as oficinas do CIEP, os

estudantes do oitavo ano precisaram planejar ações, elaborar estratégias, pesquisar atividades, confeccionar cartazes e desenvolver a sensibilidade frente à realidade e ao problema do outro.

Salientamos que o aprender na/para prática, com atitudes cidadãs e de cuidado com o outro (BOFF) foi recorrente nas referidas oficinas elaboradas pela turma 802, dialogando assim, com o projeto anual do CIEP e com o projeto da própria turma. A oportunidade de participar diretamente de uma ação social desenvolvida por eles próprios permitiu o olhar para além de si mesmos.

4 CONTINUIDADE DA PESQUISA

No período do projeto, fizemos diferentes leituras, debates, conversas, criamos texto individuais e coletivos, enunciamos, dialogamos, escrevemos e reescrevemos. No entanto, o primeiro texto que abordava o tema do projeto em si, foi a crônica *Um amor chamado Gradim* (ANEXO C) de Romario Regis, como o autor é um gonçalense, a turma ficou muito empolgada com essa observação, tentei descobrir de quem se tratava. Pelo *Facebook* encontrei a página dele, percebi que costumava escrever diversas crônicas sobre a cidade de São Gonçalo. Entrei em contato e após um breve diálogo, solicitei que ele fosse até o Colégio Estadual Coronel Francisco Lima. Ele aceitou o convite e marcamos após a conclusão das ações acima já citadas anteriormente.

No dia combinado, recebemos Romario Regis para uma conversa sobre a cidade e o bairro que eles moravam. Eu o apresentei para a turma, o informamos sobre as tarefas que havíamos feito, nossas descobertas, nossa caminhada no bairro, a visita ao CIEP.

Figura 33 – Palestra do Romario Regis



Fonte: Arquivo pessoal

Após me ouvir e ouvir o que a turma tinha a dizer, ele elogiou o trabalho coletivo do grupo e iniciou sua palestra falando mais dele, de seu trabalho nas redes sociais em prol da cidade e da comunidade. Falou bastante sobre ações cidadãs que ocorrem no bairro e nos convidou para fazer parte delas, como ações de limpeza na praia das Pedrinhas, bem próxima ao CECFL. Em sua conversa, ele buscou orientar os jovens para acreditarem em si mesmos e se engajarem para fazer a diferença como cidadãos na localidade em que vivem.

Na aula seguinte, sugeri que os alunos escrevessem um texto no qual enunciassem suas visões sobre o bairro e sobre o trabalho desenvolvido por eles. Conversamos sobre o que havíamos vivido e compartilhado juntos até aquele momento. Sugeri possíveis reflexões como: “É bom ser jovem no Gradim?”, “O que tem de mim no bairro em que moro?”, “O que o Gradim tem de melhor?”, “Quais as opções de lazer que temos no bairro?”.

As perspectivas dos estudantes sobre o bairro mudaram bastante. No momento inicial do projeto a turma em sua totalidade julgou não ter nada positivo, interessante ou relevante no bairro. A partir dos textos partilhados, das nossas conversas, das visitas ao bairro, das entrevistas e da participação no CIEP 250, a turma passou a enxergar o local em que moram/estudam de maneira mais profícua, entendendo que, como qualquer outro lugar, o Gradim tem pontos positivos e negativos. “O modo-de-ser-no-mundo se dá na forma de interação e de intervenção” (BOFF, 2017, p. 105) e cabe a cada um deles fazer a diferença na localidade em que estão, com ações proativas em diferentes espaços da comunidade, valendo-se de envolvimento em alguma causa ou iniciativa da localidade, ou participando de um trabalho voluntário em prol do desenvolvimento social. Os jovens também fazem parte da busca por uma sociedade mais justa e equitativa.

4.1 O legado e os efeitos da pesquisa

Durante todo o processo descrito no presente trabalho, nenhum texto foi produzido individual ou coletivamente para preencher um “espaço vazio” das aulas, solto, frio, desvinculado da realidade e do projeto assumido pela turma, ao contrário, eles eram carregados de sentidos, contextualizados em uma proposta pedagógica que visava proporcionar o desenvolvimento efetivo da habilidade de produzir enunciados.

Por meio desse projeto, houve um resgate da autoestima de todos os envolvidos, dentro de um contexto pedagógico motivador de vivência e experiência únicas.

Percebemos também, que um dos pontos mais marcantes desse trabalho foi a forma como meus alunos passaram a ver e a participar das aulas, dos planejamentos e das atividades, que deixaram os moldes do ensino pronto e delimitado para dentro de uma sala de aula, para assumirmos riscos a serem propostos por todos, com ações decididas e desenvolvidas por nós.

O trabalho desenvolvido ao longo do referido ano com a turma 802 teve um início, um meio e um fim, que é naturalmente internalizado por todos nós que trabalhamos com o chamado “ano letivo”. No entanto, espero que o trabalho proposto nesta turma, não tenha um fim em si mesmo, mas que corrobore para a formação de sujeitos críticos, tolerantes, empáticos e abertos ao novo. Sigo acreditando que em educação “pode-se, com certeza, considerar ou calcular os efeitos em curto prazo de uma ação, mas seus efeitos em longo prazo são imprevisíveis” (MORIN, 2003, p. 89).

Os estudantes tiveram a percepção de que são agentes comunitários do bairro onde moram e estudam, que podem fazer a diferença na realidade de alguém e que é gratificante permitir que o outro faça diferença nas nossas vidas.

O saber da experiência (BONDÍA, 2002) aqui vivenciada e descrita apontam trilhas que transformaram a ação pedagógica em uma prática educacional significativa, respeitando a experiência formadora do educando (FREIRE, 2001), construindo saberes individuais e coletivos, tendo como ponto de partida as vivências dos envolvidos, para juntos construirmos novos saberes, competências sociais e culturais que conferissem sentido aos usos da leitura e/ou escrita (STREET, 2014), tão necessários para a educação e para uma ação comunitária, proativa e social.

Acreditamos que um legado positivo ficará guardado na memória de todos os envolvidos na presente pesquisa, combatendo desigualdades e promovendo a justiça social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar uma proposta pedagógica didática colaborativa, na qual se fez necessário uma relação de parceria entre estudantes e professora, que se enxergam como colaboradores, com uma visão de mundo mais altruísta e ações voltadas aos valores sociais.

Desde o início do ano partimos por caminhos cuja pretensão era que nos levassem a descobrir juntos novos modos de aprender/ensinar, de trocar experiências humanizadoras para todos os envolvidos na presente dissertação.

Ao adotar a Pesquisa-Ação Socialmente Crítica (PASC) como metodologia de ensino, com propostas que corroborassem na partilha de ideais de justiça e mudança sociais, percebi como um trabalho dessa natureza ressignifica o modelo mais tradicional de docência. Foi com base na democratização da experiência colaborativa de aprendizagem em sala de aula que procuramos implementar uma prática fundada no diálogo, na interação e na reflexão.

Já no início do ano, percebi uma turma disposta a participar do processo educacional, assim sendo, busquei criar estratégias de trabalho com significação nas aulas de língua portuguesa e produção textual, que levassem alunos e alunas a vivenciarem conceitos, a expor suas ideias e a ouvir diferentes opiniões.

Com a escolha de um trabalho baseado na democratização das decisões, perdemos a visão mais dominante e formatada em sala de aula, visto que as ações foram pensadas e desenvolvidas coletivamente ao longo do processo.

No primeiro momento entendi que deveria conhecer meus alunos, criar uma relação de afeto, respeito e proximidade com eles. Em seguida, participamos de um projeto integrado na escola que nos permitiu ouvir o interesse dos alunos e as suas demandas pedagógicas.

No segundo semestre, iniciamos uma jornada pela bairro e a aproximação entre mim e a turma se fortaleceu ainda mais. Assumimos nossos papéis de autoria e de coparticipação, com atividades contextualizadas e dialógicas, de acordo com o projeto de trabalho planejado.

O projeto “Jovem, cadê sua opinião?” permitiu que os alunos da turma 802 assumissem o papel de participantes ativos do processo, motivados em construir estratégias enunciativas de produção dos gêneros do discurso dentro de um contexto real de produção, elaborando textos orais e/ou escritos observando que sempre há o outro com o qual interagimos.

A visita ao bairro para as entrevistas mostrou aos estudantes que os moradores têm suas demandas em relação ao local em que vivem e também querem ser ouvidos.

As etapas do projeto mostraram o interesse e a responsabilidade do grupo, sua execução se deu com base no trabalho em equipe.

A apresentação dos resultados para a comunidade escolar construiu uma relação de interlocução mostrando aos estudantes que eles são capazes de ensinar e que aprendemos ainda mais quando ensinamos, portanto é na troca interativa que se estabelece o desenvolvimento da linguagem.

Na proposta de intervenção, a autonomia estudantil aconteceu com intensa expressão. Foi o momento da assunção de autoria de atividades que os desafiavam a assumirem o papel de agentes sociais de mudança, transformando e sendo transformados por cada atividade planejada para cada grupo do CIEP. Eles se enxergaram, de fato, como seres capazes de contribuir socialmente onde estão.

O espaço aberto para o diálogo sobre o bairro, sobre os modos de viver, de com-viver e de cuidar uns dos outros (BOFF), pautados no respeito, na ética, no altruísmo, geraram apreço e empatia pelo próximo.

Foi provocando os estudantes a participarem da proposta de trabalho, com base em um tema escolhido e definido pelos próprios, de maneira democrática, aproveitando o que eles já sabiam, que obtivemos envolvimento e resultados positivos. Tomando proveito de situações atuais e reais foi possível promover uma genuína participação dos discentes.

A proposta de ensino foi pautada no empoderamento do estudante permitindo que eles aplicassem o conhecimento partilhado em sala e fora dela, oportunizando a assunção do papel de construtor e condutor do próprio desenvolvimento.

Acredito que o fato de ter envolvido os estudantes na função de coautores do nosso projeto pedagógico, com a participação destes em práticas pedagógicas e sociais além do ambiente da escola, colaborou, sobremaneira, para o desenvolvimento do potencial humano destes.

A promoção de mudanças sociais e a consciência cidadã devem ser praticadas no âmbito escolar, portanto, é preciso estar atento se permitimos que a sala de aula se transforme em um ambiente que combata a desigualdade social. Entendo a educação como ferramenta fundamental de acometimento à manutenção de relações de exclusão.

É fazendo uso da prática pedagógica didática colaborativa, com ações sensíveis e engajadas, pautadas no desenvolvimento de valores humanos, que teremos pessoas que farão

a diferença no mundo e na sociedade, concomitantemente, transformando a si mesmas em sujeitos críticos, comprometidos, autônomos e autorregulados.

Alguns pais e responsáveis dos estudantes da 802 me procuram para agradecer pela atividade que proporcionamos aos jovens, em especial pelos encontros no CIEP. Eles me informaram que alguns estudantes mudaram atitudes ao participarem do projeto: acordando mais cedo e sozinhos, discutindo os problemas do bairro no âmbito familiar e demonstrando interesse em desenvolver ações sociais na comunidade em que moram.

O projeto aqui descrito repercutiu positivamente também no Colégio Estadual Coronel Francisco Lima. Estudantes de outras turmas solicitaram que eu organizasse ações como entrevistas no bairro e a visita ao CIEP com eles, demonstrando empatia e interesse em agir sobre o outro e pelo outro.

Os alunos envolvidos diretamente no projeto mudaram suas perspectivas sobre o bairro em que moram e se sentiram muito sensibilizados com as crianças que conviveram nos encontros e com a realidade vivida por elas. Destaco algumas avaliações feitas por eles e digitadas nos Apêndice G.

As professoras regentes do CIEP também avaliaram o projeto integrador como uma ação bastante significativa e proveitosa naquela comunidade escolar, que, segundo elas, viabilizou o aprendizado das crianças de forma menos formal e mais motivadora e transformadora, permitindo experiência/sentido (BONDÍA) para todos.

Destaco, finalmente, que, ao longo dos anos, muitos alunos que concluem o quinto ano no CIEP são matriculados no sexto ano no CECFL e não regressavam ao local onde iniciaram seus estudos. O presente projeto, além de permitir o resgate à vida escolar pregressa dos estudantes, oportunizou ainda que duas instituições, embora vizinhas, mas sem envolvimento, pudessem dialogar e se relacionar mais pessoal e pedagogicamente, visto que esse contato mais próximo nunca havia ocorrido anteriormente, o que gera apreço, empatia e integração da comunidade como um todo.

Podemos entender que, a partir dessa atividade, o Colégio Estadual Coronel Francisco Lima e o CIEP 250 Rozendo Rica Marcos podem ser considerados escolas parceiras, o que beneficia estudantes e profissionais que atuam nesses dois diferentes espaços, que certamente se empenham em oferecer uma educação pública de qualidade.

REFERÊNCIAS

ALBERIGI, Lucia da Conceição Soares. “*Dizer a sua palavra*” e agir sobre o mundo: a argumentação além da sala de aula. 2019. 195 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo- RJ, 2019.

BAHKTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOFF, Leonardo. *A força da ternura: pensamentos para um mundo igualitário, solidário, ecológico e amoroso*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias: Animus Anima, 2012.

_____. *Saber cuidar: ética do ser humano – compaixão pela terra*. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 19, jan./fev./mar./abr, 2002.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental*. Brasília, 1998.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

DIAS, Rosimeri de Oliveira, SILVA, Rafaela Corrêa, MOURA, Renata de Souza. Iniciação à docência, leitura e aproximações inventivas no território da biblioteca. In: WILSON, Victoria, MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos (Orgs.) *Leitura, Escrita e ensino: discutindo a formação de leitores*. São Paulo: Summus, 2015.

EDUGAINS. *Connecting Practice and Research: Critical Literacy Guide Ontario (CA)*: Ministry of education Disponível em: http://www.edugains.ca/resourcesLIT/CoreResources/Critical_Literacy_Guide.pdf Acesso em maio de 2019.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. (Coleção Leitura)

GOULART, Cecília. Enunciar é argumentar: analisando um episódio de uma aula de História com base em Bakhtin. *Pro-Posições*, v. 18. n. 3 (54) – set./dez., 2007.

LIMA, A. L. [et al.]. *Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor*. 3. ed. São Paulo: Global, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Marcia Lisbôa Costa de. *Elaboração didática Colaborativa - uma proposta fundada na tríade experiência, agência e crítica*. In: OLIVEIRA, M. L. C. Letramentos no ensino de língua portuguesa: experiência, agência e crítica. Campinas: Pontes Editores, 2019.

PEREIRA, E. M. de A. Professor como pesquisador: o enfoque da pesquisa-ação na prática docente. In: SERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. de A. (Org.). *Cartografias do trabalho docente: professor(a)- pesquisador(a)*. Campinas: Mercado das Letras; ALB, 1998. p. 153 – 182.

REGIS, Romario. *Um amor chamado Gradim*. Site: <https://simsaogoncalo.com.br>. Acesso em 20 de abril de 2019.

RIO DE JANEIRO. Governo do Estado do Rio de Janeiro. Secretaria de Estado da Educação. *Currículo Mínimo 2012: língua portuguesa e literatura*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://cedcrj.files.wordpress.com/2018/03/lc3adngua-portuguesa.pdf>. Acesso em 20 fev.2019.

SILVA, Alexsandro; PESSOA, Ana Cláudia; LIMA, Ana (organizadores). *Ensino de gramática: reflexões sobre a língua portuguesa na escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 (Coleção Língua Portuguesa na Escola).

SILVA, Gabriela Medela da; OLIVEIRA, Marcia Lisbôa Costa de. Sobre pedras no meio do caminho: teorias de alfabetização e práticas de letramento na formação de professores. *Pensares em Revista*. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2017.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos do letramento. In: MAGALHAES, Izabel (Org.). *Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, SP, 2005. pp. 443 – 466. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira.

_____. *Socially Critical Action Research*. Theory into practice. v. 29 Issue 3, pp. 158-159, 1990. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00405849009543449?journalCode=htip20> Acesso em 20/04/2019.

APÊNDICE A – Produção textual “Desejos para 2019”

C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Eliane Balonecker
Aluno (a): Maxiana

Data: / /
Disciplina: Língua Portuguesa
Nº 29

Atividade Avaliativa 1

Reescreva seu texto sobre seus desejos para o ano de 2019:

Meus desejos para 2019 e para o futuro
Eu desejo que em 2019 aconteça coisas maravilhosas para todas as pessoas, que as mulheres ganhem poder cada vez mais, que o racismo acabe, que a homofobia acabe, que todos respeitem as opiniões do próximo, que acabe o feminicídio, que o machismo acabe, que as pessoas respeitem as diferenças.
#Não podemos ficar calados!

C. E. Coronel Francisco Lima
 Professora: Eliane Balonecker
 Aluno (a): Raissa

Data: ___/___/___
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Nº 29

Atividade Avaliativa 1

Reescreva seu texto sobre seus desejos para o ano de 2019:

Meus desejos para 2019 e para o futuro
<p>Eu desejo mais foco nos estudos, mais educação nas ruas, nas escolas, respeito, ter mais emprego para as pessoas desempregadas, que os presidente e os governadores não roubem dinheiro porque prejudica o povo e mais hospitais limpos com todos os tipos de médicos que precisamos e mais amor ao próximo que aos presoneiros locais e que essa agressão de homem bite em mulher ou mãe que abandona os filhos e que as pessoas não carreguem raiva no coração, ódio das pessoas, por isso não faz bem e que tenha muita paz, felicidade, e que o amor de Deus esteja na coração das pessoas.</p>



C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Eliane Balonecker
Aluno (a): Gabriella

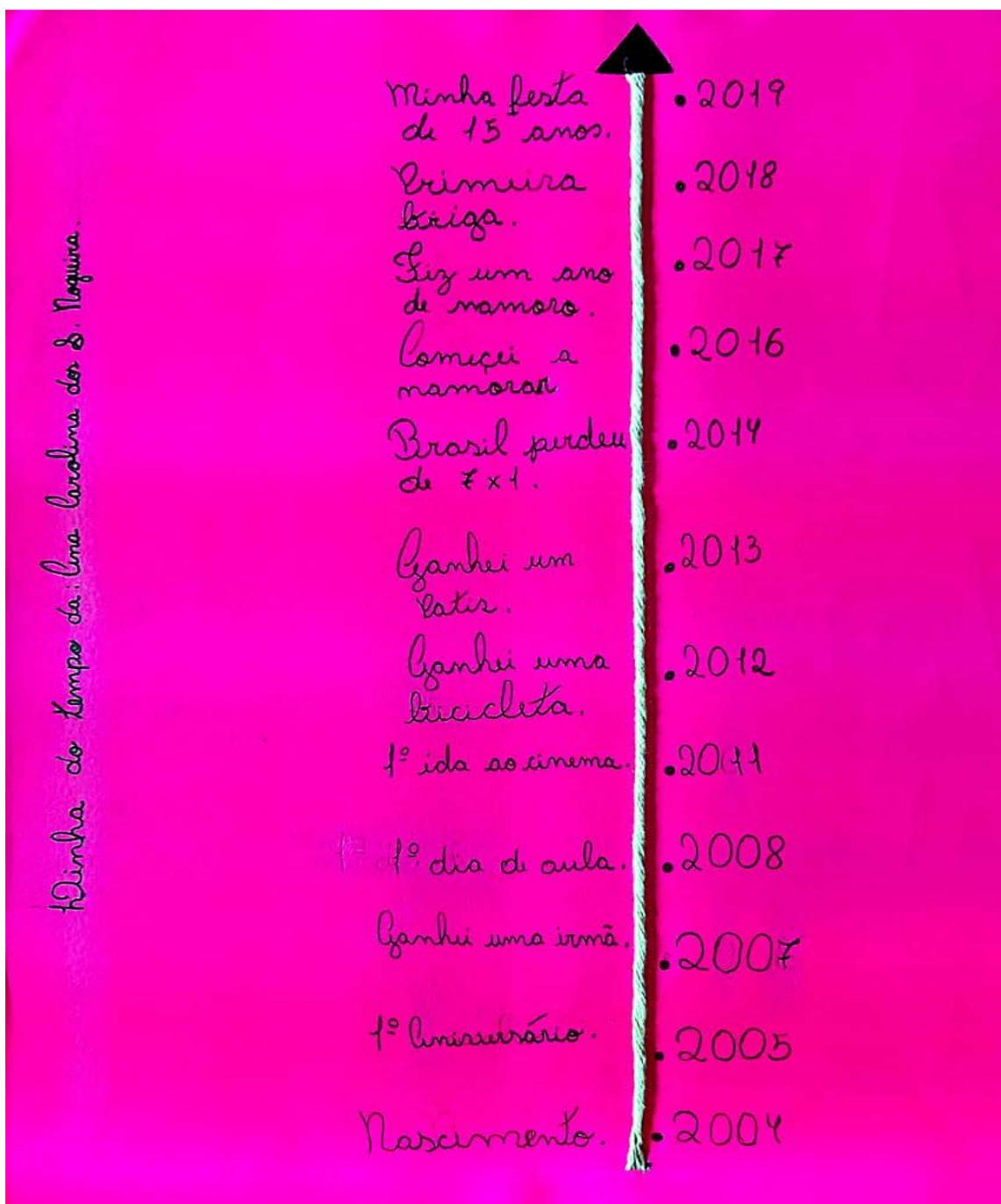
Data: 07 / 02 / 19
Disciplina: Língua Portuguesa
Nº 11

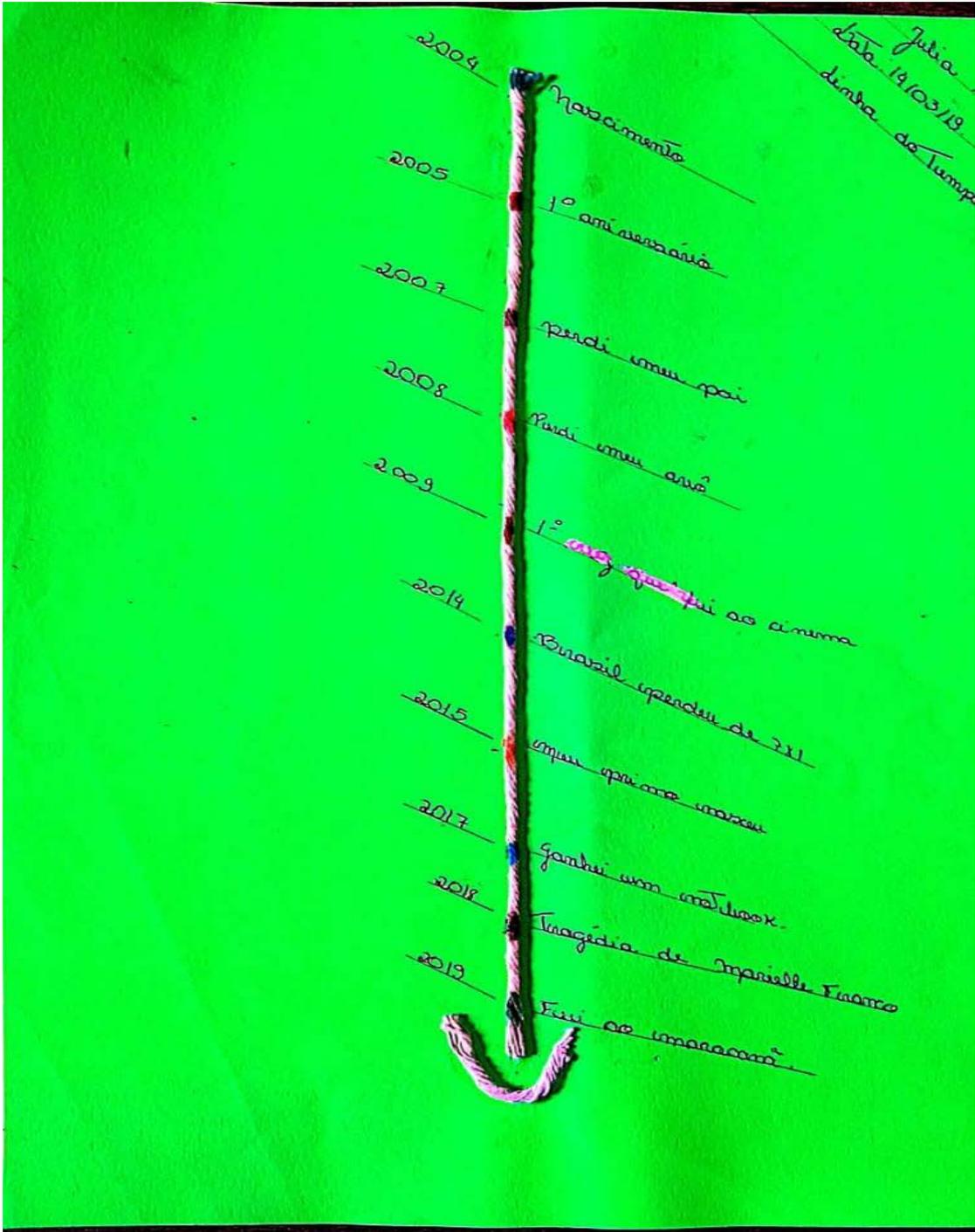
Atividade Avaliativa 1

Reescreva seu texto sobre seus desejos para o ano de 2019:

Meus desejos para 2019 e para o futuro
<p>Eu planejo poder alcançar todas as minhas metas. Planejo uma mudança de um mês. Comecei de ser Trauxa. Eu quero ter notas melhores, paciência, conseguir ir em um SHON do BTS (grupo que eu adoro), Também quero parar de ser tão ignorante. Quero que eu, meus amigos e minha família possam ter os seus desejos realizados. Também quero muito dinheiro.</p>
<p>- Kim Gabriella, Yamobam Hyung 07/02/19</p>

APÊNDICE B – Produção da atividade: Linha do Tempo

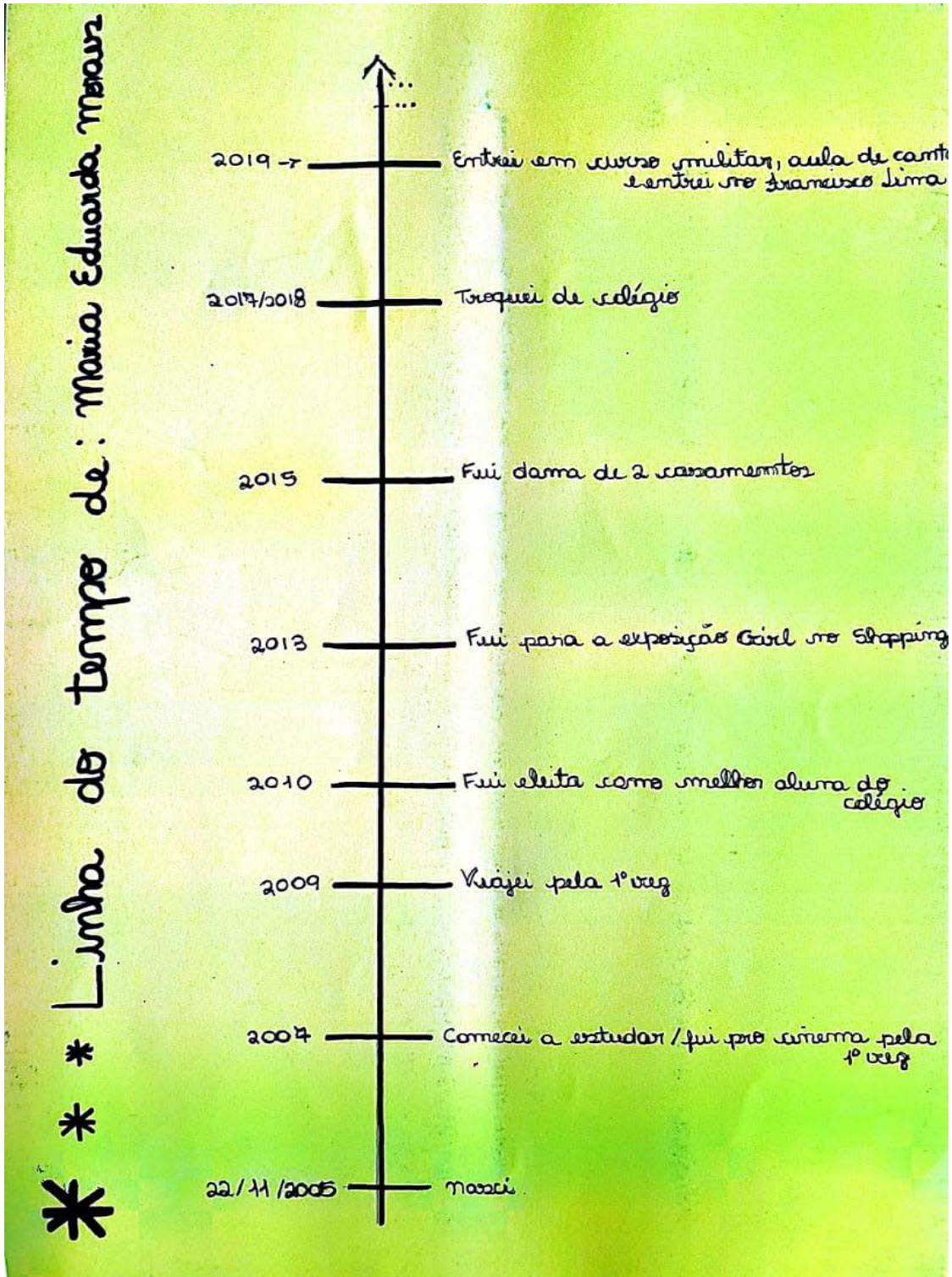




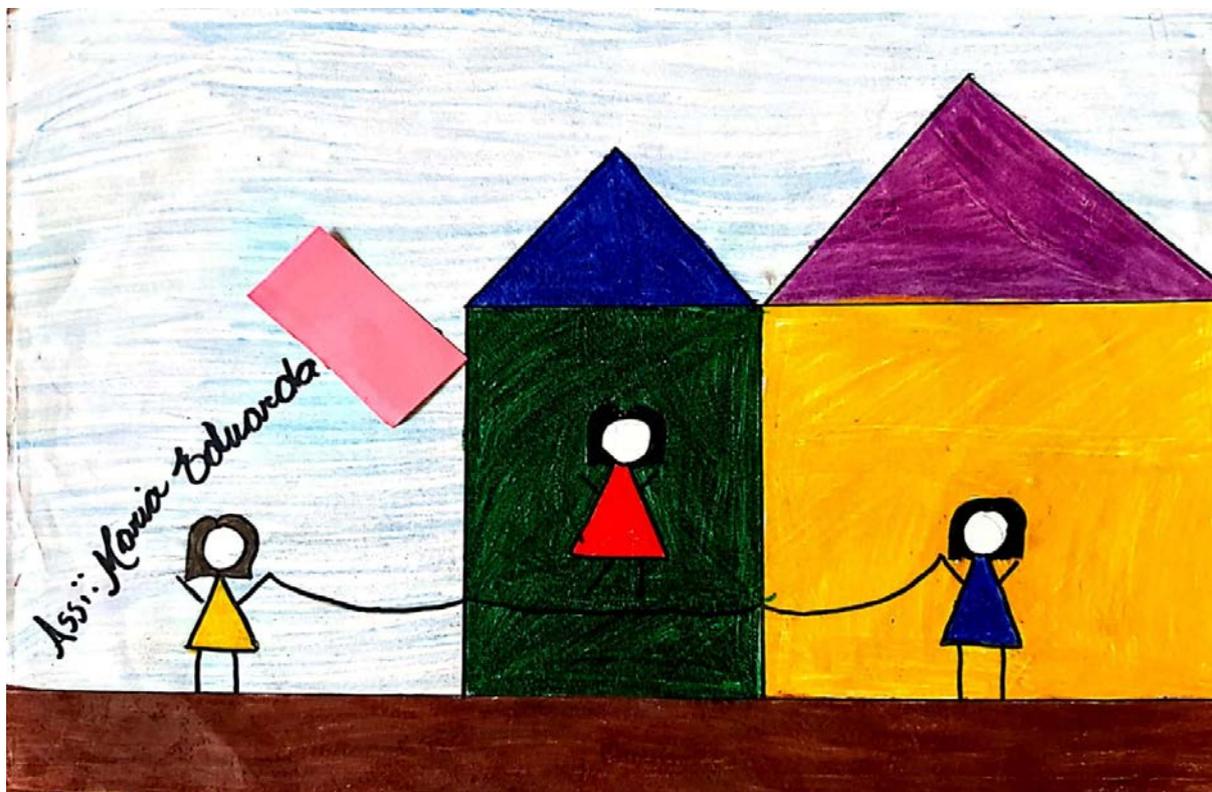
Linha do Tempo da Memória Eduarda Soares

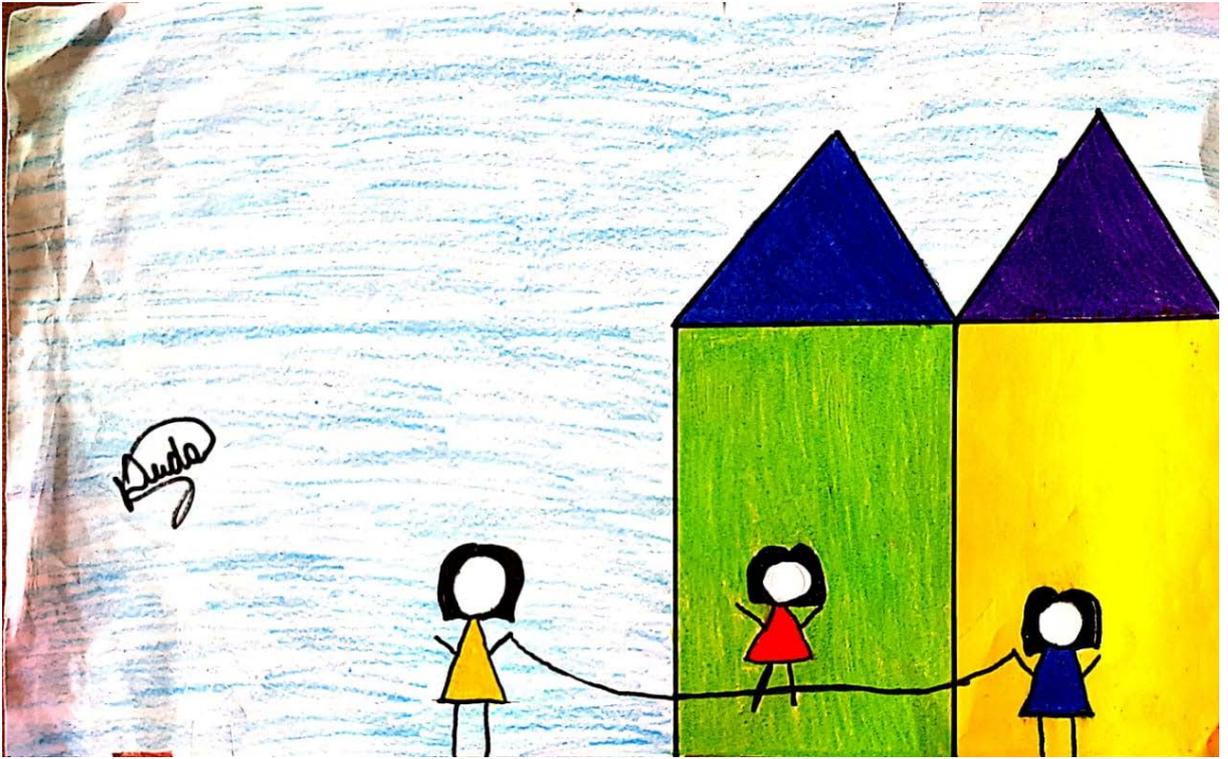
- 2005 nasci
- 2006 • meu aniversário de um ano
- 2007 • Fui morar com minha avó
- 2009 • Entrei na creche
- 2010 • Me mudei para casa da minha mãe
- 2011 • fui dona de casamento
- 2015 • vim morar em São Gonçalo
- 2014 • Entrei no Francisco Lima
- 2018 • Perdi meu pai
- 2019 • Entrei no 8º ano e comecei pensar mais





APÊNDICE C – Releitura das obras do artista plástico Ivan Cruz









APÊNDICE D – Produção textual: Autobiografia

C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Eliane Balonecker
Aluno (a): [REDACTED]

Data: 14 / 02 / 19
Disciplina: Língua Portuguesa
Nº 22

Atividade Avaliativa 2

Reescreva sua autobiografia:

A breve história da minha vida

Meu nome é [REDACTED],
nasci no Rio de Janeiro (Grajá), meus pais se
chamam Bienen e Leonardo e meus avós Edelice
e José.

Gosto muito de assistir séries, passar um
tempo com minhas amigas, reunir a família para
fazer um churrasco, ir no shopping fazer compras
e comer muito.

Eu não gosto que mexam no meu celular, peguem
minhas coisas sem permissão, não gosto de espionagem,
de pessoas que mentem e quando minha mãe
pede para eu arrumar o caso.

Meu sonho é ser psicóloga, estou muito
para que esse sonho se realize.

C. E. Coronel Francisco Lima
 Professora: Eliane Balonecker
 Aluno (a): _____

Data: 14 / 02 / 19
 Disciplina: Língua Portuguesa
 N° 21

Atividade Avaliativa 2

Reescreva sua autobiografia:

A breve história da minha vida
A minha história
Meu nome é _____
nasci em Niterói no dia 26/03/2006. O nome
dos meus pais são: Vanessa e Celso e dos
meus avós são Eliane e José.
Eu adoro ficar com minhas amigas, ficar
com a minha família, ver filmes e séries e sair
teu adão que ficam girando de meu lado eu
peço de mim, Também não gosto que fiquem me
comparando com os outros.
O meu sonho era ser veterinária porque
gosto dos animais, mas agora mudou e quero
ser Pericista na Marinha.

C. E. Coronel Francisco Lima
 Professora: Eliane Balonecker
 Aluno (a): [REDACTED]

Data: 14 / 04 / 2019
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Nº 29

Atividade Avaliativa 2

Reescreva sua autobiografia:

A breve história da minha vida

Minha mãe é [REDACTED] tem 33 anos mais me
 Hospital de Itaberai, dia 5 de agosto de 2005, minha mãe se
 chama Sônia Conceição da Silva Ferreira e do meu pai Wanderilson
 Sales dos Santos, meus avós maternos Cingela e Mauro e
 Paterson e a minha mãe tem 3 filhos.

É gosta muito de brincas, de estudar, mexer no celular,
 ver televisão, fazer amizades novas e boas.

É pretendo no futuro trabalhar de contista assimada, não
 dependo de mãe e poder ajudar todos os meus familiares. O
 que eles precisarem e tem uma casa comprada por mim e
 receber um bom salário.

C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Eliane Balonecker
Aluno (a): [REDACTED]

Data: 14 / 04 / 20
Disciplina: Língua Portuguesa
Nº 20

Atividade Avaliativa 2

Reescreva sua autobiografia:

A breve história da minha vida

Eu tenho 13 anos de idade, nasci em
Salvador 2006. Eu tenho um irmão que tem
9 anos de idade, eu gosto de jogar futebol,
saltar pipa e jogar no celular. Eu não gosto de
lunetas, não gosto muito de chocolate luxante
e uma coisa que eu amo mais do
que tudo nessa vida é minha família.



C. E. Coronel Francisco Lima
 Professora: Eliane Balonecker
 Aluno (a): [REDACTED]

Data: 14 / 02 / 10
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Nº 10

Atividade Avaliativa 2

Reescreva sua autobiografia:

A breve história da minha vida

Meu nome é [REDACTED], eu tenho 13 anos eu moro em Niterói no dia 09/12/2005. Meus pais se chamam Sauciana e Wagner, os meus avós maternos se chamam Luiz e Regina e paternos Elda. Eu gosto de mexer no celular, de comprar roupas e objetos novos, gosto de sair com minha família e meus amigos, também gosto de ver TV e brincar com os meus amigos. Eu não gosto de pessoas falsas que ficam falando mal de você e andam com você ou faz algo errado para culpa cair em você. Eu sou muito sincera e não gosto de falsidade. Eu pretendo fazer curso de veterinária, pediatria ou confeitaria e uma dessas profissões acima meu sonho quando crescer é ter minha casa própria me chamar. Eu também quero fazer minha festa de 15 anos.

C. E. Coronel Francisco Lima
 Professora: Eliane Balonecker
 Aluno (a): [REDACTED]

Data: 14 / 02 / 19
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Nº 24

Atividade Avaliativa 2

Reescreva sua autobiografia:

A breve história da minha vida

Meu nome é [REDACTED], tenho 13 anos, nasci no dia 04/11/2005, nasci em Niterói. Meus pais são Daniel [REDACTED] e Lindéia [REDACTED].

Eu gosto de estudar, dançar, cantar, ler, comer e gosto de ir para a igreja.

Eu não gosto de falsidade, de deixar a banca, de mentira e de preconceito.

Eu pretendo ser advogada, me casar e ter 2 filhas.

APÊNDICE E – Questionário sobre leitura e escrita na vida cotidiana

QUESTIONÁRIO SOBRE ESCRITA E LEITURA NA VIDA COTIDIANA	
Nome: <u>Maria Eduardo</u>	Idade: <u>17</u>
Sexo: () masculino (X) feminino	Turma: <u>802</u>
I - A ESCRITA EM SUA VIDA COTIDIANA (FORA DA ESCOLA)	
1. Você costuma escrever fora da escola?	
() nunca (X) todos os dias () menos de uma vez por semana () mais de uma vez por semana	
2. O que você escreve fora da escola?	
<u>memórias de textos</u>	
3. Com que finalidades você escreve fora da escola?	
<u>Para memórias</u>	
4. Quem lê o que você escreve fora da escola?	
<u>Minhas amigas e amigos</u>	
5. Você frequenta lugares ou situações em que as pessoas escrevem? O que elas escrevem?	
<u>Sim, memórias de textos</u>	
II - A LEITURA EM SUA VIDA COTIDIANA (FORA DA ESCOLA)	
1. Você costuma ler fora da escola (X) sim () não	
2. Com que frequência você costuma ler fora da escola?	
() nunca (X) todos os dias () menos de uma vez por semana () mais de uma vez por semana	
3. O que você lê fora da escola?	
<u>Memórias e livros</u>	
4. Com quais objetivos você lê em sua vida cotidiana?	
<u>Para se comunicar com as pessoas</u>	
5. Você frequenta lugares ou situações em que as pessoas leem? O que elas leem?	
<u>Na igreja, Bíblia</u>	
6. Você leu algum livro recentemente? Qual ou quais?	
<u>Sim, "Meu coração alguém entende"</u>	



1

QUESTIONÁRIO SOBRE ESCRITA E LEITURA NA VIDA COTIDINA	
Nome: <u>Mariana</u>	Idade: <u>13</u>
Sexo: () masculino (X) feminino	Turma: <u>802</u>
I - A ESCRITA EM SUA VIDA COTIDIANA (FORA DA ESCOLA)	
1. Você costuma escrever fora da escola?	
() nunca (X) todos os dias () menos de uma vez por semana () mais de uma vez por semana	
2. O que você escreve fora da escola?	
<u>Mensagens via WhatsApp</u>	
3. Com que finalidades você escreve fora da escola?	
<u>Para conversa com os meus amigos</u>	
4. Quem lê o que você escreve fora da escola?	
<u>Minha mãe, meu pai e os meus amigos</u>	
5. Você frequenta lugares ou situações em que as pessoas escrevem? O que elas escrevem?	
<u>Sim. Versículos da Bíblia.</u>	
II - A LEITURA EM SUA VIDA COTIDIANA (FORA DA ESCOLA)	
1. Você costuma ler fora da escola (X) sim () não	
2. Com que frequência você costuma ler fora da escola?	
() nunca () todos os dias () menos de uma vez por semana (X) mais de uma vez por semana	
3. O que você lê fora da escola?	
<u>livros</u>	
4. Com quais objetivos você lê em sua vida cotidiana?	
<u>Aprender</u>	
5. Você frequenta lugares ou situações em que as pessoas leem? O que elas leem?	
<u>Sim. A Bíblia</u>	
6. Você leu algum livro recentemente? Qual ou quais?	
<u>Sim. O pequeno príncipe e a Bíblia</u>	

1

QUESTIONÁRIO SOBRE ESCRITA E LEITURA NA VIDA COTIDINA	
Nome: <u>Guilherme</u>	Idade: <u>13</u>
Sexo: <input checked="" type="checkbox"/> masculino () feminino	Turma: <u>802</u>
I - A ESCRITA EM SUA VIDA COTIDIANA (FORA DA ESCOLA)	
1. Você costuma escrever fora da escola?	
() nunca <input checked="" type="checkbox"/> todos os dias () menos de uma vez por semana () mais de uma vez por semana	
2. O que você escreve fora da escola?	
<u>Mensagens para amigos</u>	
3. Com que finalidades você escreve fora da escola?	
<u>Contatos com meus amigos</u>	
4. Quem lê o que você escreve fora da escola?	
<u>Meus amigos</u>	
5. Você frequenta lugares ou situações em que as pessoas escrevem? O que elas escrevem?	
<u>Casa, igreja e eventos (muitas coisas)</u>	
II - A LEITURA EM SUA VIDA COTIDIANA (FORA DA ESCOLA)	
1. Você costuma ler fora da escola <input checked="" type="checkbox"/> sim () não	
2. Com que frequência você costuma ler fora da escola ?	
() nunca <input checked="" type="checkbox"/> todos os dias () menos de uma vez por semana () mais de uma vez por semana	
3. O que você lê fora da escola?	
<u>Membros e Juntos</u>	
4. Com quais objetivos você lê em sua vida cotidiana?	
<u>Conhecimento e entretenimento</u>	
5. Você frequenta lugares ou situações em que as pessoas leem? O que elas leem?	
<u>Sim, livros</u>	
6. Você leu algum livro recentemente? Qual ou quais?	
<u>Não</u>	

1

QUESTIONÁRIO SOBRE ESCRITA E LEITURA NA VIDA COTIDIANA	
Nome: <u>Maxim Eduardo</u>	Idade: <u>13</u>
Sexo: () masculino (X) feminino	Turma: <u>802</u>
I - A ESCRITA EM SUA VIDA COTIDIANA (FORA DA ESCOLA)	
1. Você costuma escrever fora da escola?	
() nunca (X) todos os dias () menos de uma vez por semana () mais de uma vez por semana	
2. O que você escreve fora da escola?	
<u>Matéria de culinária, mensagens</u>	
3. Com que finalidades você escreve fora da escola?	
<u>Para concluir o meu OI (curso militar)</u>	
4. Quem lê o que você escreve fora da escola?	
<u>Meu professor de culinária pré-militar e as pessoas que recebem as minhas mensagens.</u>	
5. Você frequenta lugares ou situações em que as pessoas escrevem? O que elas escrevem?	
<u>Sim. Sobre matérias escolares e assuntos diários (virtual)</u>	
II - A LEITURA EM SUA VIDA COTIDIANA (FORA DA ESCOLA)	
1. Você costuma ler fora da escola (X) sim () não	
2. Com que frequência você costuma ler fora da escola?	
() nunca (X) todos os dias () menos de uma vez por semana () mais de uma vez por semana	
3. O que você lê fora da escola?	
<u>Apelidos e mensagens / postagens em redes sociais, legendas de filmes, séries e livros.</u>	
4. Com quais objetivos você lê em sua vida cotidiana?	
<u>Para adquirir e aprender mais sobre coisas que desconheço.</u>	
5. Você frequenta lugares ou situações em que as pessoas leem? O que elas leem?	
<u>Sim. Mensagens, séries, músicas, livros / apostilas.</u>	
6. Você leu algum livro recentemente? Qual ou quais?	
<u>Sim. O príncipe e Fala nixia, mãe!</u>	



QUESTIONÁRIO SOBRE ESCRITA E LEITURA NA VIDA COTIDINA	
Nome: <u>Lucas</u>	Idade: <u>16</u>
Sexo: <input checked="" type="checkbox"/> masculino () feminino	Turma: <u>802</u>
I - A ESCRITA EM SUA VIDA COTIDIANA (FORA DA ESCOLA)	
1. Você costuma escrever fora da escola?	
() nunca () todos os dias () menos de uma vez por semana <input checked="" type="checkbox"/> mais de uma vez por semana	
2. O que você escreve fora da escola?	
<u>um diário, um desabafo com as palavras e cometa.</u>	
3. Com que finalidades você escreve fora da escola?	
<u>como a finalidade de desabafo e pensamentos.</u>	
4. Quem lê o que você escreve fora da escola?	
<u>ninguém e algo muito pessoal.</u>	
5. Você frequenta lugares ou situações em que as pessoas escrevem? O que elas escrevem?	
<u>não atualmente.</u>	
II - A LEITURA EM SUA VIDA COTIDIANA (FORA DA ESCOLA)	
1. Você costuma ler fora da escola <input checked="" type="checkbox"/> sim () não	
2. Com que frequência você costuma ler fora da escola?	
() nunca () todos os dias () menos de uma vez por semana <input checked="" type="checkbox"/> mais de uma vez por semana	
3. O que você lê fora da escola?	
<u>livros que nos fazem refletir sobre o mundo</u>	
4. Com quais objetivos você lê em sua vida cotidiana?	
<u>aprender, descobrir e por isso o conhecimento</u>	
5. Você frequenta lugares ou situações em que as pessoas leem? O que elas leem?	
<u>não atualmente.</u>	
6. Você leu algum livro recentemente? Qual ou quais?	
<u>sim o pequeno príncipe</u>	



APÊNDICE F – Questionário elaborado pela turma para as entrevistas

Colégio Estadual Coronel Francisco Lima

Projeto: Jovem, cadê sua opinião?

Professora: Eliane Balonecker

Turma: 802

Entrevistador: _____

Dados do Entrevistado

Nome: _____ Idade: _____ Sexo: _____

Tema: O Gradim que eu quero**1. O que você acha do bairro Gradim?**

- A) Eu acho o Gradim bom para morar.
- B) Penso que o Gradim é um bom bairro, mas poderia melhorar.
- C) O Gradim é um bairro sujo e perigoso, mas gosto de morar nele.
- D) O Gradim é um bairro esquecido pelo poder público, portanto precisando de muitas melhorias.

2. Quais melhorias poderiam acontecer no Gradim?

- A) Asfalto no bairro.
- B) Iluminação nas ruas.
- C) Mais segurança pública.
- D) Ordenação no trânsito.

3. O que o Gradim tem de melhor?

- A) O comércio.
- B) A feira.
- C) A praça.
- D) As pessoas que moram no bairro.

4. O que o Gradim tem de pior e precisa melhorar?

- A) A violência urbana.
- B) O transporte público.
- C) Ruas sem asfalto.
- D) Falta de coleta de lixo regular e ruas sujas.

5. Em sua opinião o bairro possui acessibilidade adequada aos deficientes físicos?

- A) O bairro Gradim não está adequado no quesito acessibilidade.
- B) O bairro Gradim está adequado no quesito acessibilidade.
- C) Eu nunca prestei atenção nisso.
- D) Só há acessibilidade em locais públicos como escolas e postos de saúde.



6. Qual a sua opinião sobre o trânsito no bairro Gradim?

- A) Não existem placas de trânsito no bairro e os semáforos costumam estar com defeito.
- B) Os motoristas não respeitam o trânsito de pedestres no bairro.
- C) Em minha opinião não há problemas no trânsito.
- D) Os pedestres não cumprem seus deveres no trânsito.

7. Você acha que o bairro oferece serviços de saúde pública adequados?

- A) Sim. Há muitos postos de saúde.
- B) Sim, porém não atendem toda a população.
- C) Não tem serviço médico adequado no bairro.
- D) Não, pois não há hospitais no bairro.

8. O Gradim possui boa iluminação pública?

- A) Eu nunca prestei atenção nisso.
- B) Todas as ruas do bairro possuem boa iluminação.
- C) A iluminação no bairro precisa de manutenção.
- D) Boa parte do bairro possui iluminação pública.

9. A coleta de lixo no bairro funciona regularmente?

- A) Funciona regularmente. As ruas são limpas.
- B) A coleta funciona regularmente, mas as pessoas não colaboram com a limpeza das ruas.
- C) Não funciona adequadamente. As ruas estão sujas.
- D) O caminhão de lixo não passa regularmente em minha rua.

10. Qual é o melhor lugar do bairro?

- A) A Praça do Gradim (Evaristo Rica Marcos).
- B) Os bares e lanchonetes.
- C) A feira.
- D) O campo de futebol.



APÊNDICE G – Autoavaliação do projeto desenvolvido no CIEP

C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Eliane Balonecker
Projeto: Jovem, cadê sua opinião?
Tema: O Gradim que eu quero
Aluno: MVPPN

Autoavaliação

- Escreva sua opinião e suas impressões sobre o projeto "Jovem, cadê sua opinião?" desenvolvido por sua turma no CIEP 250.

A visita ao CIEP foi um evento muito legal, pois a gente aprendeu e também ensinou. Então, eu achei isso muito importante, pois aprendemos a ensinar as crianças o que elas devem fazer para não se prejudicarem no futuro.

C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Ellane Balonecker
Projeto: Jovem, cadê sua opinião?
Tema: O Gradim que eu quero
Aluno: YCG

Autoavaliação

- Escreva sua opinião e suas impressões sobre o projeto "Jovem, cadê sua opinião?" desenvolvido por sua turma no CIEP 250.

Bom, no início eu não queria ir, mas decidi ir para ver como era. Fui uma vez e quis ir de novo. Foi bem legal. As crianças se comportaram bem, foi uma experiência única só de ver as crianças aprendendo algo conosco.

Um fato que me marcou na visita ao CIEP foi que um menininho falou assim para mim: "quando eu crescer quero ser igual a você." Sabe, o que ele falou ficou na minha cabeça, saber que sou uma inspiração para uma criança é bem legal.

A atividade de lavar as bonecas e bonecos foi bastante interessante. Ver as crianças tendo cuidado com os brinquedos.

Eu espero que quando eles tiverem maiores, que eles se lembrem de nós todos que fomos lá e espero rever o menininho que disse que queria ser igual a mim, quero reencontrá-lo no futuro, para ver se ele levou a inspiração para o futuro.

C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Ellane Balonecker
Projeto: Jovem, cadê sua opinião?
Tema: O Gradim que eu quero
Aluno: RFS

Autoavaliação

- Escreva sua opinião e suas impressões sobre o projeto "Jovem, cadê sua opinião?" desenvolvido por sua turma no CIEP 250.

Bom, nesses dias, todas as sextas indo para o CIEP eu aprendi muitas coisas. O que eu mais gostei foi o desfile e a aula sobre alimentação saudável.

O fato que mais me marcou foi ver as minhas professoras antigas e também o fato de ir lá com os meus colegas.

No dia do desfile, um menino levantou a mão e falou que a irmã dele estudava no Francisco Lima.

A atividade que eu mais gostei foi a que vendamos as crianças e elas tinham que descobrir qual era a fruta que eles estavam experimentando.

Gostei muito desse projeto, tudo que um dia você faz por alguém, alguém um dia fará por você.

As crianças são muito educadas e carinhosas.



C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Eliane Balonecker
Projeto: Jovem, cadê sua opinião?
Tema: O Gradim que eu quero
Aluno: JAS

Autoavaliação

- Escreva sua opinião e suas impressões sobre o projeto "Jovem, cadê sua opinião?" desenvolvido por sua turma no CIEP 250.

A visita ao CIEP 250 Rosendo Rica Marcos pra mim foi muito legal e importante, pois por mais que eles sejam crianças, a gente aprende muito, a gente aprende com qualquer pessoa.

O que mais me marcou no CIEP foi a inteligência das crianças, eles eram pequenos, mas mesmo assim, adivinhavam as frutas que dávamos para eles, mesmo estando com os olhos vendados.

A ação que mais me marcou foi a hora que oferecemos a mesa de frutas pra eles. Que educação! Totalmente diferente do que dizem por aí.

Lembro que quando ofereci mais frutas pra um menininho, ele disse: "tia, eu posso levar para o meu irmãozinho?". Aquilo me fez tão bem, pois ele estava lá, mas estava preocupado com o irmão.

Acho que o que vem no meu coração é gratidão. Pode ser clichê, mas desde aquele dia, sou outra pessoa; quero cuidar das pessoas sem precisar conhecê-las direito; quero levar o que aprendi para todos que conheço e incentivá-los a fazerem isso pelo menos uma vez na vida.



C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Eliane Balonecker
Projeto: Jovem, cadê sua opinião?
Tema: O Gradim que eu quero
Aluno: MVPPN

Autoavaliação

- Escreva sua opinião e suas impressões sobre o projeto "Jovem, cadê sua opinião?" desenvolvido por sua turma no CIEP 250.

Eu gostei do primeiro dia, para mim foi o melhor, mas os outros foram legais também, porque as crianças ficaram interessadas com as frutas e as brincadeiras que fizemos e tudo mais. Eu também achei bem divertido, porque só tinha coisas saudáveis e vários tipos de frutas diferentes.

O fato que mais me marcou, foi a terceira visita que fizemos e tiramos uma foto todos juntos, a turma 802, todas as professoras. A foto ficou linda.

As crianças ficaram muito encantadas com tudo que nós estávamos preparando pra elas, todas se divertiram muito.

O dia da arte com a mão também foi muito bom. O mural ficou lá no CIEP e as crianças gostaram bastante e todas as mãos ficaram diferentes.

C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Eliane Balonecker
Projeto: Jovem, cadê sua opinião?
Tema: O Gradim que eu quero
Aluno: JVASB

Autoavaliação

- Escreva sua opinião e suas impressões sobre o projeto "Jovem, cadê sua opinião?" desenvolvido por sua turma no CIEP 250.

Eu, aluno do Colégio Estadual Coronel Francisco Lima, tive o privilégio de ir ao CIEP 250, um lugar onde tivemos de tudo um pouco. Pude trabalhar com as crianças que são seres maravilhosos.

Juntos, elaboramos todas as atividades, que eles poderão usar como base para a vida toda. Pude fazer uma palestra falando sobre o cuidado com o corpo e a saúde. Eu falei como devemos nos alimentar corretamente. Fizemos também oficina de turbante, pois a beleza exterior também faz parte dos cuidados que devemos ter com o corpo.

Tivemos contato com crianças de todos os tipos e idade. O mais legal é que preparamos toda uma dinâmica de ensino, quando conversamos antes sobre o trabalho. Elas nos ensinaram coisas que com o tempo nós, adolescentes, perdemos. Elas nos mostraram que podemos fazer algo para melhorar o mundo.



C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Eliane Balonecker
Projeto: Jovem, cadê sua opinião?
Tema: O Gradim que eu quero
Aluno: DESMR

- Escreva um texto enunciando nele sua opinião sobre o bairro Gradim. Possíveis reflexões:

É bom ser jovem no Gradim?
O que tem de mim no Gradim?
O que o Gradim tem de melhor?
Quais opções de lazer temos no bairro?

É bom ser jovem aqui no Gradim. Quando se é jovem dá para aproveitar muito: ir para a praça, lanchar, ir à feira, nos mercados grandes com muitos produtos.

Hoje em dia muitas pessoas falam mal do bairro, mas mal sabem que o bairro é muito legal, pode não ser bonito, mas ele vive em nossos corações e também as pessoas que moram nele deixam tudo melhor.

O bairro em si tem muito lazer, a praça é um exemplo, é um lugar onde as pessoas se reúnem para fazer amizade e até para festas. A praça também é um lugar de namoro, muitas pessoas se encontram lá para darem em beijo.

Enfim, o Gradim é um bairro maravilhoso e ótimo para morar.

C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Eliane Balonecker
Projeto: Jovem, cadê sua opinião?
Tema: O Gradim que eu quero
Aluno: TASS

- Escreva um texto enunciando nele sua opinião sobre o bairro Gradim. Possíveis reflexões:

É bom ser jovem no Gradim?
O que tem de mim no Gradim?
O que o Gradim tem de melhor?
Quais opções de lazer temos no bairro?

O que tem de mim no Gradim

O que tem de mim aqui são as lanchonetes, sorveterias, os *food-trucks*. Tem também o Miguelito com aquelas coxinhas maravilhosas.

Aqui tem a praça que é muito legal e muitos eventos interessantes.

C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Eliane Balonecker
Projeto: Jovem, cadê sua opinião?
Tema: O Gradim que eu quero
Aluno: MVPPN

- Escreva um texto enunciando nele sua opinião sobre o bairro Gradim. Possíveis reflexões:

É bom ser jovem no Gradim?
O que tem de mim no Gradim?
O que o Gradim tem de melhor?
Quais opções de lazer temos no bairro?

Os jovens no Gradim

O Gradim é um bairro cheio de jovens e atividades para os jovens, por isso é um ótimo lugar. Tem praça, tem parquinho para as crianças e tem escolas boas para as pessoas estudarem.

C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Eliane Balonecker
Projeto: Jovem, cadê sua opinião?
Tema: O Gradim que eu quero
Aluno: NSB

- Escreva um texto enunciando nele sua opinião sobre o bairro Gradim. Possíveis reflexões:

É bom ser jovem no Gradim?
O que tem de mim no Gradim?
O que o Gradim tem de melhor?
Quais opções de lazer temos no bairro?

O melhor do Gradim são as diversões no fim de semana, o carnaval, o x-tudo das lanchonetes, o futebol.

As pessoas que moram aqui são boas. É muito bom viver aqui a infância e a adolescência.

C. E. Coronel Francisco Lima
Professora: Eliane Balonecker
Projeto: Jovem, cadê sua opinião?
Tema: O Gradim que eu quero
Aluno: JAS

- Escreva um texto enunciando nele sua opinião sobre o bairro Gradim. Possíveis reflexões:

É bom ser jovem no Gradim?
O que tem de mim no Gradim?
O que o Gradim tem de melhor?
Quais opções de lazer temos no bairro?

Na verdade é muito bom ser jovem aqui no Gradim, eu não moro mais aqui, mas já morei e na época que morei foi bom, tinha segurança, lugar para ficar, como a pracinha, o Tropical e o Nado Lanches.

Tem mais lugares legais, só depende de onde o jovem quer ir. Tem lugares simples, mas com boas pessoas para nos fazer companhia, assim, não importa o lugar que estamos.



ANEXO A – Autorização para o desenvolvimento da pesquisa no Colégio Estadual Coronel Francisco Lima



Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Educação
Colégio Estadual Coronel Francisco Lima

Autorização de Pesquisa

Autorizamos a professora Eliane Almeida Balonecker Siqueira da Rede de Ensino do Estado do Rio de Janeiro, matrícula 09297979, identidade 10348375-6, CPF 036.912.397/22, regularmente matriculado no Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), a realizar pesquisa de campo no Colégio Estadual Coronel Francisco Lima, São Gonçalo RJ, durante o ano letivo de 2019, sob a orientação da Professora Doutora Marcia Lisbôa de Oliveira, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

A referida pesquisa será feita com os estudantes do 8º ano do ensino fundamental, turma 802, turno da tarde. Vale lembrar que a participação dos respectivos sujeitos será por meio de adesão voluntária e acontecerá durante as aulas. Os textos e as fotos registrados dos alunos poderão ser divulgados sob prévio consentimento dos pais.

São Gonçalo, 05 de fevereiro de 2019.

Zenaide Toledo Grange Rocha
Diretora Geral

ANEXO B – Termo de autorização para uso de imagens e produções



Termo de autorização para uso de imagens e produções.

Senhor responsável,

Eu, Eliane Almeida Balonecker Siqueira, mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP – UERJ) e professora do Colégio Estadual Coronel Francisco Lima, do Município de São Gonçalo, matrícula 09297979, identidade 10348375-6, CPF 036.912.397/22, pretendo realizar, com os alunos do 8º ano, pesquisa acadêmica.

O objetivo é promover atividades que contribuam para que os alunos exercitem o protagonismo juvenil, desenvolvam a leitura e a produção de textos orais e escritos. Nesse caso, é relevante informar que faz parte da prática pedagógica desta Unidade Escolar registrar diferentes momentos com seus alunos, a fim de compartilhar, arquivar e produzir materiais com diversas experiências e metodologias inovadoras de trabalho. A divulgação de imagens e/ou produções poderá contribuir para destacar o papel da escola na sociedade e para a qualificação da educação. Sendo assim:

- a referida autorização se estende a qualquer publicação ou menção do trabalho pedagógico que venha a ser feita na mídia em geral;
- a referida autorização de uso será utilizada durante o período de fevereiro a dezembro de 2019 e sem fins lucrativos.

Eu, _____,
 RG _____, CPF _____,
 responsável pelo _____ (a)
 aluno(a) _____, autorizo
 divulgação de imagens e produções vivenciadas por ele(a) nas diferentes ações
 pedagógicas realizadas na escola, criadas ou utilizadas por esta Unidade Escolar ou
 Rede de Ensino, onde ela se encontra inserida.

São Gonçalo, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do responsável

ANEXO C – Texto motivador para o projeto “O Gradim que eu quero”

Colégio Estadual Coronel Francisco Lima	Turma: 802	Data: ____/____/____
Aluno(a): _____		Nº _____

- Leia o texto abaixo do autor Romário Régis. Após, faremos um debate sobre o nosso bairro.

Um amor chamado Gradim

Gosto muito de todos os bairros da cidade, mas tenho uma queda em especial pelo Gradim. Foi nele que sai da infância e me transformei em adulto. Talvez não seja o bairro mais famoso ou procurado da cidade, mas sem dúvida é o mais charmoso.

O Gradim é literalmente a porta do Paraíso. Um bairro tranquilo de gente bonita e sorridente. Às vezes tem confusão, mas nada que acabe com o brilho dos bons finais de semana cheios de cerveja, churrasco e ócio.

Tem a praça das crianças na parte do parque, tem a praça dos lanches, tem a praça de quem madruga e tem a praça dos bastidores que ninguém ousa revelar. Tem os casais que namoram no escurinho da Vicente Cardoso a pé ou os que namoram de carro na Restinga. Tem os mais ousados ainda que vão lá para a BR, mas ai é ter muita disposição.

No Gradim, todo mundo se conhece. Mesmo quem não se fala, já sabe quem namora com quem, quem deve, quem é legal e quem é escroto. Os donos de mercado já sabem, no olho, se aceitam fiado ou não dos moradores. Aliás, fofoca não é algo isolado no Gradim. Fofoca é premissa para morar aqui. Todo mundo é um fofoqueiro em potencial e por isso convivemos bem. É como se todos soubessem da vida dos outros e ficassem fingindo que nada aconteceu. Basta alguém passar, rolar um Oi e pronto, os cochichos logo começam.

Sabemos quem engravidou quem, quem foi preso, quem brigou, quem ficou rico, quem está desempregado, quem foi pro Uber, quem fugiu, quem foi solto, quem morreu e tudo isso em poucos minutos depois de acontecer. Somos melhores em comunicação do que o Jornal Nacional.

Nosso bairro tem uma rivalidade no futebol, por conta do Campo do Marimbondo e do Campo da Igrejinha. Tem rivalidade no carnaval por conta das duas escolas de samba. Tem rivalidade no amor, porque todo mundo tem um ou uma amante em potencial no bairro. Que bairro! Entre a paz e a confusão, ele sobrevive com todo mundo crescendo junto.

Falando em Escola de Samba, não podia esquecer do Carnaval do Gradim. Que carnaval senhores! É no carnaval que todo mundo se encontra, pelo menos uma vez ao longo da semana. Conseguimos saber quem emagreceu, quem engordou, quem casou, quem tem filho, quem está mais feio ou bonito. Parece que o tempo passa e o carnaval continua o mesmo. Sempre tem o bloco do "O Rei Morreu" que junto dos seus 5 integrantes nunca deixa de passar. Tem a cama elástica que fica na esquina da Basílio Costa. Tem o Churrasco da esquina da João Cândido, tem a festa que nunca acaba mesmo com a casa de shows mudando no final da Capitão João Manoel.

Ah! No Gradim também tem o saudosismo da festa da Primavera, que mesmo sendo fora de período de comemorações, lotava as ruas. Tem a saudade dos bares temáticos de cada time, tem a saudade de quando você ia pra rua e a qualquer momento tinha gente brigando por conta de futebol. Tem a saudade de brincar na rua sem medo de assalto.

Gradim é terra de comprar pão cedinho no mercado Mancebo. Terra de lembrar que na esquina do mercado, na época chamado Galo Branco, tinha um pastel artesanal que virou a CPI dos Caldos. Gradim é terra comprar pão com o padeiro de bicicleta que ninguém sabe o nome, mas todo mundo se diverte com sua simpatia. É terra de vizinho não se gostar, mas viver dando sorriso um pro outro exalando solidariedade pública, mas se mordendo por dentro.

Nosso bairro tem mitos também. Tem o mito de que a Rua dos Portugueses é a rua das mulheres mais bonitas no Bairro. Tem o mito de que toda noite algum x-tudo está aberto à madrugada inteira. Tem o mito de que nosso bairro é o maior celeiro de jogadores de São Gonçalo. Enfim, temos lendas urbanas que invejam os melhores contos da Disney.

Ai de ti, Gradim. Que você nunca perca essa graça. Que o tempo passe, a gente envelheça e você continue charmoso como sempre foi. Mesmo com seus problemas, como é bom caminhar por você sabendo que nossas histórias sempre estarão registradas nos asfaltos do bairro.

<https://simsaogoncalo.com.br/bairros/um-amor-chamado-gradim/>

CS Scanned with CamScanner

ANEXO D – Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: AUTONOMIA, LETRAMENTOS SOCIAIS E ARGUMENTAÇÃO EM PRODUÇÕES TEXTUAIS ORAIS E ESCRITAS DE ALUNOS DO OITAVO ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 31			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: ELIANE ALMEIDA BALONECKER SIQUEIRA			
6. CPF: 036.912.397-22	7. Endereço (Rua, n.º): RODOVIA ERNANI DO AMARAL PEIXOTO FLAMENGO Rua 2 Lote 7 Quadra 4 MARICA RIO DE JANEIRO 24904100		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 21994729158	10. Outro Telefone:	11. Email: elianebalancecker@yahoo.com.br
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: ____ / ____ / ____		Assinatura _____	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ		13. CNPJ:	14. Unidade/Órgão: Instituto de Letras
15. Telefone: (21) 2334-0165	16. Outro Telefone:		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: _____		CPF: _____	
Cargo/Função: _____			
Data: ____ / ____ / ____		Assinatura _____	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

